

LICÇÕES BÍBLICAS

Com Espaço para Anotações

Professor

ADULTOS | 1º TRIMESTRE 2026



A Santíssima Trindade

O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas

VOCÊ SABE O QUE É CRISTOLOGIA PAULINA?

“mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos.” I Co 1.23

Qualquer pessoa que ler, ao menos, uma parte dos escritos de Paulo reconhecerá já de início que a sua devoção a Cristo era a principal realidade e paixão da sua vida. O que ele disse em uma das suas últimas cartas serve como uma espécie de lema para toda a sua vida cristã: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho” (Fp 1.21).

Se Cristo é a paixão singular da vida de Paulo, o centro desta paixão está na obra salvífica de Cristo; e Paulo deixa isto claro com muita frequência: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras” (1Co 15.3b).

Portanto, a Cristologia Paulina trata da compreensão de Paulo acerca da pessoa de Cristo. Segundo o teólogo e exegeta Gordon D. Fee, estudar as suas epístolas nos permite ver a pessoa de Cristo em termos de quem Paulo entendia que Ele era, e de como Paulo enxergava o relacionamento entre Cristo, como o Filho de Deus e Senhor, e o Deus Único, como o Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo, que agora também se revelou como nosso Pai.





LIÇÕES BÍBLICAS

Professor | 1º Trimestre de 2026
Comentarista: Douglas Baptista

SUMÁRIO

A Santíssima Trindade

O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas

<i>Lição 1 – O Mistério da Santíssima Trindade</i>	3
<i>Lição 2 – O Deus Pai</i>	13
<i>Lição 3 – O Pai Enviou o Filho</i>	22
<i>Lição 4 – A Paternidade Divina</i>	31
<i>Lição 5 – O Deus Filho</i>	39
<i>Lição 6 – O Filho como o Verbo de Deus</i>	48
<i>Lição 7 – A Obra do Filho</i>	57
<i>Lição 8 – O Deus Espírito Santo</i>	66
<i>Lição 9 – Espírito Santo – O Regenerador</i>	77
<i>Lição 10 – Espírito Santo – O Capacitador</i>	87
<i>Lição 11 – O Pai e o Espírito Santo</i>	96
<i>Lição 12 – O Filho e o Espírito</i>	106
<i>Lição 13 – A Trindade Santa e a Igreja de Cristo</i>	116



**Presidente da Convenção Geral
das Assembleias de Deus no Brasil**
José Wellington Costa Junior

Presidente do Conselho Administrativo
José Wellington Bezerra da Costa

Diretor Executivo
Ronaldo Rodrigues de Souza

Gerente de Publicações
Alexandre Claudino Coelho

Consultor Doutrinário e Teológico
Elienai Cabral

Gerente Financeiro
Josafá Franklin Santos Bomfim

Gerente de Produção
Jarbas Ramires Silva

Gerente Comercial
Cícero da Silva

Gerente da Rede de Lojas
João Batista Guilherme da Silva

Gerente de TI
Rodrigo Sobral Fernandes

Gerente de Comunicação
Leandro Souza da Silva

Chefe do Setor de Educação Cristã
Marcelo Oliveira

Chefe do Setor de Arte & Design
Wagner de Almeida

Editor
Marcelo Oliveira

Revisão
Ana Paula Nogueira
Jorge Alex dos Anjos

Projeto Gráfico
Leonardo Engel | Marlon Soares

Diagramação e Capa
Leonardo Engel

Av. Brasil, 34.401 - Bangu
Rio de Janeiro - RJ - Cep 21852-002
Tel.: (21) 2406-7373
www.cpad.com.br



LIÇÕES BÍBLICAS

Prezado(a) professor(a),

Este trimestre é um convite à adoração e ao aprendizado mais profundo sobre a natureza de Deus, que se revela como Pai, Filho e Espírito Santo. Ao longo das lições, estudaremos a Trindade e compreenderemos que essa é uma das melhores formas de conhecermos mais claramente nosso papel no Reino e na Igreja de Cristo.

Nesta trilha de aprendizado, refletiremos sobre o Pai, que nos amou desde a eternidade; o Filho, que veio ao mundo para nos salvar; e o Espírito Santo, que habita poderosamente em nós. Cada lição mostrará como as três Pessoas divinas atuam em perfeita unidade na Criação, Redenção e Santificação do ser humano.

Convidamos você, seja novo ou maduro na caminhada da fé, a se lançar neste oceano de revelação de Deus por meio da sua Palavra. Aproveite cada lição, cada ensinamento e cada oportunidade de crescer na graça e no conhecimento. Mais do que conhecer a doutrina, desejamos que este trimestre nos leve a adorar, nos relacionar e nos deixar moldar pelo Deus Trino.

Bom trimestre!

José Wellington Bezerra da Costa
Presidente do Conselho
Administrativo

Ronaldo Rodrigues de Souza
Diretor Executivo

LIÇÃO 1

4 de Janeiro de 2026



O MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

TEXTO ÁUREO

*“Este é o meu Filho amado,
em quem me comprazo.”
(Mt 3.17)*

VERDADE PRÁTICA

*A doutrina da Trindade é
central à fé cristã: um só Deus
em três Pessoas que coexistem
e atuam harmoniosamente na
Obra da Redenção.*

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Mc 1.9-11

A Trindade revelada no batismo
de Jesus

Terça – Is 42.1

O Servo do Senhor em quem
Deus se compraz

Quarta – Mt 28.19

A fórmula batismal trinitária na
Grande Comissão

Quinta – 2 Co 13.13

A bênção apostólica e a
comunhão trinitária

Sexta – Ef 4.4-6

Um só Espírito, um só Senhor,
um só Deus

Sábado – 1 Pe 1.2

A obra redentora trinitária: Pai,
Filho e Espírito Santo

Mateus 3.13-17

13 - Então, veio Jesus da Galileia ter com João junto do Jordão, para ser batizado por ele.

14 - Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?

15 - Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu.

16 - E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

17 - E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.



Hinos Sugeridos: 4, 8, 100 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

Neste trimestre, estudaremos a doutrina bíblica da Trindade. Na presente lição, com base na revelação do batismo de Jesus, compreenderemos como o Pai, o Filho e o Espírito Santo coexistem em perfeita unidade e atuam conjuntamente na obra da salvação. Analisaremos a distinção e a unidade das Pessoas divinas e veremos a relevância dessa verdade para a fé e a vida cristã. Para nos auxiliar nesta tarefa, contaremos com o pastor Douglas Baptista, comentarista da lição, líder da Assembleia de Deus Missão no Distrito Federal, presidente do Conselho de Educação e Cultura da CGADB e vice-presidente da Rede Assembleia-na de Ensino (RAE). Teólogo, mestre em Ciências da Religião, doutor em Teologia e pós-doutor em Educação, é autor de diversas obras publicadas pela CPAD.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Explicar a revelação da Trindade no batismo de Jesus; II) Mostrar a unidade e a distinção das Pessoas divinas à luz das Escrituras; III) Enfatizar a importância da doutrina trinitária para a fé cristã.

B) Motivação: Você já participou de uma tarefa em equipe em que todos trabalhavam de forma perfeita e harmoniosa? A Trindade é um exemplo eterno de unidade e cooperação: três Pessoas distintas, mas um único Deus. Ao estudarmos esta doutrina, veremos como o Pai, o Filho e o Espírito Santo atuam juntos na criação, na redenção e na santificação.

C) Sugestão de Método: Como introdução, leia Mateus 3.13-17 com a turma. Peça aos alunos que identifiquem as três Pessoas divinas que aparecem no texto e como cada uma se manifesta. Em seguida, apresente o conceito bíblico de Trindade e

destaque que a fé cristã é trinitária desde sua origem.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: Devemos confessar, ensinar e viver a fé trinitária. A compreensão correta dessa doutrina preserva a verdade do Evangelho e nos conduz a uma vida de adoração e comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Negar a Trindade é distorcer a identidade do próprio Deus revelado nas Escrituras.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista

que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.36, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “Batismo”, localizado depois do primeiro tópico, aprofunda o tema da revelação trinitária a partir do conceito de batismo e da importância deste episódio no ministério de Jesus; 2) O texto “Deus”, ao final do segundo tópico, aprofunda a unidade bíblica de Deus e distinção das pessoas divinas.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O batismo de Jesus retrata um dos momentos da revelação divina sobre a natureza trinitária de Deus.

Nele, de maneira simultânea, as três Pessoas da Trindade se manifestam: o Filho é batizado, o Espírito Santo desce como pomba e o Pai fala dos céus. O episódio fornece uma base sólida para a doutrina da Trindade. Nesta lição, vamos abordar o mistério da Trindade sob três aspectos: a revelação no batismo de Jesus, a distinção e unidade das pessoas divinas e a relevância da Trindade para a fé cristã.

Palavra-Chave
Trindade

ser batizado por João Batista (Mt 3.13). Este ato, à primeira vista, pode parecer desnecessário, já que Jesus não era um pecador (2 Co 5.21; Hb 4.15).

Contudo, Ele disse: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3.15). Jesus não precisava ser batizado como uma forma de expressar arrependimento (Mt 3.6). Contudo,

Ele submeteu-se a essa tradição judaica, associando-se à condição dos pecadores que veio salvar (Mt 5.17). Assim, o batismo de Jesus é um gesto de identificação com a humanidade pecadora e uma atitude de obediência ao plano redentor do Pai. Esse é o início visível da missão messiânica, que culminaria na cruz (Fp 2.8).

I – A REVELAÇÃO TRINITÁRIA NO BATISMO DE JESUS

1. O batismo do Filho: a obediência de Cristo. Jesus, o Deus encarnado (Jo 1.14), desceu às águas do Jordão para

2. A descida do Espírito: a unção para o Ministério. Logo após sair das águas, Jesus viu os céus se abrirem e

Jesus viu os céus se abrirem e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea como uma pomba (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32). Essa manifestação visível indicava ser Ele o Messias prometido, o Cristo, literalmente “o Ungido” de Deus (Is 11.2; 42.1). Essa unção, porém, não deve ser confundida como uma “adoção do Espírito”, como se Jesus passasse a ser o Messias naquele instante. Antes mesmo do batismo, Ele já era o Filho de Deus (Lc 1.32). Portanto, a vinda do Espírito sobre Jesus na ocasião do batismo representa sua unção pública e visível, marcando o início de seu ministério terreno e capacitando-O para cumprir a missão redentora, conforme as profecias messiânicas (Is 61.1,2; Lc 4.18–21).

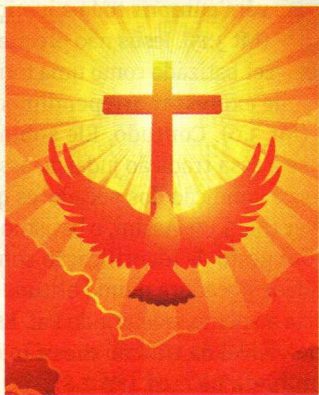
3. A voz do Pai: a aprovação celestial. Por fim, uma voz audível do céu proclama: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17; Lc 3.22; Mc 1.11). Trata-se de uma declaração solene e pública do Pai, que não apenas confirma a identidade messiânica, mas também a divindade de Jesus.

Essa afirmação remete às mensagens messiânicas e proféticas de que Jesus é o Filho eterno, o Ungido de Deus, aquele que agrada plenamente ao Pai (Sl 2.7; Is 42.1). A voz celestial não inaugura sua Filiação, mas a proclama diante da humanidade, confirmando a encarnação do Verbo (Jo 1.14). Desse modo, a voz de Deus no batismo autentica não somente a missão redentora de Jesus, mas, ainda, demonstra sua Filiação divina: Ele é o Filho em quem o Pai tem completo prazer.

SINOPSE I

A revelação da Trindade no batismo de Jesus confirma que o Pai, o Filho e o Espírito Santo coexistem eternamente e atuam harmoniosamente na obra da redenção.

AMPLIANDO O CONHECIMENTO



“DEUS É TRINO (isto é, três-em-Um)
– Ele é um Deus, um único Ser (Dt 6.4; Is 45.21; 1 Co 8.5–6; Ef 4.6; 1 Tm 2.5), que se revelou em três pessoas distintas (não separadas), mas inter-relacionadas e completamente unidas: Pai, Filho e Espírito Santo (p.ex., Mt 28.19; 2 Co 13.14; 1 Pe 1.2). Cada pessoa é completamente divina (isto é, completamente Deus) e igual às outras; no entanto, não são três Deuses, mas apenas um Deus.” Amplie mais o seu conhecimento, lendo a obra **Bíblia de Estudo Pentecostal Edição Global**, editada pela CPAD.

“**BATISMO.** O ritual iniciatório do cristianismo. O rito é de grande importância para conectar o indivíduo a Cristo e à comunidade maior de crentes. O batismo carrega uma igual medida de simbolismo e tradição, evocando uma conexão entre a circuncisão pactuada e a purificação ritual do AT e a regeneração e renovação do NT. O precursor imediato do batismo cristão foi o batismo de João Batista (Mt 3 e paralelos), um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados, preparando os corações dos pecadores para a vinda do Messias. Jesus, embora sem pecado algum, foi batizado por João para ‘cumprir toda a justiça’ (Mt 3.15, NVI), identificando-se assim com os pecadores e com a missão de redenção que o Pai lhe havia confiado. João havia predito que o Messias traria “o batismo com o Espírito e com fogo” (Mt 3.11). Os discípulos de Jesus continuaram o batismo de João durante o seu ministério terreno (Jo 4.1,2).

O batismo foi imediatamente importante na Igreja Primitiva, pois Jesus ordenara aos discípulos: ‘... fazei discípulos [...] batizando-os’ (Mt 28.19, ARA). Após a morte e a substituição de Judas, entre os ‘que conviveram conosco [...] desde o batismo de João’ (At 1.21,22). O primeiro sermão cristão foi: ‘Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado’ (2.38). Os apóstolos lideraram os novos crentes em Cristo imediatamente ao batismo (2.13,38; 8.9,10; 10.48; 16.15,33; 18.8; 19.5; 22.16)” (LONGMAN III, Tremper

(Ed.). **Dicionário Bíblico Baker.** Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p.76).

II – A DISTINÇÃO E A UNIDADE DAS PESSOAS DIVINAS

1. Unidade e distinção pessoal. A doutrina da Trindade afirma que Deus é uma só essência (Gr. *ousia*), mas subsiste em três pessoas distintas (Gr. *hipóstases*). A Obra da Redenção, por exemplo, é trinitária em sua essência: o Pai planeja e elege (Ef 1.4); o Filho executa a obra expiatória (Jo 3.16; Hb 9.12); e o Espírito aplica os benefícios da salvação (Tt 3.5; Rm 8.16). Assim, a unidade divina, longe de contradizer a Trindade, é enriquecida por ela, revelando um Deus que é, ao mesmo tempo, uno em essência e Triúno em Pessoa. O Deus bíblico não é uma unidade absoluta, monolítica ou impessoal, mas sim uma unidade composta e dinâmica, eternamente subsistente em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo.

2. A Pluralidade na Unidade no Antigo Testamento. O Antigo Testamento aponta para uma pluralidade dentro da unidade divina. O nome hebraico *Elohim*, plural de *Eloah*, é utilizado para designar o Deus único de Israel: “No princípio, criou Deus (*Elohim*) os céus e a terra” (Gn 1.1). No texto, o sujeito (Deus) está no plural, enquanto o verbo “criou” (*bara*) está no singular, indicando uma pluralidade pessoal em uma única essência divina. Essa estrutura gramatical incomum reaparece em outros textos bíblicos (cf. Gn 1.26; 3.22; 11.7; Is 6.8). Essas passagens evidenciam que o monoteísmo do AT não nega a Trindade, mas admite pluralidade interna na divindade. Assim sendo, a doutrina

da Trindade não contraria a unidade de Deus conforme revelada nas Escrituras, mas a completa e a qualifica.

3. A Trindade Explicitada no Novo Testamento. A Trindade não é vista como três deuses, mas como três Pessoas em um único Deus. Por exemplo, na fórmula batismal “batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19); o substantivo singular “nome” (Gr. *ónoma*), indica uma só essência, seguida por três Pessoas distintas. O mesmo ocorre na bênção apostólica “a graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos” (2 Co 13.13); esse texto associa as três Pessoas de modo equitativo.

Ainda, as Escrituras afirmam que fomos “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1 Pe 1.2); aqui a participação das três Pessoas divinas na obra da salvação é nitidamente evidenciada. E Paulo acrescenta “há um só corpo e um só Espírito... um só Senhor... um só Deus e Pai de todos” (Ef 4.4-6); essa tríade (Espírito, Senhor, e Deus Pai) reflete obviamente a estrutura trinitária da divindade.

SINOPSE II

A unidade e a distinção das Pessoas divinas mostram que a Trindade não é três deuses, mas um só Deus em essência, revelado como Pai, Filho e Espírito Santo.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

“DEUS. O nome pessoal de Deus mais importante é *Yahweh* (YHWH), que é traduzido na maioria das bíblias por ‘O Senhor’. Na sarça ardente, no deserto de Horebe, Deus primeiramente revelou a Moisés o seu nome pessoal em forma de sentença: ‘EU SOU O QUE SOU’ (Êx 3.13-15). Embora ponto de debate, o nome divino “YHWH” parece originar-se de uma forma abreviada dessa frase. Jeová, que falou com Moisés e com seu povo na época do Êxodo, é o Deus que estava com Abraão, Isaque, Jacó. De acordo com o testemunho de Jesus, ‘o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó’ é identificado como o Deus ‘dos vivos’ (Mt 22.32). [...] O Deus cristão da Bíblia é o Deus trino. Deus é um, porém existe em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito (Mt 28.19). O Filho é um com o Pai (Jo 10.30) e é identificado também como ‘Filho do homem’ e ‘Senhor’ e ‘Deus’ (Mt 1.25; Jo 20.28; 2 Co 3.17,18; Gl 3.28; 5.3,4; 10.16; 1 Tm 3.16; Tt 2.13; 2 Pe 1.1). Todos os três compartilharam a mesma obra da criação (Gn 1.1-3), salvação (1 Pe 1.2), habitação (Mt 28.18-20; At 16.6; Jo 14.17; 1 Co 3.4.2)” (LONGMAN III, Tremper (Ed.). **Dicionário Bíblico Baker**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p.76).

III – A RELEVÂNCIA DA TRINDADE PARA A FÉ CRISTÃ

1. Desenvolvimento doutrinário da Trindade. A doutrina da Trindade não é uma elaboração tardia da fé cristã, ela



A doutrina da Trindade é inseparável do Evangelho, pois o Deus que salva é o mesmo que se revela.”

emerge das Escrituras como a revelação progressiva do Deus vivo (Dt 6.4; Mc 12.29; Rm 1.3,4; Is 7.14; Jo 16.13; 2 Co 3.17). Sua plena compreensão foi definida nos primeiros séculos da Igreja. O *Concílio de Niceia* (325 d.C.) proclamou que o Filho é “da mesma substância” (Gr. *homoousios*) do Pai, condenando a ideia de que Ele fosse uma criatura exaltada. O *Concílio de Constantinopla* (381 d.C.) completou a formulação trinitária ao afirmar a divindade do Espírito Santo. Desde os primeiros séculos, estudiosos da fé cristã têm ensinado a perfeita unidade em Deus, sem confundir a identidade de cada pessoa divina. Assim, aprendemos que o Pai, eterno e não gerado, é a fonte; o Filho é gerado do Pai; e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Desse modo, o apóstolo Paulo ensina a natureza trinitária da espiritualidade cristã: o cristão ora ao Pai, por meio do Filho, no poder do Espírito Santo (Ef 2.13,18).

2. Implicações doutrinárias. A negação da Trindade resultou em heresias. O triteísmo (crença em três deuses separados) viola a unidade de Deus, pois a Bíblia revela a existência de “um só Deus” (1 Co 8.6). O unitarismo afirma que somente o Pai é Deus, negando a divindade de Cristo e do Espírito Santo,

contrariando as Escrituras que ensinam a divindade de ambos (Jo 1.1; At 5.3,4). O unicismo (ou modalismo), ensina que Deus se manifesta em três formas sucessivas, porém, no batismo de Jesus está claro que as três pessoas são distintas e se manifestaram simultaneamente (Mt 3.16,17). Assim sendo, o monoteísmo bíblico ensina que “há um só Deus que subsiste em três pessoas distintas”. A compreensão distorcida dessa doutrina tem sérias implicações para a salvação: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). A doutrina da Trindade é inseparável do Evangelho, pois o Deus que salva é o mesmo Deus que se revela.

SINOPSE III

A doutrina da Trindade é indispensável para a fé cristã, pois revela o Deus que salva e garante a integridade do Evangelho.

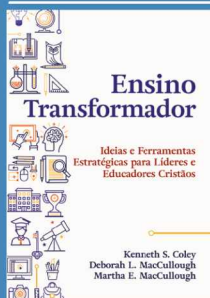
CONCLUSÃO

Compreender a Trindade é fundamental para manter a fidelidade doutrinária. Ela não apenas protege a integridade da revelação de Deus, mas também sustenta toda a estrutura da salvação. Crer na Trindade é crer no Deus que salva e que se manifesta plenamente como Pai, Filho e Espírito Santo. Por isso, a doutrina da Trindade deve ser confessada, celebrada e ensinada como um fundamento inegociável da fé cristã.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. Por que Jesus desceu às águas do Jordão para ser batizado por João Batista, se ele não precisava ser batizado como expressão de arrependimento?
Porque Ele quis identificar-se com os pecadores e cumprir toda a justiça.
2. O que significava a manifestação visível do Espírito no batismo de Jesus?
Foi a unção pública e visível para o início do seu ministério messiânico.
3. O que afirma a doutrina da Trindade no que diz respeito à unidade e distinção pessoal de Deus?
Que Deus é um só em essência, mas subsiste em três Pessoas distintas.
4. Qual a relevância do desenvolvimento doutrinário da Trindade para a fé cristã?
Preservar a verdade do Evangelho e a integridade da revelação de Deus.
5. Explique a diferença entre triteísmo, unitarismo e unicismo.
O triteísmo crê em três deuses separados; o unitarismo nega a divindade do Filho e do Espírito; o unicismo ensina que Deus se manifesta em modos diferentes, mas não como Pessoas distintas.

LEITURAS PARA APROFUNDAR



Ensino Transformador

Esta é uma obra essencial para educadores cristãos, oferecendo uma abordagem integral e bíblica para o ensino. Este livro fornece ferramentas para desenvolver uma cosmovisão bíblica aplicada ao ensino, abordando teorias de aprendizagem, neuroeducação, designer educacional e inspirando a transformação na vida dos alunos.



Teologia Sistemática Pentecostal

Uma obra escrita pelos principais expoentes da doutrina pentecostal brasileira. Ela aborda temas como: Eclesiologia, Angelologia, Soteriologia e muito mais. Uma ótima fonte de aprendizado e conhecimento da doutrina pentecostal em solo brasileiro.

LIÇÃO 2

11 de Janeiro de 2026

O DEUS PAI

TEXTO ÁUREO

*“Ninguém conhece o Pai,
senão o Filho e aquele
a quem o Filho o quiser
revelar.” (Mt 11.27c)*

VERDADE PRÁTICA

*Conhecemos a identidade,
os atributos e a glória
do Deus Pai por meio da
revelação de Cristo e da
ação do Espírito Santo.*

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Mt 6.9

O Pai é o nosso Pai celestial

Terça – Dt 6.4

O Senhor é o único Deus
verdadeiro

Quarta – Jo 5.26

O Pai tem a vida em si mesmo

Quinta – 1 Tm 2.5

O Filho é mediador entre o Pai
e os homens

Sexta – Gn 17.1

Deus, o Pai, é Todo-Poderoso

Sábado – Êx 3.14

Deus é o “Eu Sou”

Mateus 11.25-27; João 14.6-11

Mateus 11

25 - Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos.

26 - Sim, ó Pai, porque assim te aprouve.

27 - Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

João 14

6 - Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.

7 - Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis e o tendes visto.

8 - Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta.

9 - Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?

10 - Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras.

11 Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras.



Hinos Sugeridos: 27, 141, 581 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A doutrina da Trindade nos apresenta o Pai como a Primeira Pessoa divina, de quem procedem o Filho e o Espírito Santo. Nesta lição, estudaremos a identidade, a revelação e a pessoa de Deus Pai. Veremos que Ele é o único Deus verdadeiro, a fonte da divindade, e que age por meio do Filho e do Espírito. Também compreenderemos que o Pai se revela plenamente em Cristo e que seus atributos e nomes expressam sua natureza e glória. Nosso propósito é aprofundar o conhecimento bíblico sobre quem é o Pai e fortalecer nosso relacionamento com Ele.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Reconhecer, biblicamente, a identidade de Deus Pai; II) Entender que o Pai se revela plenamente em Cristo; III) Identificar atributos e nomes que expressam a natureza de Deus Pai.

B) Motivação: Muitos têm ideias distorcidas sobre quem é Deus, influenciados por tradições humanas ou experiências pessoais com figuras paternas. A Bíblia, porém, nos revela o Pai verdadeiro: santo, amoroso, fiel e presente. Ao conhecer o Pai revelado por Jesus, nossa fé se firma na verdade e nosso coração se enche de confiança e adoração.

C) Sugestão de Método: Comece pedindo aos alunos que descrevam com uma palavra como imaginam Deus Pai. Anote as respostas no quadro. Em seguida, leia Mateus 11.25-27 e João 14.6-11. Peça que a turma identifique no texto como Jesus apresenta o Pai. Use as respostas para introduzir o estudo da lição. Você pode dividir a turma em pequenos grupos e dar a cada um uma passagem bíblica sobre atributos ou nomes de Deus Pai, pedindo que leiam e expliquem o que o texto revela sobre Ele.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: Conhecer o Pai é o núcleo da vida eterna (Jo 17.3). Isso implica não apenas saber sobre Ele, mas experimentar seu amor, obedecer à sua vontade e refletir seus atributos comunicáveis em nossa conduta diária. A revelação de Deus

Pai em Cristo é convite à intimidade, à adoração sincera e ao compromisso com sua obra.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão.

Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.37, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “Abba, Pai”, localizado depois do primeiro tópico, explica a identidade de Deus como Pai; 2) O texto “O Privilégio de ser filho de Deus”, ao final do segundo tópico, aprofunda a realidade do nosso relacionamento com Deus Pai por meio de Jesus, o seu Filho.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A doutrina da Trindade é um mistério revelado e central à fé cristã: um só Deus em três Pessoas coeternas, consubstanciais e distintas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Dentre essas três Pessoas, estudaremos nesta lição a Identidade, a Revelação e a Pessoa de Deus, o Pai. Aquele de quem procedem o Filho e o Espírito. Ele é a fonte eterna da divindade: Criador, Redentor e Revelador. Por meio da fé, somos convidados a conhecer e nos relacionar com o Pai Celestial.

Palavra-Chave
Pai

I – A IDENTIDADE DE DEUS, O PAI

1. O Pai é o único Deus verdadeiro.

O Pentateuco declara “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6.4). Deus, no Antigo Testamento, é um só Deus, que se revela pelos seus nomes, pelos seus atributos e pelos seus atos (Horton, 1997, p. 159). O Novo Testamento apresenta o Pai como Deus por excelência, identificado seis vezes com o título de “Deus Pai” (Jo 6.27; 1 Co 15.24; Gl 1.1,3; Ef 6.23; 1 Pe 1.2). Além dessas ocorrências

explícitas, a Bíblia frequentemente se refere a Deus como “Pai”, destacando seu papel como Criador e Sustentador do Universo (Is 63.16; Mt 6.9; Ef 4.6). O próprio Jesus se refere a Deus como “Pai”, e ensina os discípulos a orarem “Pai nosso, que estás nos céus” (Mt 6.9), reforçando a necessidade de um relacionamento pessoal com Deus.

2. O Pai é a fonte da divindade.

Nossa *Declaração de Fé* professa que Deus é o Supremo Ser, é Eterno, nunca teve começo, princípio e nunca terá fim (Dt 33.27), pois Ele existe por si mesmo: “como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5.26). Ele é o Deus imutável, desde a eternidade, desde antes da fundação do mundo (Sl 90.2; Ml 3.6; Tg 1.17). Ele é o Criador do céu e da terra, e de tudo que neles existe (Is 45.18; At 17.24). Ele é o Deus Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (Jo 20.31); Ele é Espírito doador e mantenedor de toda a vida (Jó 33.4). O Pai é a Primeira Pessoa divina da Santíssima Trindade, portanto, Ele é a origem e fonte eterna da divindade, de quem o Filho é gerado e de quem o Espírito procede (Jo 15.26; Hb 1.1-3).

3. O Pai age por meio do Filho e do Espírito. A paternidade é o papel da primeira pessoa da Trindade. Assim, o Pai opera por meio do Filho e por meio do Espírito Santo (1 Co 12.4-6; Ef 4.4-6). Isso não implica inferioridade, mas expressa a maneira como as três Pessoas operam inseparavelmente, cada uma conforme sua distinção pessoal. O Pai proclamou as palavras criadoras (Sl 33.9), e o Filho as executou (Jo 1.3). O Pai planejou a redenção (Tt 1.2), e o Filho as realizou (Jo 17.4). Quando o Filho retornou ao céu, o Espírito Santo foi enviado pelo Pai e pelo Filho para

ser o Consolador e Ensinador (Jo 14.26). Conforme o *Credo de Atanásio* (Séc. V): “nenhuma das três pessoas é antes ou depois da outra; nenhuma é maior ou menor do que outra. Mas as três pessoas são coeternas e coiguais”.

SINOPSE I

Deus Pai é o único Deus verdadeiro, eterno e soberano, a fonte da divindade, que age por meio do Filho e do Espírito Santo.

AUXÍLIO TEOLÓGICO

ABBA, PAI

“Paulo designou Deus como ‘*abba*’ em duas ocasiões: ‘Porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai [gr. *ho pater*]’ (Gl 4.6). ‘Não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai [gr. *ho pater*]. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus’ (Rm 8.15,16). Isto é: na Igreja Primitiva, os cristãos judaicos estariam invocando Deus, dizendo: ‘Abba, ‘Ó Pai!’ e os cristãos gentios estariam exclamando: *Ho Pater*, ‘Ó Pai!’ Ao mesmo tempo, o Espírito Santo estaria tornando real para eles que Deus é, de fato, o Pai de todos. A qualidade incompa-

rável do termo acha-se no fato de que Jesus lhe atribuiu uma ternura incomum. Além do mais, caracterizava muito bem o seu próprio relacionamento com Deus, e também o tipo de relacionamento que Ele queria, em última análise, que os seus discípulos tivessem com o Pai” (HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p.151).

II – O PAI REVELADO EM CRISTO

1. O Pai se revela aos humildes. Jesus exalta ao Pai acerca de uma profunda verdade espiritual: “...ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos, e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11.25). Os primeiros, intitulados sábios (gr. *sophós*) são aqueles que detêm “inteligência e educação acima da média”. Os outros, os instruídos (gr. *synetós*), são as pessoas com “cultura e instrução”. Esses vocábulos caracterizam os fariseus e os escribas, que se vangloriavam de sua formação privilegiada, mas que padeciam de cegueira espiritual. Significa que os mistérios do Reino de Deus não são revelados aos soberbos, aos que se consideram sábios aos próprios olhos (Pv 3.7). O Pai se dá a conhecer aos “pequeninos” (gr. *népios*), àqueles que possuem a humildade das crianças (Mt 18.2-4).

2. O Pai se faz conhecer pelo Filho. Cristo afirma que o conhecimento do Pai é mediado exclusivamente por Ele. A intimidade entre o Pai e o Filho é absoluta e perfeita: “ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o

Filho o quiser revelar” (Mt 11.27). Essa declaração revela dois princípios importantes: (1) o Pai é um ser pessoal e relacional (Sl 46.10; Is 46.9); e, (2) só é possível conhecer a Deus por meio do Filho, o único mediador entre Deus e os homens (Jo 14.6; 1 Tm 2.5). O Filho é o intérprete supremo do Pai, o único capaz de revelar sua natureza, vontade e amor (Jo 1.18; Hb 1.1). Sem Cristo, qualquer tentativa de conhecer o Pai será incompleta ou distorcida, e fadada ao erro e a idolatria (Jo 10.30; Cl 1.15; 2.8,9).

3. Quem vê o Filho vê o Pai. No diálogo com Filipe, Jesus revela outra verdade sublime: “quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14.9). Essa declaração ratifica à doutrina da unidade da Trindade. Jesus é a perfeita expressão do Pai: “O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa” (Hb 1.3). A unidade entre Pai e Filho é essencial e inseparável: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Não significa que são a mesma Pessoa, mas que compartilham a mesma natureza divina. A obra, as palavras e o caráter de Jesus são expressão direta da ação do Pai (Jo 14.10,11), que opera por meio do Filho, e o Filho age em total comunhão com o Pai (Jo 4.34; 5.30; 6.38-40; 8.28,29). Conhecer Jesus é desfrutar da presença do Pai (Jo 14.21,23).

SINOPSE II

O Pai é plenamente revelado em Cristo, sendo conhecido apenas por meio do Filho, que é a expressão exata do seu Ser.

O PRIVILÉGIO DE SER FILHO DE DEUS

“Paulo usou a adoção para ilustrar o novo relacionamento do cristão com Deus. Na cultura romana, o filho adotado perdia todos os direitos que possuía em relação à família anterior, e recebia todos os direitos de filho legítimo em sua nova família. Ele se tornava herdeiro dos bens de seu novo pai. [...] Da mesma forma, quando alguém se torna um cristão, recebe todos os privilégios e responsabilidades de filho na família de Deus. [...] Não somos mais escravos atemorizados; ao contrário, somos filhos de Deus. Que privilégio!” (*Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p.1565).

III – A PESSOA DE DEUS PAI

1. Atributos incomunicáveis do Pai.

São qualidades exclusivas da divindade. Elas pertencem apenas ao Deus Pai (bem como ao Filho e ao Espírito), e não podem ser compartilhadas pelo ser humano. Os principais atributos são: *Autoexistência*, Deus existe por si mesmo, não depende de nada para existir (Êx 3.14; Jo 5.26); *Eternidade*, Deus não tem começo nem fim, não está limitado pelo tempo (Sl 90.2; Is 57.15); *Imutabilidade*, Deus não muda, Ele é sempre o mesmo (Ml 3.6; Tg 1.17); *Onipotência*, Deus é todo-poderoso e nada pode frustrar seus desígnios (Jó 42.2; Lc 1.37); *Onisciência*, Deus conhece perfeitamente o passado, o presente e o

futuro (Sl 139.1–6; Hb 4.13); *Onipresença*, Deus está, ao mesmo tempo, presente em todos os lugares (Sl 139.7–10; Jr 23.24). Estes atributos, portanto, revelam que nosso Deus é absoluto e sem limitação alguma.

2. Atributos comunicáveis do Pai.

São qualidades divinas que, de alguma forma, Deus compartilha com suas criaturas, ainda que de maneira limitada. Refletem os aspectos do caráter e da moral de Deus que podem ser vistos, em grau menor, no ser humano criado à sua imagem e semelhança (Gn 1.26,27). Dentre eles, destacam-se: *Santidade*, Deus é Santo, e chama seus filhos a serem santos em toda maneira de viver (Lv 19.2; 1 Pe 1.15–16); *Amor*, Deus é amor em essência, e podemos amar a Deus e ao próximo como reflexo desse amor (Mt 22.37–39; 1 Jo 4.8); *Fidelidade*, Deus é sempre fiel, e também somos desafiados a ser fiéis (2 Tm 2.13; Ap 2.10); *Bondade*, Deus é bom em todo o tempo, e somos exortados a agir com bondade em nossa conduta diária (Sl 100.5; Gl 5.22).

3. Os nomes que revelam o Pai.

Os nomes de Deus não tratam apenas de sua identificação, mas revelam sua natureza, obras e virtudes (Sl 9.10). O nome *Elohim* (Gn 1.1), apesar do plural, reafirma o monoteísmo (Dt 6.4) e alude à pluralidade da Trindade (Gn 1.26); *El Shadday* (Gn 17.1) revela Deus como o Todo-Poderoso (Gn 28.3; 35.11); *Adonai* (Sl 8.1) e o grego *Kyrios* (At 2.36) manifestam sua autoridade como Senhor (Is 6.1; Fp 2.11); o tetragrama pessoal *YHWH*, revelado como “Eu Sou o Que Sou” (Êx 3.14; 6.13), enfatiza a eternidade e a imutabilidade de Deus (Sl 68.4; Ml 3.6). Esses nomes divinos identificam a primeira Pessoa da Trindade, sua soberania, poder e eternidade, aspectos

fundamentais da doutrina cristã sobre a grandeza e a majestade de Deus.

SINOPSE III

Os atributos e nomes de Deus Pai expressam sua natureza, santidade, amor e autoridade, revelando quem Ele é e como se relaciona com sua criação.

CONCLUSÃO

A doutrina Bíblica da Santíssima Trindade é a revelação concreta da vida divina compartilhada entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Nesta lição, vimos que Deus, o Pai, é o Deus verdadeiro, eterno e soberano, revelado plenamente em Cristo. Ele é o autor da criação, o planejador da redenção e o sustentador da vida. Conhecer o Pai por meio do Filho é a essência da vida eterna (Jo 17.3). Que essa verdade desperte em nós o desejo sincero de conhecer, amar e obedecer ao Pai que, em Cristo, nos adotou como filhos (Jo 1.12; Rm 8.15).

REVISANDO O CONTEÚDO

1. Como Deus se identifica no Antigo Testamento?

Deus, no Antigo Testamento, é um só Deus, que se revela pelos seus nomes, atributos e atos.

2. O que afirma o *Credo de Atanásio* (séc. V) a respeito das três pessoas da Trindade?

“Nenhuma das três pessoas é antes ou depois da outra; nenhuma é maior ou menor do que outra. Mas as três pessoas são coeternas e coiguais.” (*Credo de Atanásio*, séc. V).

3. O que significa a expressão dita por Jesus: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30)?

Significa que o Pai e o Filho compartilham a mesma natureza divina, embora sejam Pessoas distintas.

4. O que são os atributos incomunicáveis do Pai?

Qualidades exclusivas da divindade: autoexistência, eternidade, imutabilidade, onipotência, onisciência e onipresença.

5. O que são os atributos comunicáveis do Pai?

Virtudes divinas que Deus compartilha de forma limitada com suas criaturas, como santidade, amor, fidelidade e bondade.

LIÇÃO 3

18 de Janeiro de 2026

O PAI ENVIOU O FILHO

TEXTO ÁUREO

“Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos.” (1 Jo 4.9)

VERDADE PRÁTICA

O envio do Filho revela o amor do Pai e a perfeita unidade da Trindade no plano da salvação, garantindo a redenção e a adoção dos crentes.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Jo 3.16

O amor de Deus revelado no envio do Filho

Terça – Jo 6.38

O Filho veio ao mundo para cumprir a vontade do Pai

Quarta – 1 Jo 4.10

Deus nos amou primeiro, enviando seu Filho

Quinta – Jo 14.6

Cristo como único caminho ao Pai

Sexta – Ef 1.3-6

O plano eterno de adoção como filhos em Cristo

Sábado – Jo 16.13,14

O Espírito glorifica a Cristo e guia em toda a verdade

João 3.16,17; 1 João 4.9,10; Gálatas 4.4-6

João 3

16 - Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

17 - Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.

1 João 4

9 - Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos.

10 - Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados.

Gálatas 4

4 - mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,

5 - para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.

6 - E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.



Hinos Sugeridos: 227, 437, 526 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

No plano eterno da Redenção, o Pai é quem envia o Filho para salvar o mundo. Esta verdade manifesta o amor divino e reafirma a perfeita unidade da Santíssima Trindade na missão da salvação. Ao longo desta lição, vamos estudar como o envio do Filho Unigênito revela: a suprema expressão do amor de Deus, o cumprimento da plenitude dos tempos e a atuação harmoniosa do Pai, do Filho e do Espírito Santo no plano redentor.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Compreender que o envio do Filho é a maior prova do amor de Deus Pai; II) Reconhecer que a vinda de Cristo ocorreu na plenitude dos tempos,

segundo o plano eterno de Deus; III) Identificar a atuação da Trindade na execução e aplicação da salvação.

B) Motivação: O envio do Filho não foi um ato isolado, mas parte de um plano eterno que une o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ao entender essa verdade, o crente é levado a confiar no amor soberano de Deus e a valorizar a graça recebida em Cristo.

C) Sugestão de Método: Inicie a aula perguntando aos alunos: "Qual foi o maior presente que você já recebeu?" Após ouvir algumas respostas, leia João 3.16,17 e 1 João 4.9,10, destacando que o maior presente dado à humanidade foi o envio do Filho de Deus para nossa salvação. Reserve os últimos 10 minutos da aula para desenvolver a seguinte atividade: di-

vida a classe em três grupos, dando a cada grupo um dos tópicos da lição para leitura e resumo. Depois, cada grupo apresenta seu resumo à classe, destacando a participação do Pai, do Filho e do Espírito Santo no Plano da Salvação. Se desejar, pode fazer essa atividade no início da aula.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: O envio do Filho pelo Pai revela o amor eterno e soberano de Deus e nos convida a viver em gratidão e obediência. Ao compreender que a salvação foi planejada, executada e aplicada pelo Deus Triúno, somos chamados a adorá-Lo e a anunciar essa mensagem ao mundo.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão.

Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.37, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “O Amor Salvífico do Pai”, localizado depois do primeiro tópico, aponta para a interpretação bíblica a respeito do amor incondicional do Pai; 2) O texto “A Plenitude dos Tempos”, ao final do segundo tópico, aprofunda a respeito o envio do Filho no contexto pleno dos tempos.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

No plano eterno da redenção, o Pai é quem envia o Filho para salvar o mundo. Esta verdade, revelada nas Escrituras, manifesta o amor do Pai e reafirma a unidade e a missão da Santíssima Trindade. Nesta lição, veremos como o envio do Filho Unigênito de Deus — a Segunda Pessoa da Trindade, revela em profundidade: a suprema expressão do amor de Deus, a plenitude do tempo para a redenção e a obra perfeita da Trindade na salvação.

Palavra-Chave
Envio

Unigênito do Pai, é a maior demonstração do amor de Deus ao mundo (Jo 3.16). O verbo grego para este amor é “*agapáō*” e o substantivo é “*agápē*”.

Expressam a natureza essencial de Deus (1 Jo 4.8) e a busca pelo bem-estar de todos (Rm 15.2). Conforme usado, acerca de Deus, manifesta interesse profundo e constante de um Ser perfeito para seres completamente indignos (Vine, 2002, p. 395).

Ensina que o amor de Deus não foi motivado por mérito humano. Ele amou “o mundo” rebelde e perdido — e enviou seu Filho “não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3.17). Este amor alcança toda a humanidade,

I – O ENVIO DO FILHO E O AMOR DO PAI

1. O amor incondicional do Pai.

O envio de Jesus Cristo — o Filho

é incondicional, plenamente gracioso, sacrificial e absoluto! (Ef 2.4,5).

2. A iniciativa soberana de Deus.

Desde a eternidade, antes da Queda no Éden, Deus traçou um plano de redenção em Cristo (Ef 1.4,5). Até mesmo anterior a fundação do mundo, o Filho já estava destinado para nossa salvação (1 Pe 1.18–20). Deus, em sua soberania e seu imensurável amor, tomou a iniciativa de enviar o Salvador, cumprindo seu eterno propósito de redenção (Ef 1.9). A Escritura ratifica que o amor divino antecede qualquer atitude humana: “não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados” (1 Jo 4.10). Portanto, a iniciativa da salvação não parte do ser humano, mas de Deus. Em sua soberania, misericórdia e compaixão, Deus decidiu agir em favor da humanidade caída (Rm 3.24–26; 5.8).

3. O envio do Filho e a Trindade.

Embora a missão do Filho seja descrita por meio do verbo “enviar” (Jo 3.17,18,34), a ideia aqui é de um presente gracioso de Deus (1 Jo 4.10). Em seu amor soberano, o Pai ofereceu sua dádiva mais preciosa — o seu Filho Unigênito: “para que por Ele vivamos” (1 Jo 4.9). Essa doação, não implica hierarquia na Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem a mesma natureza divina (Jo 1.1; 10.30; 14.26). A distinção observada é funcional, relacionada ao plano da salvação: o Filho é enviado para realizar a redenção (Jo 6.38–40). Essa dinâmica revela harmonia e unidade da Trindade: uma única vontade e um único propósito. O envio do Filho é, portanto, uma expressão do amor do Deus Triúno, que resplandece em toda a história da salvação (Ef 1.3–14).

SINOPSE I

O envio do Filho é a expressão suprema do amor do Pai, fruto de sua iniciativa soberana e graciosa.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

O AMOR SALVÍFICO DO PAI

“A ação redentora cheia de amor de Deus é apresentada nesta seção em forte contraste em relação ao destino desesperado da humanidade pecadora sob a ira do mesmo Deus em 2.1–3. Em termos empolgantes e impetuosos, Paulo faz o contraste da situação em que os leitores estavam “antes” (2.3), sem Cristo; aquilo em que estão agora, em Cristo; aquele que ‘todos nós’ (2.3a) somos por natureza (2.3d) e aquilo que somos ‘pela graça’ (2.5,8); a razão da ira de Deus (2.3) e a iniciativa do amor de Deus (2.4); a realidade espiritual de que ‘estávamos mortos’ (2.1), mas que Deus ‘nos vivificou juntamente com Cristo’ (2.5)” (ARRINGTON, Franch L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento: Romanos — Apocalipse**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2017, p.410).

II – O FILHO E A PLENITUDE DOS TEMPOS

1. A preparação histórica e religiosa. O envio de Cristo não foi um plano

improvisado, mas um desígnio eterno, cumprido “na plenitude dos tempos” (Gl 4.4). Indica que a vinda do Messias se deu no tempo determinado pelo Deus Pai (Rm 5.6). A Trindade, em perfeita sabedoria e unidade, determinou o momento exato para a execução do plano redentor (Ef 1.10,11). Historicamente, o domínio romano construiu estradas e rotas comerciais que contribuíram para a disseminação do Evangelho. A cultura grega unificou o mundo por meio do grego *koiné*, tornando possível a escrita do Novo Testamento em uma língua conhecida e popular. No judaísmo, apesar da rejeição dos líderes entre o povo, a expectativa messiânica estava elevada (Lc 2.25-38). Isso sinaliza que Deus preparou o cenário para a chegada do Salvador (At 17.26).

2. O Filho nascido sob a Lei. A Escritura afirma que o Filho veio “nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4.4b). A expressão “nascido de mulher”, reafirma que Cristo assumiu nossa natureza humana (Hb 2.14; Fp 2.7,8). Ele encarnou e experimentou as fraquezas humanas, exceto o pecado (Hb 4.15). Cumpriu-se assim a profecia: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho” (Is 7.14; Mt 1.23), mostrando que sua vinda foi obra soberana de Deus. A declaração “nascido sob a lei” significa que Jesus cumpriu todas as exigências da lei mosaica (Mt 5.17). Ele foi o único homem a cumprir plenamente a lei de Deus, sem a transgredir em momento algum (1 Pe 2.22). Sua vida de obediência foi necessária para que pudesse oferecer um sacrifício perfeito em favor dos pecadores (Hb 7.26,27).

3. A adoção de filhos. A obra do Filho não apenas trouxe perdão, mas também nos concedeu a posição de filhos adotivos (Gl 4.5). Cristo é o único Filho de Deus por natureza (Jo 1.18); e os crentes tornam-se filhos por adoção (Jo 1.12,13).

A prática da adoção não fazia parte do sistema legal judaico, mas era comum e bem conhecida entre os gentios. Paulo enfatiza que foi do agrado de Deus inserir no plano da salvação, que os salvos fossem adotados como filhos (Ef 1.5). O “espírito de adoção” habilita os salvos a clamarem “Aba, Pai” (Gl 4.6). Esse termo aramaico (“Aba”, “papai”) empregado na interação entre o Filho e o Pai, indica respeito e confiança (Mc 14.36). Essa adoção e intimidade é aplicada pelo Espírito Santo (Rm 8.15,16), demonstrando novamente a atuação inseparável da Trindade na salvação.

SINOPSE II

Na plenitude dos tempos, Cristo veio ao mundo, cumprindo as profecias e proporcionando redenção e adoção como filhos de Deus.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

A PLENITUDE DOS TEMPOS

“O período de utilidade limitada da lei é relatado em 4.4. A frase ‘quando veio a plenitude dos tempos’ marca o fim do período de tutela como relatado em 3.24,25; 4.1, 2. O plano pré-ordenado de Deus era que a lei ditasse o fundamento da moralidade até a vinda de Cristo. Jesus é o ponto focal da história mundial; Ele é o sustentáculo do qual depende a virada dos tempos. [...] Semelhantemente ‘enviou’ não

comunica principalmente distância ou espaço; antes, fala de comissionar um enviado autorizado. Portanto, quando a fase mundial estava exatamente correta, o Pai comissionou seu Filho para trazer a salvação” (ARRINGTON, Franch L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento: Romanos — Apocalipse**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2017, p.361).

III – A TRINDADE NO PLANO DA SALVAÇÃO

1. A vontade do Pai realizada pelo Filho. O Filho veio ao mundo para cumprir a vontade do Pai: “eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6.38). Essa vontade, segundo Cristo, é que nenhum daqueles que o Pai lhe deu se perca, mas tenham a vida eterna (Jo 6.39,40). A obediência de Jesus é perfeita, revelando plena submissão ao Pai. Ele mesmo testifica: “porque eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8.29). Essa obediência alcançou o clímax na entrega voluntária de sua vida por amor: “sendo obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2.8). Por meio de sua vida sem pecado e morte sacrificial, a justiça de Deus foi plenamente satisfeita (Rm 3.24-26). Em Cristo, vemos a expressão sublime da obediência, do amor e da unidade perfeita na Trindade.

2. A mediação exclusiva do Filho. O Filho é o único caminho de acesso ao Pai: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Esse acesso é exclusivo porque Ele é a revelação plena do Pai (Jo 1.18), e o único que pode satisfazer a

justiça divina mediante o seu sacrifício no Calvário (Hb 9.15). A exclusividade da mediação de Cristo está enraizada na estrutura trinitária. O Pai enviou o Filho (Jo 3.16), e o Espírito Santo testifica do Filho (Jo 15.26). Assim, o caminho para o Pai passa necessariamente pela aceitação do Filho, conforme ensina as Escrituras: “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (1 Tm 2.5). Desse modo, a salvação ocorre unicamente por meio da fé em Cristo (At 4.12).

3. A aplicação da salvação pelo Espírito. O Espírito Santo, chamado de Consolador e Espírito da verdade, foi enviado pelo Pai e pelo Filho. Jesus disse que o Espírito viria para convencer o mundo “do pecado, e da justiça, e do juízo” (Jo 16.8-11). É o Espírito que ilumina a mente para o conhecimento de Deus (2 Co 4.6), ensina a verdade (Jo 14.26), regenera os pecadores (Tt 3.5), sela os que creem (Ef 1.13), opera a santificação progressiva (2 Ts 2.13), e assegura a perseverança dos crentes (Fp 1.6). Além disso, o Espírito glorifica o Filho, pois foi enviado para testificar de Cristo (Jo 15.26), revelando sua pessoa e obra ao coração humano. O Espírito nunca age independentemente do Filho ou do Pai. Sua missão é, intrinsecamente, a de exaltar a glória do Deus Triúno (Jo 16.13,14).

SINOPSE III

O plano de salvação é obra da Trindade: o Pai envia, o Filho executa e o Espírito aplica.

CONCLUSÃO

O envio do Filho pelo Pai revela o amor eterno e soberano de Deus e destaca a perfeita unidade da Trindade na obra da salvação. Deus não apenas amou o mundo, mas agiu em favor dele, enviando seu Filho no tempo certo,

para redimir os pecadores. O Filho, em obediência plena, realizou a redenção; e o Espírito Santo, em sua atuação eficaz, aplica a salvação ao coração dos crentes. Conhecer essa verdade fortalece nossa fé e nos convida a adorar com gratidão o Deus Triúno que nos salvou.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. O que significa afirmar que a iniciativa da salvação é um ato da soberania de Deus?

Significa que a salvação começa com a iniciativa amorosa e soberana de Deus, e não do ser humano.

2. Do ponto de vista histórico, que fatos corroboram que era chegado o momento exato para a execução do plano redentor de Deus para a humanidade?

A dominação romana, a língua grega comum e a expectativa messiânica entre os judeus criaram o cenário ideal para a vinda de Cristo.

3. O que significa a declaração “nascido sob a lei”?

Que Jesus veio como homem, cumprindo plenamente a lei de Deus, sem transgredi-la.

4. Qual vontade do Pai é realizada pelo Filho?

Que todos aqueles que o Pai deu ao Filho recebam a vida eterna e não se percam.

5. Por que a mediação entre o ser humano e Deus é um ato de exclusividade do Filho?

Porque somente Cristo revela plenamente o Pai e oferece o sacrifício perfeito que satisfaz a justiça divina.

LIÇÃO 4

25 de Janeiro de 2026.



A PATERNIDADE DIVINA

TEXTO ÁUREO

“E vimos, e testificamos que o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo.”
(1 Jo 4.14)

VERDADE PRÁTICA

A paternidade de Deus é revelada no envio do Filho e na concessão do Espírito, confirmando nossa filiação e aperfeiçoando-nos no amor.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Jo 1.18

O Pai não tem início nem fim,
Ele é eterno

Terça – Jo 17.5

O Pai sempre foi eternamente

Quarta – Jo 5.26

O Pai gera o Filho e ambos têm a vida em si mesmo

Quinta – Jo 15.26; 16.7

O Espírito procede do Pai e do Filho

Sexta – 1 Jo 4.15,16

Confessar a Cristo revela a habitação de Deus

Sábado – 1 Jo 4.17-19

O amor de Deus lança fora o temor e nos capacita a amar

1 João 4.13-16

13 - Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito,

14 - e vimos, e testificamos que o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo.

15 - Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele e ele em Deus.

16 - E nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor e quem está em amor está em Deus, e Deus, nele.



Hinos Sugeridos: 33, 48, 511 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A paternidade de Deus é uma verdade revelada nas Escrituras que mostra o Pai como fonte eterna de toda vida. Ele enviou o Filho e concedeu o Espírito, formando conosco uma relação íntima, segura e transformadora. É o que estudaremos nesta lição.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Compreender que a paternidade de Deus é eterna e inseparável de sua natureza; II) Reconhecer que confessar a Cristo como Filho é evidência de filiação divina; III) Aplicar os princípios do amor do Pai como base para a vida cristã.

B) Motivação: A compreensão da paternidade de Deus nos leva a desfrutar de segurança espiritual, a viver com confiança diante do mundo e a experimentar um amor que lança fora todo medo.

C) Sugestão de Método: Antes de iniciar o estudo desta lição, proponha uma breve revisão das Lições 1 a 3. Divida a classe em três grupos e atribua a cada grupo uma das lições anteriores para resumir. Oriente-os

a destacar: o tema central, os principais versículos e a aplicação prática. Cada grupo apresenta seu resumo em até 3 minutos.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: A paternidade de Deus é uma verdade revelada nas Escrituras que mostra o Pai como fonte eterna de toda vida. Ele enviou o Filho e concedeu o Espírito, formando conosco uma relação íntima, segura e transformadora. Nesta lição, estudaremos como a Trindade manifesta a paternidade divina por meio do Filho e do Espírito.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista que traz diversos subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.38, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto "Características do Pai", localizado depois do primeiro

tópico, mostra como Deus se revela como Pai; 2) O texto “O Amor de Deus como fonte do amor humano”,

ao final do terceiro tópico, mostra que é por meio do amor de Deus que somos habilitados a amar o próximo.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Nesta lição, estudaremos como o Pai revela sua paternidade por meio da Trindade. Veremos que esta paternidade é reconhecida na confissão de Cristo e aperfeiçoada em nós pelo amor, garantindo nossa comunhão com Ele, capacitando-nos a viver com confiança, fidelidade e expressão visível da nossa filiação diante do mundo.

Palavra-Chave
Paternidade

I – A REVELAÇÃO DA PATERNIDADE DO PAI

1. Definição da paternidade do Pai. A

Paternidade é atributo da Primeira Pessoa da Trindade, que opera por meio do Filho e do Espírito Santo: “um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos vós” (Ef 4.6). O Pai é a fonte de tudo, Ele é soberano (1 Co 8.6), Ele é o princípio sem princípio, Ele não é gerado (Jo 1.18), mas é Aquele que gera o Filho (Sl 2.7; Hb 1.5) e de quem, junto com o Filho, procede o Espírito Santo (Jo 14.26). Entender a paternidade divina é uma fonte de consolo. Podemos confiar no cuidado do Pai, pois Ele é o originador de toda boa dádiva (Tg 1.17).

2. A paternidade eterna do Pai. A

Paternidade de Deus não tem início no tempo. Deus é Pai desde toda a eternidade. Na oração sacerdotal Jesus disse: “E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (Jo

17.5). Este texto ensina que o relacionamento entre o Pai e o Filho é anterior à criação, revelando que a identidade de Deus como Pai é eterna. Não houve momento em que Deus se tornou

Pai. O Pai sempre foi Pai, o Filho sempre foi Filho e o Espírito sempre foi Espírito (Ef 1.3,4; Hb 1.2,3; 9.14).

3. O Pai gerou o Filho. A

geração do Filho não implica criação; Ele sempre existiu com o Pai, com a mesma essência: “Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5.26). Significa que o Deus Pai não recebeu vida de ninguém, Ele é autoexistente. O Filho gerado pelo Pai também é autoexistente. Implica dizer que o Filho não foi criado, mas eternamente gerado. O Filho, assim como o Pai, possui vida em si mesmo, isto é, compartilha da mesma natureza divina (Jo 10.30).

4. O Pai nos concede o Espírito. O

Espírito Santo também tem sua origem no Pai, mas de modo distinto. Ele procede do Pai (Jo 15.26) e é enviado pelo Filho (João 16.7). Saber que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho é muito mais do que um detalhe teológico; é uma fonte poderosa de segurança para nossa vida cristã. O Espírito Santo é o próprio Deus (At 5.3,4), enviado para estar conosco para sempre (Jo 14.16,17). Ele nos aproxima do Pai (Ef 2.18), testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.16) e nos guia em toda a verdade (Jo 16.13).

SINOPSE I

A paternidade de Deus é eterna, revelada no envio do Filho e na concessão do Espírito.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

CARACTERÍSTICAS DO PAI

“(1) Como um Pai carinhoso, Ele se importa conosco, nos guia e nos recebe para que possamos ter uma comunhão profunda e aberta com Ele. Através da fé em Cristo, temos acesso ao Pai a qualquer hora para adorá-lo e para expressar as nossas necessidades.

(2) Como um Pai, Deus não tolera (ao contrário de alguns pais terrenos) o mal em seus filhos, e não falha quando é necessário discipliná-los corretamente. Fazer qualquer coisa menos que isto não seria bom para nós. Deus se opõe ao pecado e àquilo que o pecado pode fazer contra os seus filhos.

(3) Como um Pai celestial, ele pode castigar assim como abençoar, reter assim como dar, agir tanto com justiça como com misericórdia. A maneira como Ele responde aos seus filhos depende da fé deles, e da obediência que demonstram a Ele. No entanto, podemos ter a confiança de que toda a direção e disciplina de Deus são para o nosso bem” (Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.1616).

II – RECONHECENDO A PATERNIDADE DO PAI

1. Confessar a Cristo como Filho. A confissão de que Jesus é o Filho de Deus é um ato central na fé cristã: “Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele e ele em Deus” (1 Jo 4.15). Reconhecer a filiação divina de Cristo é mais do que uma afirmação privada. É uma declaração pública de fé e sinaliza que Deus habita no coração do crente (Rm 10.9,10). Essa capacidade não nasce da carne, nem da persuasão humana, mas da ação sobrenatural do Espírito Santo (1 Co 12.3). Reconhecer Jesus como o Filho de Deus é a única forma legítima de acesso ao Pai (Jo 14.6). Negar o Filho é, por consequência, negar o acesso ao Pai (1 Jo 2.23). Que cada crente possa, com o coração cheio de fé e gratidão, proclamar com ousadia: “Senhor meu, e Deus meu!” (Jo 20.28).

2. A perfeição do amor do Pai. O amor faz parte da natureza do Pai: “E nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor e quem está em amor está em Deus, e Deus, nele” (1 Jo 4.16). O amor do Pai é sacrificial, demonstrado ao enviar Seu Filho (Jo 3.16). Esse amor nos adotou; fomos aceitos por Ele, com todos os direitos de filhos legítimos (1 Jo 3.1). Esse amor é inquebrável; nenhum poder ou circunstância poderá nos separar desse amor (Rm 8.38,39). Esse amor é pessoal; não é apenas geral, mas é individual, voltado para cada filho que crê (Jo 16.27). Assim, o amor do Pai é a fonte da nossa nova vida; nossa salvação brota da abundância do Seu amor (Ef 2.4,5). Foi o amor do Pai que nos buscou, nos salvou e nos guarda até o fim. Aleluia!

3. As bênçãos da filiação divina. As Escrituras afirmam que o amor de Deus, lança fora todo o temor, especialmente o medo do juízo: “Nisto é

perfeito o amor para conosco, para que no Dia do Juízo tenhamos confiança” (1 Jo 4.17). Essa confiança estabelece a segurança da nossa condição como filhos de Deus. O crente não é mais um escravo ameaçado pelo castigo eterno, mas um filho livre, amado e aceito em Cristo (Rm 8.15). Isso não significa que o crente não possa perder a salvação (Ez 18.24; 1 Co 10.12). Mas sim, que o Espírito Santo, habitando em nós, testemunha a nossa filiação, extinguindo o medo da condenação (Ef 1.13,14). O verdadeiro amor, aperfeiçoado em nós pelo Espírito, remove o medo, pois “no amor, não há temor; antes, o perfeito amor lança fora o temor” (1 Jo 4.18).

SINOPSE II

Confessar que Jesus é o Filho de Deus é evidência de filiação divina e comunhão com o Pai.

III – A EXPERIÊNCIA DO AMOR DO PAI

1. O amor é aperfeiçoado no crente.

O aperfeiçoamento do amor em nós é obra do Espírito. Guardar a Palavra é o meio pelo qual o amor divino é amadurecido: “Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele” (1 Jo 2.5). Essa obediência prática à Palavra é a evidência externa de um amor interno e verdadeiro por Deus (Jo 14.21). Não há amor genuíno a Deus, sem compromisso concreto com a sua vontade revelada

(1 Jo 5.3). A cada ato de obediência, mesmo nas pequenas coisas, o amor de Deus é fortalecido em nós (Lc 16.10). Devemos viver de maneira que nossa prática aprofunde a realidade do amor em nosso coração (Tg 1.22). Portanto, refletir Deus no mundo é estar sendo aperfeiçoado no amor (Mt 22.37-40).

2. O amor é a marca dos filhos de Deus. O amor distingue os verdadeiros filhos de Deus. O mundo conhece a Deus por meio da manifestação de amor dos seus filhos: “Ninguém jamais viu a Deus; se nós amamos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeito o seu amor” (1 Jo 4.12). Deus é invisível, mas seu amor se torna visível à humanidade quando os cristãos vivem em amor mútuo (Jo 13.34,35). Quem ama de fato, revela que conhece a Deus. Logo, o amor torna real a presença de Deus àqueles que ainda não O conhecem (1 Jo 3.10; 4.8).

3. Fomos amados primeiro. A essência da vida cristã está fundamentada no fato de que Deus nos amou: “Nós o amamos porque Ele nos amou primeiro.” (1 Jo 4.19). Indica que a salvação, a fé e a nossa capacidade de amar são respostas à iniciativa incondicional do amor divino (1 Jo 4.10). Em vista disso, fomos amados antes de qualquer mérito, antes de qualquer movimento pessoal em direção a Deus (Ef 2.4,5). Fomos amados no pior estado possível — em pecado — e recebidos como filhos em Jesus (Rm 5.8; Ef 1.5). Esta verdade sinaliza que somente pelo Espírito conseguimos amar a Deus, ao próximo e ao inimigo (Rm 5.5). Antes da nossa redenção, houve uma cruz sangrenta preparada por amor (Jo 15.13). Desse modo, espera-se que a postura cristã seja uma resposta agradecida a esse amor imerecido (2 Co 5.14,15).

SINOPSE III

O amor do Pai é aperfeiçoado no crente, lançando fora o temor e moldando nosso caráter.

teste do nosso amor a Deus é como tratamos as pessoas que estão à nossa volta — os membros de nossa família e os nossos irmãos em Cristo. Não podemos amar verdadeiramente a Deus enquanto negligenciamos o amor àqueles que foram criados à sua imagem” (**Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p.1788).

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

O AMOR DE DEUS COMO FONTE DO AMOR HUMANO

“O amor de Deus é a fonte de todo o amor humano, e se espalha como o fogo. Ao amar os seus filhos, Deus acende uma chama em seus corações. Estes, por sua vez, amam os outros, que são então aquecidos pelo amor de Deus.

É fácil dizer que amamos a Deus quando tal amor não nos custa nada mais do que nossa participação semanal nos cultos. Mas o verdadeiro

CONCLUSÃO

A paternidade de Deus é revelada de forma plena na ação conjunta da Trindade. O Pai envia o Filho, concede o Espírito e estabelece conosco uma relação sólida e paterna. Confessamos a Cristo, amamos porque fomos amados primeiro, e somos conduzidos pelo Espírito a viver em obediência e comunhão. A nossa identidade como filhos de Deus é firmada em sua iniciativa soberana e amorosa, garantindo-nos plena confiança para o dia da eternidade, e ajudando-nos a refletir o amor do Pai ao mundo.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. O que significa a expressão “o Pai gerou o Filho”?

Significa que o Filho é eternamente gerado pelo Pai, não criado, possuindo a mesma essência divina.

2. O que significa reconhecer a filiação divina de Cristo?

É reconhecer que Jesus é o Filho de Deus, o único acesso legítimo ao Pai.

3. Qual a relação entre a nossa filiação a Deus e a preservação da salvação?

O amor do Pai assegura nossa filiação e nos livra do medo da condenação, embora devamos permanecer firmes para não perder a salvação

4. Qual é a evidência externa de um amor interno e verdadeiro por Deus?

Guardar a Palavra de Deus.

5. De que forma os cristãos tornam visível à humanidade o amor de Deus?

Vivendo em amor mútuo, tornando visível o caráter de Deus ao mundo.

LIÇÃO 5

1 de Fevereiro de 2026

O DEUS FILHO

TEXTO ÁUREO

“Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o.” (Mt 17.5b)

VERDADE PRÁTICA

Jesus Cristo, o Deus Filho, é a revelação plena do Pai, centro da revelação divina e único mediador entre Deus e os homens.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Lc 1.35

A concepção virginal e a ação da Trindade

Terça – Jo 1.1-3

O Filho é Deus desde a eternidade

Quarta – Mt 17.2,3

A glória divina de Jesus na Transfiguração

Quinta – Hb 1.1-3

O Filho como revelação suprema

Sexta – At 4.12

Cristo é o único caminho de salvação

Sábado – Fp 2.9-11

Cristo exaltado acima de todo nome

Lucas 1.31,32,34,35; Mateus 17.1-8

Lucas 1

31 - E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.

32 - Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai,

34 - E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão?

35 - E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.

Mateus 17

1 - Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte,

2 - E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz.

3 - E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

4 - E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias.

5 - E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o.

6 - E os discípulos, ouvindo isso, caíram sobre seu rosto e tiveram grande medo.

7 - E, aproximando-se Jesus, tocou-lhes e disse: Levantai-vos e não tendes medo.

8 - E, erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão a Jesus.



Hinos Sugeridos: 156, 344, 481 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

Nesta lição, estudaremos a doutrina bíblica sobre o Deus Filho, revelada de modo marcante no episódio da transfiguração. Com base nos relatos de Lucas 1.31-35 e Mateus 17.1-8, veremos como Jesus, a segunda Pessoa da Trindade, é plenamente Deus, centro da revelação divina e único mediador entre Deus e os homens. Destacaremos sua divindade, sua centralidade e sua missão redentora, compreendendo o impacto dessa verdade para a fé e a vida cristã.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Explicar a concepção virginal e a deidade absoluta de Jesus; II) Mostrar a centralidade de Cristo como cumprimento da Lei e dos Profetas; III) Enfatizar a exclusividade de Cristo como único mediador e salvador.

B) Motivação: Já esteve diante de algo tão grandioso que mudou a forma como você enxerga tudo? A transfiguração foi essa experiência para Pedro, Tiago e João. Ao verem a glória de Cristo, compreenderam que Ele não é apenas mais um enviado de

Deus, mas o próprio Deus Filho encarnado. Essa revelação nos chama a viver com os olhos fixos nEle e a ouvi-Lo acima de todas as outras vozes.

C) Sugestão de Método: Para introduzir a aula, sugerimos que leve para a sala três cartões grandes com as palavras *Lei*, *Profetas* e *Cristo* escritas. Peça a três voluntários que segurem cada cartão e fiquem em pontos diferentes da sala. Explique brevemente o que cada um representa: Moisés (*Lei*), Elias (*Profetas*) e Jesus (*Cristo*). Depois, conduza um diálogo: pergunte aos alunos como a *Lei* e os *Profetas* apontavam para o *Messias* e, em seguida, peça que todos caminhem em direção ao aluno com o cartão “*Cristo*”, mostrando simbolicamente que tudo converge para Ele. Finalize lendo Mateus 17.8 (“ninguém viram, senão a Jesus”) e destacando que nossa fé deve ter essa mesma centralidade.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: Reconhecer Jesus como Deus Filho é central para a fé cristã. Ele é o Verbo eterno feito

carne, a revelação suprema do Pai e o único que pode reconciliar o homem com Deus. Por isso, devemos adorá-Lo, obedecê-Lo e anunciá-Lo como o único caminho de salvação. Negar sua divindade ou relativizar sua voz é distorcer o Evangelho e perder a essência da vida cristã.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.38, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “A Divindade de Jesus”, localizado depois do primeiro tópico, aponta para a reflexão a respeito da natureza de divina do Senhor Jesus; 2) O texto “A Transfiguração”, ao final do segundo tópico, aprofunda o episódio da Transfiguração e o Senhor Jesus como centro da Revelação das Escrituras.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Ratificamos que a Trindade de nos revela um só Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. O episódio da transfiguração (Mt 17.1-8) é um dos momentos marcantes da revelação da glória do Deus Filho. Nele,

Palavra-Chave
Cristo

Jesus — a Segunda Pessoa da Trindade — é exaltado diante de testemunhas oculares, com a aprovação explícita do Pai. Ele não é um personagem entre outros, mas o Deus encarnado. Esta lição nos conduz a contemplar a divindade, a centralidade e a missão redentora do Deus Filho.

I – A DIVINDADE DO FILHO

1. A Concepção Virginal de Jesus. A concepção do Senhor Jesus foi um ato miraculoso. Sobre isso, o anjo Gabriel explicou à virgem: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” (Lc 1.35a). O texto afirma que Jesus seria concebido pela ação do Espírito Santo e pela sombra do poder de Deus. A expressão “sombra” (gr. *episkiázō*) refere-se à presença divina (Êx 40.35). Assim, o Espírito Santo está vinculado à sombra da “virtude” (gr. *dýnamis*), ou seja, ao poder de Deus. Isso indica que a presença poderosa de Deus repousou sobre Maria, de modo que o menino concebido pelo Espírito Santo seria chamado de Filho de Deus (Lc 1.35b). Dessa maneira, observa-se, nesse evento, a manifestação da Trindade: o Pai, o Filho de Deus e o Espírito Santo.

2. A deidade absoluta do Filho. O Senhor Jesus Cristo é, desde a eternidade, o único Filho de Deus e possui a mesma essência e substância (gr. *homooúsios*) do Pai (Jo 10.30; 14.9). Antes de nascer em Belém, o Filho já existia eternamente com o Pai: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1.1). Ele é a Segunda Pessoa da Trindade e foi enviado pelo Pai ao mundo (1 Jo 4.9). Ele se fez carne, sem deixar de ser Deus, possuindo duas naturezas, a divina e a humana, unidas numa única pessoa (Jo 1.14; Fp 2.6–11). Essa união das duas naturezas é sem confusão, sem mudança, sem divisão e sem separação (*Conclílio de Calcedônia*, 451 d.C.). Ele é verdadeiro Deus e verdadeiro homem (Rm 1.3,4; 9.5). Sendo Deus e homem, Jesus é o único mediador entre Deus e a humanidade (1 Tm 2.5).

3. Os atributos divinos de Jesus. Como Segunda Pessoa da Trindade, Jesus possui todos os atributos essenciais da divindade. Entre eles, citamos: *Eternidade*

– Jesus não teve começo, pois é eterno como o Pai (Is 9.6); *Imutabilidade* – Cristo, sendo Deus, não muda em seu ser ou caráter (Hb 1.12); *Onipresença* – Jesus declarou sua presença universal (Mt 18.20); *Onisciência* – Jesus conhece todas as coisas, inclusive nossos pensamentos (Jo 21.17); *Onipotência* – nada é impossível para Ele (Ap 1.8). Em suma, Jesus Cristo manifesta em si mesmo todos os atributos que pertencem exclusivamente a Deus. Isso demonstra de forma incontestável sua plena divindade. Crer em Jesus como Deus é vital para a fé cristã. Negar qualquer um desses atributos é negar a essência do Evangelho (Jo 20.31).

SINOPSE I

A concepção virginal e os atributos divinos de Jesus revelam que Ele é Deus desde a eternidade e possui a mesma essência do Pai.

AUXÍLIO TEOLÓGICO

A DIVINDADE DE JESUS

“Os escritores do Novo Testamento atribuem divindade a Jesus em vários textos importantes. Em João 1.1, Jesus, como o Verbo, existia como o próprio Deus. É difícil imaginar uma afirmação mais clara do que esta acerca da divindade de Cristo. Baseada na linguagem de Gênesis 1.1, eleva Jesus à ordem eterna de existência com o Pai.

Em João 8.58, temos outro testemunho poderoso da divindade de

Cristo. Jesus assevera, a respeito de si mesmo, sua existência contínua com o do Pai. 'EU SOU' é a bem conhecida revelação que Deus fez de si mesmo a Moisés na sarça ardente (Êx 3.14). Ao dizer: 'Eu sou', Jesus estava colocando à disposição o conhecimento da sua divindade, para quem quisesse crer. [...] Paulo nos informa aqui a existência de Jesus em um estado de igualdade com Deus. Mesmo assim, Ele não ficou agarrado a esse estado, mas abriu mão dele, tornando-se um servo e morrendo na cruz por nós. As informações do Novo Testamento a respeito desse assunto levam-nos a reconhecer que Jesus não deixou de ser Deus durante a encarnação" (HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p.326).

II – A CENTRALIDADE DO DEUS FILHO

1. A glória sobrenatural de Jesus.

Pedro, Tiago e João acompanharam Jesus até um alto monte (Mt 17.1). Neste local, Jesus "transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz" (Mt 17.2). O verbo "transfigurar" é tradução do grego *metamorphôo* do qual se originou o vocábulo "metamorfose" (transformação, mudança). Na ocasião, Jesus revelou temporariamente a glória da sua natureza divina, com aparência resplandecente. Um prólogo escatológico, um vislumbre do Cristo pós-ressurreto e glorificado (Ap 1.6). Uma confirmação da união das duas naturezas de Cris-

to: humana e divina, duas naturezas em uma só pessoa (Jo 1.14). Aqui, a divindade de Jesus foi revelada. Uma manifestação visível da glória de Deus no Filho encarnado (Fp 2.6-9).

2. O testemunho da Lei e dos Profetas. Estando no monte "eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele" (Mt 17.3). A aparição de Moisés e Elias não foi um contato com os mortos (Mc 12.27; Lc 16.26), mas um ato divino carregado de significado escatológico. Moisés representa a Lei. Ele é o mediador da Antiga Aliança, o legislador do povo hebreu (Êx 24.7,8). Sua presença indica que toda a Lei aponta para Cristo (Mt 5.17). Elias representa os Profetas, considerado o símbolo da proclamação profética. Sua aparição mostra que os profetas anunciavam a vinda do Messias (Is 9.6; Ml 4.5,6). Esses dois personagens testemunham que Jesus é o tema central e o cumprimento definitivo das Escrituras (Lc 24.27). A presença deles é uma prova visível da superioridade de Jesus (Hb 1.1,2).

3. A aprovação divina do Pai. A transfiguração atinge seu clímax com a voz audível do próprio Pai: "eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz" (Mt 17.5a). A voz vinda da nuvem — símbolo da presença de Deus (Êx 13.21) — ecoa as palavras já proferidas no batismo de Jesus: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17; 17.5b). Essa repetição é significativa: o Pai confirma que Jesus é o seu Filho eterno, não apenas em missão redentora, mas em natureza divina. A expressão "em quem me comprazo" (gr. *eudokēsa*) revela que o Filho é aquele em quem o Pai se deleita (Is 42.1). A voz do Pai é uma afirmação da centralidade de Cristo (Jo 14.6) e sustenta a doutrina da Trindade, em que o Filho é Deus, gerado pelo Pai e consubstancial com Ele (Jo 14.9,10).

SINOPSE II

Na transfiguração, Cristo é confirmado pelo Pai como centro da revelação e cumprimento da Lei e dos Profetas.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

A TRANSFIGURAÇÃO

“A transfiguração foi uma visão, um breve lampejo da verdadeira glória do Rei (16.27,28). Foi uma revelação especial da divindade de Jesus a três de seus discípulos e a confirmação por parte de Deus Pai de tudo aquilo que Jesus havia feito e estava por fazer. Moisés e Elias foram os dois maiores profetas do AT. Moisés representa a lei, a antiga aliança. Ele escreveu o Pentateuco e predisse a vinda de um grande profeta (Dt 18.15–19). Elias representa os profetas que vaticinaram a vinda do Messias (Ml 4.5,6). A presença de Moisés e Elias junto a Jesus confirmam a missão messiânica de Jesus, que consistiu em cumprir a lei de Deus e as palavras dos profetas. Assim como a voz de Deus, ecoando da nuvem sobre o monte Sinai, conferiu autoridade à sua lei (Êx 19.9), na transfiguração, validou a autoridade das palavras de Jesus. Pedro queria fazer uma tenda para cada um desses três grandes homens, para mostrar como a Festa dos Tabernáculos se cumpriria na

vinda do Reino de Deus. Pedro tinha uma concepção correta a respeito de Cristo, mas desejava agir no momento errado” (**Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.1253).

III – A MISSÃO REDENTORA DO DEUS FILHO

1. O Filho como revelação suprema.

A transfiguração é marcada, também, por uma ordem direta do Pai acerca do Filho: “escutai-o” (Mt 17.5c). A declaração reflete a profecia de Moisés: “O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis” (Dt 18.15). A Escritura deixa claro que esse Profeta prometido é o próprio Cristo (Jo 6.14; At 3.20–23). A instrução — “escutai-o” — coloca o Filho em posição de supremacia sobre as revelações anteriores (Lc 16.16; Jo 1.17,18). Não é Moisés (a Lei) e nem Elias (os Profetas) que devem ser ouvidos, mas o Cristo (Hb 1.1,2). Esse evento sinaliza a transição entre a Antiga e a Nova Aliança, centrada na pessoa do Filho (Cl 2.17; Hb 10.1). Logo, negar a Cristo, ignorá-lo ou relativizar sua voz é rejeitar a autoridade de Deus (1 Jo 5.12).

2. A exclusividade de Cristo na redenção. Após a visão do Cristo transfigurado, a Bíblia declara: “erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão a Jesus” (Mt 17.8). Essa afirmação encerra uma verdade fundamental: Cristo é absolutamente único e exclusivo na obra da redenção. A presença de Moisés e Elias cessou; restou apenas Cristo. Ele é o cumprimento da Lei e dos Profetas (Mt 5.17). Toda a Escritura aponta para Ele (Lc 24.27). Cristo não é meramente

um Profeta; Ele é o Deus revelado (Jo 14.9), o resplendor da glória divina (Hb 1.3). Ele é o único mediador entre Deus e os homens (At 4.12; 1 Tm 2.5). Seu sacrifício é plenamente suficiente para reconciliar o pecador com Deus (Cl 1.20–22). Diante de sua majestade, toda figura da Antiga Aliança se desfaz — somente Jesus permanece.

3. O aprendizado pela experiência.

A revelação da glória do Cristo ressurreto, foi também um evento pedagógico para os discípulos. A experiência os fortaleceu para o futuro sofrimento de Jesus. Mais tarde, Pedro reconheceu o episódio como evidência incontestável da majestade de Jesus: “mas nós mesmos vimos a sua majestade [...] quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido” (2 Pe 1.16,17). A transfiguração, portanto, é o vislumbre do Reino, prenúncio da ressurreição, antecipação da vitória final de Cristo, e o anúncio de seu triunfo escatológico sobre a morte e todo domínio (Hb 1.8–12; Fp 2.9–11).

Diante dessa glória, somos chamados a contemplar e adorar a Cristo com fé e esperança (Hb 12.2).

SINOPSE III

Cristo é o único mediador e salvador; sua missão redentora é exclusiva e plenamente suficiente.

CONCLUSÃO

A doutrina do Deus Filho nos conduz à centralidade de Cristo na fé cristã. Sua divindade, glória e missão redentora revelam o coração do Pai e o agir do Espírito. Ele é o Verbo eterno feito carne, o único que pode reconciliar o homem com Deus. Por isso, devemos reconhecê-lo como Senhor absoluto, prostrar-nos em adoração, ouvi-Lo e segui-Lo em obediência, reverência e gratidão.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. Cite ao menos três atributos divinos de Jesus apresentados na lição.
Eternidade, imutabilidade e onisciência (entre outros).
2. A aparição de Moisés no momento da transfiguração de Jesus foi um ato divino carregado de significado escatológico. O que a sua presença indica?
Que toda a Lei aponta para Cristo como seu cumprimento.
3. Quem é o cumprimento da Lei e dos Profetas?
Jesus Cristo.
4. O sacrifício de Cristo é plenamente suficiente para quê?
Reconciliar o pecador com Deus.
5. A transfiguração é o anúncio do triunfo escatológico de Cristo sobre o quê?
Sobre o pecado, a morte e todo domínio do mal.

LIÇÃO 6

8 de Fevereiro de 2026



O FILHO COMO O VERBO DE DEUS

TEXTO ÁUREO

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” (Jo 1.14)

VERDADE PRÁTICA

Jesus Cristo, o Verbo eterno, é a revelação plena e visível de Deus ao mundo, manifestando graça, verdade e a glória do Pai.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Jo 1.1-3

O Verbo eterno e divino

Terça – Jo 1.14

O Verbo se fez carne

Quarta – Êx 25.8-9

Deus habita entre o povo

Quinta – Jo 1.17

Graça e verdade por Cristo

Sexta – Jo 1.18

O Filho unigênito revelou o Pai

Sábado – Cl 1.15-19

Cristo, a imagem do Deus invisível

João 1.1-5,14

1 - No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

2 - Ele estava no princípio com Deus.

3 - Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

4 - Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens;

5 - e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

14 - E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.



Hinos Sugeridos: 20, 175, 182 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

Nesta lição, estudaremos Jesus Cristo como o Verbo eterno de Deus — plenamente divino, Criador e revelador do Pai. Com base no prólogo do Evangelho de João (1.1-18), veremos que Ele é Deus desde a eternidade, agente da criação, fonte de vida e luz dos homens. Destacaremos também a encarnação do Verbo como a suprema revelação de Deus, cheia de graça e de verdade.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Explicar a preexistência e a divindade do Verbo; II) Mostrar a atuação do Verbo na criação e como fonte de vida e luz; III) Ressaltar que o Verbo encarnado é a plena revelação do Pai.

B) Motivação: O apóstolo João, inspirado pelo Espírito Santo, começa seu Evangelho revelando que Jesus não é apenas um homem especial — Ele é o próprio Deus, eterno e criador, que se fez carne para revelar o Pai. Essa revelação exige

de nós adoração, obediência e proclamação.

C) Sugestão de Método: Antes de iniciar a aula, distribua três folhas com as palavras *Eterno, Criador e Revelador*. Peça a três voluntários que segurem cada palavra na frente da turma. Explique que, no prólogo de João, Jesus é apresentado nessas três dimensões: Eterno (sempre existiu e é Deus), Criador (todas as coisas foram feitas por Ele) e Revelador (veio para mostrar quem é o Pai). Em seguida, leia João 1.1-18 e, a cada título, peça ao aluno que o segura que dê um passo à frente, ilustrando como essas três verdades se aproximam de nós na encarnação do Verbo. Finalize destacando João 1.14 e mostrando que, quando Cristo veio, o eterno, o criador e o revelador se tornaram visíveis e próximos de nós.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: O Cristo que servimos é o Verbo eterno, Deus de toda

a eternidade, que criou todas as coisas e revelou plenamente o Pai. Negar qualquer uma dessas verdades é distorcer o Evangelho. Por isso, devemos adorá-Lo, obedecê-Lo e anunciar que, em Jesus, vemos o próprio Deus.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão.

Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104,

p.39, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “O Verbo”, localizado depois do primeiro tópico, aprofunda o tema do Verbo como pessoa distinta em relação ao Pai no Tópico “O Verbo como Deus Eterno”; 2) O texto “A Vida era a Luz dos Homens”, ao final do segundo tópico, aprofunda o tópico “O Verbo como Criador”.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O prólogo do Evangelho de João apresenta o Verbo eterno como Deus, Criador e Revelador. Ele se fez carne e revelou de forma plena e completa a glória do Pai. O apóstolo João afirma que viu a glória do Deus Unigênito, cheia de graça e de verdade. Nesta lição, veremos que essa revelação marca o clímax da encarnação do Verbo — o Filho de Deus — onde o invisível se tornou visível, o eterno entrou no tempo e o insondável foi manifestado em Cristo Jesus.

Palavra-Chave Verbo

claramente ensinam que o Verbo sempre existiu. Esta é uma maneira de referir-se ao atributo da Eternidade que só Deus possui. A expressão “Verbo” (gr. *lógos*)

designa Deus, referindo-se à divindade do Filho. Enquanto os gregos pensavam em um princípio impessoal e os gnósticos num ser intermediário, João apresenta o *Logos* como o próprio Deus Eterno — Jesus Cristo, o Filho Unigênito do Pai (Jo 1.14; 3.16).

Antes de tudo o que existe, o Verbo já existia. Jesus não começou a existir em Belém, pois Ele é Eterno, coexistente com o Pai desde o princípio (Cl 1.17).

2. O Verbo como pessoa distinta. No texto bíblico, João afirma que “o Verbo estava com Deus” (Jo 1.1b). A expressão grega *pros ton Theon* (com Deus) comunica relacionamento face a face, ou seja, comunhão pessoal e eterna entre o Verbo (Filho) e Deus (Pai). Indica uma distinção de Pessoas dentro da unidade

I – O VERBO COMO DEUS ETERNO

1. O Verbo preexistente. O prólogo de João (dezoito versículos iniciais) é chamado de “Hino Logos”. Na abertura: “No princípio, era o Verbo” (Jo 1.1a), as palavras “no princípio” lembram o texto introdutório da Bíblia (Gn 1.1) e



Enquanto os gregos pensavam em um princípio impessoal e os gnóstico num ser intermediário, João apresenta o *Logos* como o próprio Deus Eterno — Jesus Cristo, o Filho Unigênito do Pai.”

da Trindade (Dt 6.4; 1 Jo 5.7). O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são formas sucessivas de aparecimento de uma Pessoa, mas são Pessoas coexistentes desde “o princípio” (Jo 1.2; 17.5).

3. O Verbo é da mesma essência do Pai. Ainda no versículo de abertura, João revela “o Verbo era Deus” (Jo 1.1c). Aqui, a palavra grega para Deus (*Theós*) aparece sem o artigo definido — fato que tem gerado discussões exegéticas. Porém, na estrutura grega, a ausência do artigo não implica indefinição ou inferioridade. Essa construção enfatiza a qualidade ou a *natureza* do sujeito. A omissão do artigo não significa “um deus”, como sustentam traduções heréticas, mas é um indicativo da natureza do Verbo. Esclarece que o Verbo compartilha da mesma essência divina (Jo 10.30; 14.9). Desse modo, o Verbo é como o Pai: eterno (Jo 1.2) e criador (Jo 1.3). Portanto, a expressão “o Verbo era Deus” ensina que Jesus é da “mesma substância” do Pai, isto é, Deus em sua totalidade (Cl 1.15; 2.9).

SINOPSE I

O Verbo é eterno, distinto do Pai e da mesma essência divina, plenamente Deus.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

“O VERBO. João começa o seu Evangelho (isto é, o relato das ‘boas-novas’ e da verdadeira história de Jesus Cristo) chamando Jesus de ‘o Verbo’ (gr. *logos*). Ao usar este termo para definir Jesus, o apóstolo o apresenta como a Palavra pessoal de Deus, por meio da qual todas as coisas vieram à existência (v. 3; cf. Gn 1.3,6,9,14,20,24). A Bíblia afirma que Deus tem falado conosco através de seu Filho (Hb 1.1-3); e, evidentemente, as próprias palavras de Jesus procedem diretamente de Deus (Jo 8.28; 14.24). A Palavra escrita de Deus declara que Jesus Cristo é a sabedoria divina para nós em todos os aspectos, ajudando-nos a compreender, manifestar e realizar os propósitos do Senhor (1Co 1.30; Ef 3.10-11; Cl 2.2-3). Além disso, a Escritura descreve Jesus como a perfeita revelação da natureza e da personalidade do Pai (Jo 1.3-5, 14, 18; Cl 2.9) — Cristo é Deus em forma humana. Assim como as palavras de uma pessoa revelam seu coração e sua mente, Cristo, como ‘o Verbo’ (isto é, a Palavra), revela o coração e a mente de Deus (Jo 14.9).

[...] A relação entre o Verbo e o Pai. (a) Cristo estava ‘com Deus’ antes da criação do mundo (cf. Cl 1.15). Ele é uma pessoa que existe eternamente – não tem começo nem fim – diferentemente de Deus Pai, mas em um relacionamento eterno e uniforme com Ele. (b) Cristo é divino (‘o Verbo era Deus’), tem a mesma natureza, o mesmo caráter e o mesmo modo de ser que o Pai (Cl 2.9)” (**Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.1837).

II – O VERBO COMO CRIADOR

1. O agente da criação. A Bíblia declara que “no princípio, criou Deus” (Gn 1.1a). A expressão “criou” traduz a palavra hebraica *bārā*, termo reservado à atividade criadora de Deus (Gn 1.21,27; 2.4; 5.1,2; 6.7). Afirma que o universo foi criado por Deus a partir do nada — do latim *ex nihilo* (Hb 11.3). A doutrina de Deus como Criador possui fundamentos tanto no Antigo Testamento (Sl 33.6; Is 45.12; Ne 9.6) quanto no Novo Testamento (At 17.24; Rm 1.20; Ap 4.11). Nesse sentido, João apresenta Jesus também como Criador: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). Este versículo enfatiza a divindade do Verbo, uma vez que a criação é obra exclusiva de Deus (Cl 1.16,17). Desse modo, o Filho é o agente ativo na criação do universo (Hb 1.2).

2. A fonte da vida. O apóstolo João enfatiza com clareza que “nele, estava a vida” (Jo 1.4a), referindo-se ao Verbo eterno — Jesus Cristo. Esta declaração revela que o Verbo é a fonte absoluta e originária de toda forma de vida, tanto física quanto espiritual e eterna (Jo 3.36;

1 Jo 5.11,12). A expressão denota a autosuficiência do Verbo, uma característica específica da divindade (At 17.25). Jesus não depende de nada ou ninguém para viver. Ele compartilha da mesma substância divina: “Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5.26). Essa verdade afirma que a vida, eterna e imutável, que está no Pai está igualmente no Filho, apontando para a mesma essência dentre as Pessoas da Trindade (Jo 10.30; 14.9; 17.5).

3. A luz dos homens. O texto bíblico assevera que “a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (Jo 1.4b–5). A metáfora da Luz simboliza o caráter de Deus, porque nEle não há trevas alguma (1 Jo 1.5). Nesse contexto, Jesus é apresentado como a Luz verdadeira (Jo 1.9). Ele não apenas possui luz; Ele é a própria Luz (Jo 8.12). Ele dissipa as trevas, ilumina os perdidos e revela o pecado (Mt 4.16; Jo 3.19). A declaração “as trevas não prevaleceram contra ela” (Jo 1.5 – NAA) mostra que as forças do mal não têm poder sobre Cristo. O verbo grego *katalambánō* pode ser traduzido como “compreender”, “apoderar” ou “dominar”, e nesse caso expressa que as trevas do pecado não podem resistir à luz do Filho de Deus (Rm 13.12).

SINOPSE II

Como Criador, o Verbo é fonte de vida e luz, e nenhuma força de trevas pode prevalecer contra Ele.

“A VIDA ERA A LUZ DOS HOMENS. (1) A ‘vida’ (gr. *zōē*) é um dos temas centrais do Evangelho de João, aparecendo 36 vezes. Jesus é descrito como o Pão da Vida (Jo 6.35, 48) e a Água da Vida (Jo 4.10-11; 7.38). Suas palavras são palavras de vida eterna (Jo 6.68). Ele é quem dá a vida (Jo 6.33; 10.10), e essa vida é um dom de Cristo (Jo 10.28). Na verdade, Cristo é ‘a vida’ (Jo 14.6). Em outras palavras, a verdadeira vida encontra-se em Cristo (cf. Jo 14.6) e é experimentada por meio de um relacionamento pessoal com Ele (Jo 17.3). (2) A ‘luz’ (gr. *phōs*) é mencionada 23 vezes no Evangelho de João, mais do que em qualquer outro livro do Novo Testamento. A vida de Jesus é a luz para todas as pessoas, o que significa que Ele nos revelou a Deus e aos seus planos para nossa existência, mostrando-nos o caminho de volta a Ele. A verdade, a natureza e o poder de Deus foram manifestados em Cristo e estão disponíveis a todos por meio dEle (Jo 8.12; 12.35-36, 46). Em Jesus também podemos tornar-nos filhos da luz (Jo 12.36) e andar na luz (1 Jo 1.7)” (**Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.1837).

III – O VERBO COMO REVELAÇÃO DO PAI

1. A encarnação do Verbo. João também apresenta o Verbo como o supremo meio de autorrevelação do Pai: “o Verbo



Essa verdade afirma que a vida, eterna e imutável, que está no Pai está igualmente no Filho.”

se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória” (Jo 1.14a). Esta afirmação marca o ponto culminante da revelação divina: o Verbo se tornou homem sem deixar de ser Deus (Fp 2.6-8). O termo grego *eskēnōsen* (habitou) significa literalmente “armou sua tenda”. Essa linguagem faz alusão ao Tabernáculo (Êx 25.8,9), onde a presença de Deus habitava no meio do povo de Israel. O corpo de Cristo é assim comparado a esse tabernáculo: nele, a glória de Deus se manifestou visível entre os homens (Cl 2.9). Ele revela a união hipostática das duas naturezas do Filho: divina e humana. Ele é o Emanuel, o Deus conosco (Mt 1.23) — a plena revelação do Pai (Hb 1.1).

2. A plenitude da graça e da verdade. João, testemunha ocular da encarnação do Verbo, declara ser a “glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14b). A palavra “glória” (gr. *dóxa*) remete ao conceito da *shekinah* — a presença gloriosa de Deus entre o seu povo (Êx 40.34,35). Porém, enquanto a glória na Antiga Aliança se manifestava parcialmente, em Cristo ela se mostra plenamente (Jo 2.11; 17.1-5).

A frase “cheio de graça e de verdade” revela o conteúdo dessa glória. Diferente da lei dada por Moisés (Jo 1.17a), Cristo encarnou a própria graça salvadora e a verdade eterna. Ele não apenas ensina a verdade — Ele é a verdade (Jo 14.6). E não apenas oferece graça — Ele é a plenitude da graça de Deus, uma provisão contínua que se manifestou salvadora a todos os homens (Tt 2.11).

3. O revelador do Deus invisível. No último versículo de seu prólogo, João afirma: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer” (Jo 1.18). Aqui, o apóstolo enfatiza que Deus é invisível e inacessível (Êx 33.20; 1 Tm 6.16). No entanto, o Verbo o revelou de forma plena e perfeita. A expressão “Deus unigênito” (gr. *monogenēs theos*) significa literalmente “o Deus único gerado”. Refere-se a Cristo — o Filho da mesma substância (gr. *homoousios*) do Pai. Essa declaração reafirma a eternidade e a plena divindade do Filho. Cristo é a autorrevelação completa do Pai: “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14.9).

SINOPSE III

O Verbo encarnado revela de forma plena o Pai, manifestando graça e verdade.

CONCLUSÃO

Jesus Cristo é o Deus unigênito que revela o Pai. Nele, a glória, a graça e a verdade de Deus são plenamente manifestas. A encarnação do Verbo não é apenas uma doutrina essencial da fé cristã, mas também um chamado à adoração e proclamação daquele que é a imagem visível do Deus invisível. O Senhor Jesus é a perfeita revelação do Pai à humanidade. Que cada crente reconheça que conhecer a Cristo é conhecer o próprio Deus, e que proclamar essa verdade é tornar a glória do Pai conhecida no mundo.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. Como é chamado o prólogo de João (dezoito versículos iniciais)?
“Hino Logos”.
2. O que os gregos pensavam a respeito do Verbo?
Que o Verbo era uma força ou ideia, e não plenamente pessoal e divino.
3. Qual é o texto bíblico em que João apresenta Jesus também como Criador?
João 1.3.
4. A declaração “nele, estava a vida” (Jo 1.4a), referindo-se a Jesus Cristo, revela o que a respeito do Verbo?
Que Ele é a fonte absoluta e originária de toda forma de vida.
5. A expressão “Deus Unigênito” significa literalmente o quê?
“O Deus único gerado” — o Filho da mesma essência do Pai.

LIÇÃO 7

15 de Fevereiro de 2026



A OBRA DO FILHO

TEXTO ÁUREO

“Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome.” (Ep 2.9)

VERDADE PRÁTICA

A humilhação voluntária de Cristo, sua obra redentora e sua exaltação gloriosa revelam que somente Ele é digno de toda adoração e obediência.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Rm 12.2

O cristão precisa viver na vontade de Deus

Terça – Jo 17.5

Jesus renunciou sua glória celestial

Quarta – Hb 12.2

Cristo está glorificado à direita do Pai

Quinta – Jo 19.30

Jesus completou a obra que o Pai lhe confiou

Sexta – Hb 1.3

Cristo é Rei e Sacerdote

Sábado – Hb 9.28

Cristo voltará glorioso para buscar sua Igreja

Filipenses 2.5-11; Hebreus 9.24-28

Filipenses 2

5 - De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus,

6 - que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus.

7 - Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens;

8 - e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz.

9 - Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome,

10 - para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra,

11 - e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

Hebreus 9

24 - Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus;

25 - nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santuário com sangue alheio.

26 - Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo.

27 - E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo,

28 - assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação.



Hinos Sugeridos: 39, 277, 491 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A obra do Filho de Deus se revela em três dimensões: sua humilhação voluntária, sua obra redentora e sua exaltação gloriosa. Nesta lição, veremos que Filipenses 2 e Hebreus 9 revelam que Jesus esvaziou-se de sua glória, ofereceu-se em sacrifício vicário e foi exaltado pelo Pai. Confirmaremos que essa obra é completa, suficiente e eterna, revelando que somente Ele é digno de toda adoração e obediência.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Explicar a humilhação voluntária de Cristo e sua obediência até a cruz; II) Mostrar que a obra redentora do Filho é única, suficiente e vicária; III) Resaltar a exaltação gloriosa de Cristo e sua soberania universal.

B) Motivação: Ao contemplarmos a trajetória de Cristo — da humilhação à exaltação —, entendemos que a salvação não vem de nossos méritos, mas da obediência

perfeita do Filho. Sua cruz nos redime e sua exaltação garante nossa esperança. Essa verdade deve nos inspirar a viver em santidade, submissão e expectativa do seu retorno.

C) Sugestão de Método: Antes de iniciar a aula, escreva no quadro três palavras: Humilhação – Redenção – Exaltação. Divida a classe em três grupos e entregue a cada grupo um conjunto de versículos correspondentes (Fp 2.5-8; Hb 9.24-28; Fp 2.9-11). Peça que cada grupo leia e prepare uma explicação simples sobre como o texto se relaciona com sua palavra. Em seguida, cada grupo compartilhe com a classe. Finalize mostrando que essas três dimensões formam a obra completa de Cristo.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: A obra do Filho é perfeita e suficiente. Ele se humilhou para nos salvar, ofereceu-se como sacrifício vicário para nos redimir e foi exaltado à destra do Pai,

onde reina soberano. Diante disso, devemos viver em obediência, gratidão e esperança, aguardando com fidelidade o retorno triunfal de Cristo.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão.

Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.39, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “A Glória Eterna e o Esvaziamento de Cristo”, localizado depois do primeiro tópico, aprofunda o tema da humilhação voluntária do Filho de Deus; 2) O texto “O Sangue de Jesus Cristo”, ao final do segundo tópico, aprofunda o tema da Obra Redentora do Filho, tendo no derramamento de sangue sua expressão máxima de salvação.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Jesus Cristo é o Filho eterno de Deus, que assumiu a forma humana, viveu uma vida sem pecado, morreu em nosso lugar e ressuscitou vitoriosamente. Sua missão abrange não apenas o perdão dos pecados, mas a revelação do caráter do Pai e a restauração de toda a criação. Esta lição visa apresentar a profundidade da obra do Filho em três dimensões: sua humilhação, sua redenção e sua exaltação.

Palavra-Chave
Obra

I – A HUMILHAÇÃO VOLUNTÁRIA DO FILHO

1. A submissão de Cristo. Paulo exorta a igreja de Filipos à unidade e à humildade (Fp 2.1-4). O apóstolo adverte aqueles irmãos a terem a mente de Cristo: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fp 2.5).

O termo grego traduzido como “sentimento” é *phroneō*, que também pode significar “modo de pensar” e

“disposição mental”. Dessa forma, os crentes devem assumir o mesmo modo de pensar e viver que foi demonstrado por Cristo (1 Jo 2.6). Refere-se a uma consciência moldada pela humildade, amor e obediência (Jo 13.15). Imitar a mente de Cristo significa renunciar ao egoísmo, buscar o bem do próximo e viver para a glória de Deus (Rm 12.2). Como cristãos, somos chamados não apenas a crer em Cristo, mas a pensar e agir como Ele (Mt 11.29).

2. O esvaziamento de sua glória. O apóstolo recorda que Jesus, “sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus” (Fp 2.6). Sendo Ele igualmente Deus, compartilhando da mesma natureza do Pai (Jo 1.1) — preferiu privar-se de seus direitos — não da sua divindade. Trata-se de um contraste com o primeiro Adão, que almejou ser “como Deus” (Gn 3.5), enquanto Cristo, o segundo Adão, sendo Deus, preocupou-se com o bem-estar dos outros (Fp 2.4b). Essa realidade é confirmada quando Jesus “aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo” (Fp 2.7a), isto é, esvaziou-se voluntariamente (gr. *kénosis*), assumindo a natureza humana na forma de servo (Fp 2.7b; Hb 4.15). Isso não significa a perda de sua divindade, mas a renúncia da glória que Ele possuía na eternidade com o Pai (Jo 17.5).

3. Obediência sacrificial até à cruz. A obediência de Cristo foi plena, desde a encarnação até o Calvário: “na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2.8). Ele desceu à condição mais humilde e morreu como servo (2 Co 8.9). Em obediência ao Pai e em favor dos pecadores, submeteu-se à humilhação da cruz (Hb 12.2). Revela a Escritura que o primeiro Adão trouxe condenação pelo pecado; e, Cristo, o

segundo Adão, trouxe justiça por meio de sua perfeita obediência (Rm 5.19). Essa verdade ratifica que a Obra Redentora do Filho está fundamentada na obediência completa de Cristo ao Pai (Jo 6.38). A nossa salvação é resultado dessa obediência, e não de nossos méritos (Ef 2.8,9). Assim como Cristo, devemos obedecer à vontade do Pai (Rm 12.1).

SINOPSE I

A humilhação do Filho revela sua submissão, esvaziamento e obediência até a cruz.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

A GLÓRIA ETERNA E O ESVAZIAMENTO DE CRISTO

“Jesus Cristo é o Filho de Deus, possuindo em sua própria essência a natureza divina, sendo, portanto, igual ao Pai antes, durante e depois de seu tempo na terra (cf. Jo 1.1; 8.58; 17.24; 20.28; Cl 1.15,17; Mc 1.11; veja o artigo Os Atributos de Deus, p. 1025). Em outras palavras, Jesus é, foi e sempre será Deus. O fato de Cristo não ter considerado ‘usurpação ser igual a Deus’ significa que Ele, voluntariamente, abriu mão de seus privilégios e de sua glória celestial para viver na terra como homem e, por fim, entregar a sua vida a fim de que pudéssemos ser salvos. A expressão grega uti-

lizada é *ekenōsen* (do verbo *kenōō*, derivado de *kenos*, 'vazio, vão'), que literalmente significa 'ele esvaziou-se'. Isso não quer dizer que Jesus tenha renunciado à sua divindade (isto é, à sua plena natureza como Deus), mas que voluntariamente deixou de lado suas prerrogativas divinas, incluindo sua glória celestial (Jo 17.4), posição (Jo 5.30; Hb 5.8), riqueza (2Co 8.9), direitos (Lc 22.27; Mt 20.28) e o uso de seus atributos como Deus (Jo 5.19; 8.28; 14.10). Esse esvaziamento implicou não apenas a suspensão voluntária de seus privilégios divinos, mas também a aceitação do sofrimento humano, de maus-tratos, do ódio e, em última instância, da maldição da morte na cruz" (**Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.2199).

II – A OBRA REDENTORA DO FILHO

1. A ineficácia do sacerdócio levítico.

O sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos uma vez por ano, no Dia da Expição (*Yom Kippur*), levando sangue alheio — o sangue de animais — para fazer propiciação por seus próprios pecados e pelos do povo (Lv 16.11-15). Esse sacrifício era repetido anualmente porque não era suficiente para remover o pecado (Hb 9.25). O sumo sacerdote terreno era uma figura (tipo) de Cristo, que é o real e eterno Sumo Sacerdote (Hb 2.17). O santuário terreno era uma sombra (Hb 8.5), mas Cristo entrou no céu mesmo, para interceder por nós diante do Pai (Hb 8.1,2). A entrada única de Cristo no santuário com seu próprio sangue nos

assegura uma eterna redenção (Hb 9.12). Por ser imperfeito, o sacerdócio levítico foi substituído por um superior, o sacerdócio de Cristo (Hb 7.23,24).

2. O Sacrifício único e suficiente. Na Antiga Aliança, ofereciam-se sacrifícios continuamente pelo pecado por causa da ineficácia dessas ofertas (Hb 9.25; 10.1-4). Diferente do sistema levítico, a morte de Jesus foi definitiva, completa e eficaz: "assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos" (Hb 9.28a). A expressão "uma vez" (gr. *hápax*) indica que não há necessidade de repetição: o que Ele fez é perfeito e eterno (Hb 10.10). A salvação não é por causa dos méritos ou rituais, mas ela é plena e gratuita, alcançada pela fé na obra consumada de Jesus (Jo 19.30). Cristo, ao morrer, rasgou o véu que separava o homem da presença de Deus (Mt 27.51). Não há outro meio de salvação, nenhuma outra oferta, nenhum outro nome (At 4.12). O Calvário é suficiente. Jesus é tudo!

3. A substituição vicária. A expressão "vicária" vem do latim *vicarius*, que significa "em lugar de outro". A substituição vicária é inseparável da justiça divina (Rm 3.26). O pecado não pode ser ignorado, e precisa ser punido (Rm 5.21). Em virtude disso, Deus não poupou seu próprio Filho, mas o entregou para morrer em nosso lugar, assumindo sobre si a penalidade que nos era destinada (Rm 8.32). No sistema sacrificial da Lei, os animais oferecidos tipificavam essa substituição, mas não removiam o pecado (Hb 10.4). Em Cristo, o Cordeiro de Deus, a substituição é perfeita e definitiva: "na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9.26b). Assim, em adoração devemos viver para Cristo que por nós morreu (2 Co 5.15).

SINOPSE II

A obra redentora de Cristo é única, suficiente e vicária, garantindo nossa salvação.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

“O SANGUE DE JESUS CRISTO.

O sangue de Jesus Cristo, que representa o seu sacrifício pelos nossos pecados, está intimamente ligado ao conceito de redenção no Novo Testamento, isto é, à salvação espiritual [...]. Ao morrer na cruz, Jesus derramou o seu sangue inocente para remover os nossos pecados e restaurar a possibilidade de desfrutarmos de um relacionamento correto com Deus (Rm 5.8,19; Fp 2.8; cf. Lv 16). Por meio de seu sangue, Jesus realizou uma grande obra: (1) Seu sangue fornece o perdão para os pecados de todos aqueles que se convertem de suas próprias maneiras e depositam sua fé em Cristo (Mt 26.28). (2) Seu sangue resgata (isto é, restaura) todos os verdadeiros crentes do controle de Satanás e dos poderes malignos (At 20.28; Ef 1.7; 1 Pe 1.18-19; Ap 5.9; 12.11). (3) Seu sangue justifica (isto é, torna correto com Deus) todos os que confiam a vida a Ele (Rm 3.24-25)” (**Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.2315).

III – A EXALTAÇÃO GLORIOSA DO FILHO

1. Recebido à destra do Pai. Após sua humilhação voluntária, o Filho foi entronizado nos céus com glória eterna: “pelo que também Deus o exaltou soberanamente” (Fp 2.9a). A exaltação de Cristo está ligada à sua obediência perfeita (Fp 2.8). O verbo “exaltou” (gr. *hyperypsōsen*) denota uma elevação acima de toda medida. Cristo não apenas venceu a morte, mas foi exaltado à posição suprema no Universo. Ocupou o lugar de honra à destra do Pai — símbolo de autoridade, glória e soberania (Hb 1.3). Estar assentado ali expressa o reconhecimento divino da obra completa do Filho (Jo 17.4,5). Cristo não apenas voltou para o céu, Ele assentou-se no trono (Ap 3.21). Sua exaltação garante nosso acesso à presença de Deus. Ele intercede por nós (Rm 8.34), e reina como Rei dos reis (Ap 19.16).

2. Um nome acima de todo nome.

Cristo recebeu de Deus Pai “um nome que é sobre todo o nome” (Fp 2.9b). Na Bíblia, o nome carrega o sentido de caráter e autoridade. Dessa forma, dizer que Cristo recebeu um nome sobre-excelente, a Escritura afirma que nenhuma autoridade, seja visível ou invisível, se compara ao seu poder e posição (Ef 1.21a). Isso significa que Cristo foi exaltado acima de toda eminência do bem e do mal, e de todo título que se possa conferir nessa era e também no porvir (Ef 1.21b). Não existe poder algum que seja maior e nem mesmo igual ao poder de Cristo (1 Pe 3.22). Portanto, o nome de Jesus não é apenas um símbolo de fé, mas uma fonte real de autoridade espiritual. O Senhor delegou à Igreja o uso de seu nome, para curar, libertar, pregar e vencer as forças do mal (Mc 16.17,18).

3. Soberania universal e retorno triunfal. A Escritura revela que todas as criaturas se curvarão diante do nome de Jesus (Fp 2.10). Essa verdade aponta para a plena soberania de Cristo (At 2.36). A confissão universal de que “Jesus Cristo é o Senhor” se dará de duas maneiras: *voluntária*, por aqueles que creem e servem a Jesus como Salvador (Rm 10.9,10), e, *compulsória*, por aqueles que o rejeitaram, mas que o reconhecerão em juízo (Rm 14.11; Fp 2.11). Hebreus completa a visão escatológica da soberania de Cristo, afirmando que Ele voltará para levar para si os que o esperam (Hb 9.28). Essa vinda será em glória, poder e juízo (Mt 24.30). Sua glória será reconhecida por todos — para salvação ou para condenação. Ele voltará, triunfante, para buscar a sua Igreja e reinar eternamente (Jo 14.2,3; Ap 11.15).

SINOPSE III

A exaltação gloriosa de Cristo manifesta sua soberania universal e assegura o triunfo final da Igreja.

CONCLUSÃO

A obra do Filho é completa, suficiente e gloriosa — da humilhação à exaltação. Ele se humilhou para nos salvar, ofereceu-se em sacrifício vicário para nós redimir e foi exaltado para governar eternamente. Como Igreja, somos chamados a viver em comunhão com essa verdade, aguardando o retorno do nosso Senhor e Salvador. Vivamos como servos daquele que nos serviu com sua vida e nos salvou com seu sangue.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. De acordo com a lição, o que significa imitar a mente de Cristo?

Imitar a mente de Cristo significa renunciar ao egoísmo e viver em humildade, amor e obediência.

2. A Obra Redentora do Filho está fundamentada em quê e qual é o resultado dela?

Está fundamentada na obediência completa de Cristo ao Pai; o resultado é a nossa salvação.

3. Por que o sacerdócio levítico foi substituído pelo sacerdócio de Cristo?

Porque o sacerdócio levítico era imperfeito e não removia os pecados; Cristo é o Sumo Sacerdote perfeito.

4. O que a exaltação de Cristo ao voltar para o Céu e assentar-se no trono garante para nós?

Garante-nos acesso à presença de Deus e intercessão contínua de Cristo.

5. O nome de Jesus é um símbolo de fé, mas também uma fonte real de autoridade espiritual. O próprio Senhor delegou à Igreja o uso de seu nome com que finalidade?

Para curar, libertar, pregar e vencer as forças do mal.

LIÇÃO 8

22 de Fevereiro de 2026



O DEUS ESPÍRITO SANTO

TEXTO ÁUREO

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.” (Jo 14.16)

VERDADE PRÁTICA

O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Trindade, plenamente divino, atuando como Consolador, Ensinador e Santificador da Igreja.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Jo 14.16

O Espírito é o Consolador prometido

Terça – 1 Co 12.11

O Espírito distribui os dons soberanamente

Quarta – Jo 14.26

O Espírito ensina e faz lembrar da verdade

Quinta – Rm 8.11

O Espírito é o agente da ressurreição

Sexta – 2 Ts 2.13

O Espírito opera a santificação do crente

Sábado – At 13.2

O Espírito chama e designa para a missão

João 14.25-31

25 - Tenho-vos dito isso, estando convosco.

26 - Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.

27 - Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.

28 - Ouvistes o que eu vos disse: vou e venho para vós. Se me amásseis, certa-

mente, exultaríeis por ter dito: vou para o Pai, porque o Pai é maior do que eu.

29 - Eu vo-lo disse, agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis.

30 - Já não falarei muito convosco, porque se aproxima o príncipe deste mundo e nada tem em mim.

31 - Mas é para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui.



Hinos Sugeridos: 155, 340, 514 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

O Espírito Santo é a terceira Pessoa da Trindade, plenamente divino e coigual ao Pai e ao Filho. Ele não é uma força impessoal, mas Consolador, Ensinador e Santificador da Igreja. Nesta lição, estudaremos sua Pessoa, sua divindade e suas principais obras, confirmando sua atuação indispensável na vida cristã e na missão da Igreja.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Mostrar que o Espírito Santo é uma Pessoa, distinta, mas coigual ao Pai e ao Filho; II) Evidenciar a plena divindade do Espírito Santo e seus atributos; III) Ressaltar as principais obras do Espírito Santo: encarnação, ressurreição e santificação.

B) Motivação: Muitos confundem o Espírito Santo como mera

força ou influência. A Bíblia, porém, o apresenta como Pessoa divina, com mente, vontade e emoções. Ele age em nossa vida como Consolador, Ensinador e Santificador. Reconhecer sua divindade fortalece nossa fé e nos leva a viver em plena dependência de sua ação.

C) Sugestão de Método: Inicie a aula convidando os alunos a refletirem sobre como têm experimentado a presença de Deus em sua caminhada. Depois, leia pausadamente João 14.16, destacando a promessa de Jesus: o Consolador estaria conosco para sempre. Pergunte: "De que forma o Espírito Santo já consolou, guiou ou fortaleceu você em momentos difíceis?" Permita que alguns compartilhem brevemente suas experiências. Em seguida, destaque: o Espírito é Pessoa, que se relaciona

conosco; é Deus, que habita em nós; e realiza obras divinas, transformando nosso coração. Finalize com uma breve oração de gratidão, pedindo que a classe viva diariamente sob a direção do Espírito Santo.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: O Espírito Santo é plenamente Deus, distinto do Pai e do Filho, mas coigual em essência, poder e glória. Ele habita em nós como Consolador, guia nossa vida, transforma nosso caráter e fortalece nossa missão. Devemos abrir espaço para sua atuação, andando em santidade e vivendo sob sua direção até a volta de Cristo.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão.

Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.40, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “Como Consolador”, localizado depois do primeiro tópico, aponta para a reflexão a respeito da Pessoa do Espírito e sua identidade revelada na Bíblia; 2) O texto “Símbolos do Espírito Santo”, ao final do segundo tópico, aprofunda o tema sobre a divindade do Espírito Santo.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O Espírito Santo é uma Pessoa divina, não uma força impessoal ou uma mera influência espiritual. Ele é o Consolador prometido que procede do Pai e do Filho (Jo 14.25-31). Ele é plenamente Deus — a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Esta lição discorre acerca da Pneumatologia com base bíblica e teológica, evidenciando a Pessoa do Espírito Santo, sua eterna divindade e suas obras maravilhosas.

Palavra-Chave
Espírito Santo

I – A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

1. O Espírito Santo é uma Pessoa.

O Espírito não é uma força impessoal,

uma energia ou uma influência, mas o próprio Deus. Ele é a Terceira Pessoa da Trindade. Ele age com autonomia, exercendo funções próprias de uma

Pessoa. Ele tem propósito, mente e consciência, o que comprova sua racionalidade (Rm 8.27).

Ele pode ser entristecido, o que envolve sensibilidade e emoções (Ef 4.30).

Ele ensina e faz lembrar, o que demonstra inteligência e comunicação consciente (Jo

14.26). Ele guia os crentes, função que exige entendimento e relacionamento (Jo 16.13). Ele distribui os dons soberanamente, o que confirma sua vontade em ação (1 Co 12.11). Ele fala com clareza, chama pessoas e designa

tarefas, que são ações de uma Pessoa divina (At 13.2). Negar sua Pessoa é mutilar a Trindade.

2. Pessoa distinta na Trindade. A doutrina da Trindade afirma que Deus é um só em essência, mas subsiste em três Pessoas distintas (1 Pe 1.2). Embora o Espírito Santo compartilhe da mesma natureza divina do Pai e do Filho, sendo plenamente Deus, Ele é uma Pessoa distinta dentro da unidade da Trindade (Tt 3.5). Essa distinção do Espírito Santo é essencial para refutar heresias, como o *modalismo* que ensina que Pai, Filho e Espírito são apenas “modos” sucessivos de uma única Pessoa divina. E o *arianismo*, que negava a divindade do Filho e do Espírito; e os *pneumatômacos* que negavam a deidade. Porém, as Escrituras ensinam que o Espírito é enviado pelo Pai e em nome do Filho, evidenciando seu papel distinto e sua missão específica (Jo 14.26). Em suma, o Espírito Santo é distinto do Pai e do Filho, mas plenamente Deus (1 Co 2.10,11).

3. O Consolador prometido. Jesus prometeu aos discípulos um divino companheiro: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre” (Jo 14.16). A palavra “Consolador” é tradução do grego *paráklētos*, que significa “aquele que encoraja e conforta”; e, “Ajudador”, que auxilia na necessidade; e, ainda “Advogado”, que intercede ou defende alguém perante uma autoridade. O vocábulo *paráklētos* aparece cinco vezes nos escritos de João, referindo-se tanto ao Espírito Santo como a Cristo (Jo 14.16, 26; 15.26; 16.7; 1 Jo 2.1). Nesse contexto, o Espírito Santo é chamado de “outro Consolador”, isto é, alguém da mesma natureza que Jesus. O Espírito Santo, portanto, não é inferior ao Filho, mas

assume o papel da presença permanente de Deus na vida dos crentes.

SINOPSE I

O Espírito Santo é uma Pessoa, distinta do Pai e do Filho, mas plenamente divina.

AUXÍLIO TEOLÓGICO

“COMO CONSOLADOR

Conforme observado no estudo dos títulos do Espírito Santo, eles nos oferecem chaves para entendermos a sua pessoa e obra. A obra do Espírito Santo como Consolador inclui o seu papel como Espírito da Verdade que habita em nós (Jo 14.16; 15.26), como Ensinador de todas as coisas, como aquEle que nos faz lembrar tudo o que Cristo tem dito (14.26), como aquEle que dará testemunho de Cristo (15.26) e como aquEle que convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo (16.8). Não se pode subestimar a importância dessas tarefas. O Espírito Santo, dentro em nós, começa a esclarecer as crenças incompletas e errôneas sobre Deus, sua obra, seus propósitos, sua Palavra, o mundo, crenças estas que trazemos conosco ao iniciarmos nosso relacionamento com Deus. Conforme as palavras de Paulo, é uma obra vitalícia, jamais completada neste lado da

eternidade (1 Co 13.12). Claro está que a obra do Espírito Santo é mais que nos consolar em nossas tristezas; Ele também nos leva à vitória sobre o pecado e sobre a tristeza. O Espírito Santo habita em nós para completar a transformação que iniciou no momento de nossa salvação. Jesus veio para nos salvar dos nossos pecados, e não dentro deles. Ele veio não somente para nos salvar do inferno no além. [...] Jesus trabalha para realizar essa obra por intermédio do Espírito Santo” (HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, pp.397-98).

II – A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO

1. O debate “Filioque”. A expressão latina *filioque* significa “e do Filho”, foi inserida no *Credo Niceno-Constantinopolitano* para reafirmar o ensino bíblico que o Espírito procede do Pai e do Filho: “o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome” (Jo 15.26 – NAA); “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9); “Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho” (Gl 4.6). Esse debate ocorreu no séc. IV em virtude das heresias do *arianismo* e dos *pneumatômacos*. Em 381, após confirmar que o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem a mesma essência divina, a igreja aprovou o *Credo* que ratificava as Escrituras e professava a fé: “no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”.



O Espírito, portanto, não é inferior ao Filho, mas assume o papel da presença permanente de Deus na vida dos crentes.”

2. Os atributos divinos do Espírito.

Todos os atributos divinos do Pai e do Filho podem ser igualmente relacionados com o Espírito Santo, tais como: *Onipotência*, o Consolador tem pleno poder sobre todas as coisas (Lc 1.15; Rm 15.19). *Onisciência*, não existe nada além de seu conhecimento (At 5.3,4; 1 Co 2.10,11). *Onipresença*, não há lugar algum onde se possa fugir da sua presença (Sl 139.7-10). *Eternidade*, Ele não passou a existir no Pentecostes, pois estava presente no ato da criação (Gn 1.1,2; Hb 9.14). Esses atributos absolutos são exclusivos da divindade. Tais virtudes são, de modo inequívoco, evidências da deidade do Espírito Santo. Essas características lhe são inerentes, não lhe foram agregadas nem conferidas. A Terceira Pessoa da Trindade possui a mesma essência do Pai e do Filho.

3. Os símbolos do Espírito. Os principais símbolos representativos do Espírito Santo são: *Fogo*, utilizado para retratar o batismo no Espírito (At 2.3), simboliza pureza, a presença e o poder de Deus. *Água*, o Espírito flui da Palavra como águas vivas que refrigeram o crente e o revestem de poder (Jo 7.37-

39). *Vento*, se refere à natureza invisível do Espírito (Jo 3.8). No Pentecostes é representado pelo som como de um vento (At 2.2). *Óleo*, usado para a luz e a unção, simboliza a consagração do crente para o serviço, e a iluminação para o entendimento das Escrituras (2 Co 1.21,22; 1 Jo 2.20,27). *Pomba*, o Espírito desceu sobre Jesus em forma de pomba (Mt 3.16), é símbolo da paz e da mansidão. Cada símbolo atua como figuras para a compreensão do caráter e da atuação do Espírito.

SINOPSE II

A divindade do Espírito é confirmada por seus atributos e símbolos revelados na Bíblia.

os que têm sede, física ou espiritual; o fogo representa uma força purificadora (como na purificação de minérios) ou destruidora (frequentemente citada no juízo). Tais símbolos representam realidades intangíveis, porém genuínas. *Vento*. A palavra hebraica *ruach* tem amplo alcance semântico. Pode significar 'sopro', 'espírito' ou 'vento'. É empregada em paralelo com *nephesh*. O significado básico de *nephesh* é 'ser vivente', ou seja, tudo que tem fôlego. A partir daí, seu alcance semântico desenvolve-se ao ponto de referir-se a quase todos os aspectos emocionais e espirituais do ser humano vivente" (HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, pp.387-88).

AUXÍLIO TEOLÓGICO

"SÍMBOLOS DO ESPÍRITO SANTO

Os símbolos oferecem quadros concretos de coisas abstratas, tais como a terceira Pessoa da Trindade. Os símbolos do Espírito Santo também são arquétipos. Em literatura, arquétipo é uma personagem, tema ou símbolo comum a várias culturas e épocas. Em todos os lugares, o vento representa forças poderosas, porém invisíveis; a água límpida que flui representa o poder e refrigério sustentador da vida a todos

III – AS OBRAS DO ESPÍRITO SANTO

1. O Espírito Santo e a Encarnação.

A encarnação do Filho de Deus revela o papel do Espírito como o agente divino na concepção de Jesus: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá [...] o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lc 1.35). O Espírito Santo, em união com o poder do Pai, atua de modo sobrenatural no ventre de Maria. Embora Jesus tenha sido concebido pelo Espírito (Mt 1.18), Ele é Filho do Pai, pois foi gerado na eternidade (Mq 5.2; Jo 1.1). O evento é uma ação trinitária: o Pai envia o Filho (Gl 4.4); o Filho assume a forma humana (Fp 2.7); e o Espírito realiza o milagre da concepção (Mt 1.20).



O Espírito Santo habita no crente desde a regeneração até a glorificação, conduzindo-o em santidade.”

A divindade do Espírito é confirmada por sua participação direta na encarnação do Verbo, uma obra que somente Deus poderia realizar.

2. O Espírito Santo e a Ressurreição. A vida e o poder sobre a morte são atribuições exclusivas de Deus (Jo 5.21). Nesse sentido, a ressurreição de Cristo é uma obra da Trindade: o *Pai* ressuscitou o Filho (At 2.24), o *Filho* declarou possuir poder para dar a sua vida e retomá-la, Ele próprio é a ressurreição (Jo 10.18; 11.25); e o *Espírito Santo* é o agente vivificador: “E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita” (Rm 8.11). Paulo atribui ao Espírito Santo a ação direta na ressurreição, e afirma que esse mesmo Espírito habita nos crentes, garantindo-lhes a ressurreição final, uma ação que apenas Deus é capaz de executar (Ef 1.13,14). A atuação do Espírito nessa obra comprova sua plena divindade.

3. O Espírito Santo e a Santificação. O Espírito não apenas nos convence do pecado (Jo 16.8), mas também promove

transformação (2 Co 3.18). Deus nos escolheu para vivermos em santidade (Ef 1.4; 2 Ts 2.13). A santificação possui duas dimensões: uma *posicional*, no momento da conversão (1 Co 6.11), e outra *progressiva*, como processo contínuo de transformação (Hb 12.14). O Espírito Santo habita no crente desde a regeneração até a glorificação, conduzindo-o em santidade. Porém, requer a cooperação do crente. Paulo exorta: “andai em Espírito” (Gl 5.16), e adverte: “não entristeçais o Espírito” (Ef. 4.30). No entanto, não é resultado exclusivo do esforço humano, mas uma ação permanente do Espírito (1 Pe 1.2). Essa ação atesta a deidade do Espírito, pois apenas Deus pode transformar o coração humano (Ez 36.26).

SINOPSE III

As obras do Espírito Santo — encarnação, ressurreição e santificação — revelam seu poder e atuação contínua na vida da Igreja.

CONCLUSÃO

Compreender a divindade do Espírito Santo fortalece nossa fé na Trindade. O Espírito é distinto do Pai e do Filho, mas coigual em essência, poder e glória. Como Consolador, Ele continua a obra de Cristo, e habita na vida dos crentes. Sua presença é viva e transformadora, indispensável na edificação, ensino, e missão da Igreja. Que todos nós vivamos guiados pelo Espírito, até que Cristo volte.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. O Espírito não é uma força impessoal, uma energia ou uma influência, mas o próprio Deus. Ele é a Terceira Pessoa da Trindade. Cite três características apresentadas na lição que confirmam essa verdade.

Ele tem mente, vontade e emoções; pode ser entristecido; guia, ensina e distribui dons.

2. Cite três dos atributos divinos do Pai e do Filho que podem ser igualmente relacionados com o Espírito Santo, apresentados na lição.

Onipotência, Onisciência, Onipresença e Eternidade.

3. Quais os cinco principais símbolos representativos do Espírito Santo mostrados na lição?

Fogo, Água, Vento, Óleo e Pomba.

4. Paulo atribui ao Espírito Santo a ação direta em que episódio?

No episódio da ressurreição de Cristo.

5. Quais são as duas dimensões da santificação?

Santificação posicional (na conversão) e progressiva (processo contínuo de transformação).

LEITURAS PARA APROFUNDAR



O Espírito Santo na Bíblia

É um livro que expõe grandes verdades de tal maneira que todos podem entender e tirar proveito da instrução contida nele. Concede uma nova visão sobre o que as Escrituras ensinam sobre a pessoa do Consolador, Ajudador, Advogado, Mestre e Guia. Sua leitura inspira fé, fortalece a comunhão com Deus e nos chama a viver no Espírito.



A Existência e a Pessoa do Espírito Santo

Seria o Espírito Santo uma influência, ao invés de um Ser dotado de personalidade e atributos divinos?

O Espírito Santo existe, e é uma Pessoa – a Terceira da Trindade.

Passo a passo, a obra traz referências que revelam nomes, títulos, figuras e a obra do Consolador. Você será espiritualmente edificado.

LIÇÃO 9

1 de Março de 2026

ESPÍRITO SANTO — O REGENERADOR

TEXTO ÁUREO

“Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.” (Jo 3.3)

VERDADE PRÁTICA

A regeneração é a transformação operada pelo Espírito Santo, pela qual o pecador se torna uma nova criatura.

LEITURA DIÁRIA

Segunda - Jo 3.1-8

O novo nascimento é essencial para entrar no Reino de Deus

Terça - Tt 3.4-7

A regeneração é resultado da misericórdia e graça divinas

Quarta - Ef 2.1-10

Pela graça, somos salvos em Cristo e criados para praticar as boas obras

Quinta - 1 Pe 1.22-23

O novo nascimento ocorre pela Palavra viva e eterna de Deus.

Sexta - 2 Co 5.17-21

Em Cristo, recebemos nova identidade e o ministério da reconciliação

Sábado - Gl 5.16-25

O fruto do Espírito é a evidência prática da nova vida

João 3.1-8

1 - E havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, príncipe dos judeus.

2 - Este foi ter de noite com Jesus e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.

3 - Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.

4 - Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?

5 - Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.

6 - O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.

7 - Não te maravilhes de te ter dito: *Necessário vos é nascer de novo.*

8 - O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.



Hinos Sugeridos: 432, 434, 447 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A Regeneração é obra indispensável à salvação. Jesus ensinou que, para entrar no Reino, é necessário nascer de novo. Essa transformação não é exterior, mas interior, realizada pelo Espírito Santo, que regenera o pecador e o torna nova criatura em Cristo. Nesta lição veremos a Regeneração como uma obra trinitária, sua natureza espiritual e seus sinais na vida do crente.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Explicar que a Regeneração é uma obra trinitária, planejada pelo Pai, realizada pelo Filho e aplicada pelo Espírito

Santo; II) Mostrar que a Regeneração é uma transformação espiritual interior e indispensável à salvação; III) Apontar os sinais práticos do Novo Nascimento: justificação, santificação e o fruto do Espírito.

B) Motivação: Muitos pensam que a vida cristã se resume a boas obras ou a uma mudança de comportamento. Porém, Jesus declarou que é necessário nascer de novo. A Regeneração é obra espiritual e milagrosa do Espírito Santo, que concede ao pecador uma nova vida. Essa verdade deve motivar-nos a viver conscientes de que fomos transformados e chamados a refletir o caráter de Cristo.

C) Sugestão de Método: Inicie a aula destacando no quadro ou de maneira verbal as palavras: “Carne” e “Espírito”. Peça aos alunos que citem exemplos do que pertence à carne (Gl 5.19–21) e do que pertence ao Espírito (Gl 5.22,23). Depois, leia João 3.5,6 e destaque: “O que é nascido da carne é carne; o que é nascido do Espírito é espírito”. Explique que a Regeneração não é um aperfeiçoamento humano, mas um milagre espiritual. Então, inicie a exposição do primeiro tópico.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: A Regeneração não é resultado de esforço humano, mas obra do Espírito Santo que concede nova vida em Cristo. Essa transformação nos conduz à justificação, ao

processo de santificação e à manifestação do fruto do Espírito.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.37, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “A Regeneração”, localizado depois do primeiro tópico, aprofundo o tópico da Regeneração como obra trinitária na Salvação; 2) O texto “Purificando o Crente”, ao final do segundo tópico, aprofunda o tema da natureza espiritual da obra de Regeneração.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O Novo Nascimento é uma obra indispensável à salvação. Jesus ensinou que para entrar no Reino é necessário nascer de novo. Não se trata de uma mera mudança exterior, mas de uma obra de transformação interior. Esta lição apresenta o Espírito Santo operando no plano trinitário da Salvação como o agente da Regeneração. Sua atuação revela o milagre divino que regenera a natureza humana decaída, concedendo nova vida em Cristo.



I – REGENERAÇÃO: UMA OBRA TRINITÁRIA

1. A doutrina bíblica da Regeneração.

A expressão “nascer de novo” (Jo 3.3) é tradução do verbo grego *gennēthē* — “ser gerado” ou “nascer”, e do advérbio *anōthen* — “do alto”, “de cima”, “de novo”. No diálogo com Nicodemos, Jesus explica que o “nascer de novo” não é físico, mas espiritual (Jo 3.5) — uma segunda origem, não humana —, um renascimento a partir do alto, isto é, de Deus. Por isso, certas versões bíblicas traduzem como “nascer do alto”.

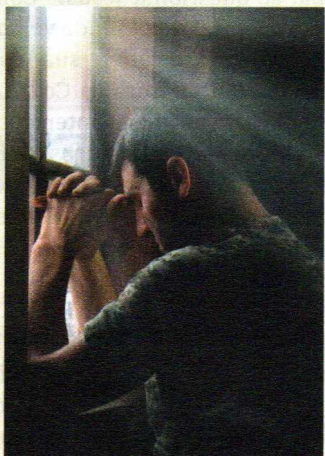
Nesse sentido, Paulo ensina que somos salvos “pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo” (Tt 3.5b). Aqui “regeneração” (gr. *palingenesis*) significa “novo nascimento” e está intimamente ligado à conversão. Trata-se da renovação interior realizada pelo Espírito, ocasião em que a pessoa se torna uma nova criatura (2 Co 5.17).

2. A Regeneração como exigência de Jesus. Cristo declarou que: “Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3). Equivale dizer que a regeneração é absolutamente necessária (Mt 18.3). Ela é a porta de entrada no Reino, a obra inicial da graça que principia a transformação do pecador (1 Co 6.9–11). No milagre do novo nascimento, há fé e arrependimento (Mt 4.17). Tornar-se uma nova criatura é uma exigência absoluta, uma condição essencial para a salvação (Gl 6.15). Portanto, o plano divino para a Regeneração deve ser pregado com prioridade (Mc 16.15).

3. O Pai como o autor da salvação. A regeneração, ou novo nascimento, tem sua origem no plano eterno e soberano de Deus Pai (Ef 1.4,5). É Ele quem inicia a obra da redenção, movido por seu amor imensurável e por sua vontade de salvar os pecadores (Jo 3.16). Esse amor divino é a fonte primária da salvação — não condicionado aos méritos humanos, mas oferecido por graça divina, mediante a fé (Jo 1.13; Ef 2.8,9). Essa verdade gloriosa exalta o Pai como a fonte de toda boa dádiva e o autor da nova vida que recebemos (Tg 1.17,18).

4. O Espírito como agente da Regeneração. A regeneração é um ato da misericórdia divina (Tt 3.5). É o Pai que decreta (Ef 1.4), o Filho que a torna possível por sua morte e ressurreição (Ef 1.7), e o Espírito que a realiza no coração do pecador (Jo 16.8). Jesus explicou essa ação do Espírito ao dizer: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3.6). Isso indica que onde o Espírito opera, ocorre transformação

AMPLIANDO O CONHECIMENTO



O NASCIMENTO ESPIRITUAL

“Em Jo 3.1–8, Jesus discute uma das doutrinas fundamentais (isto é, ensinamentos, princípios básicos, as bases da crença) da fé cristã: Regeneração (Tt 3.5), ou nascimento espiritual. Sem ‘nascer de novo’ no contexto espiritual, uma pessoa não pode se tornar parte do Reino de Deus. Isso significa que a vida de uma pessoa deve ser espiritualmente renovada para que ela possa ser salva e receber o dom divino que é a vida eterna através da fé em Jesus.” Amplie mais o seu conhecimento, lendo a obra **Bíblia de Estudo Pentecostal: Edição Global**, editada pela CPAD.

espiritual. Essa mudança se torna visível por meio do Fruto do Espírito na vida do regenerado (Gl 5.22).

SINOPSE I

A Regeneração é uma obra trinitária: decretada pelo Pai, realizada pelo Filho e aplicada pelo Espírito Santo.

AUXÍLIO TEOLÓGICO

“A REGENERAÇÃO

Quando correspondemos ao chamado divino e ao convite do Espírito e da Palavra, Deus realiza atos soberanos que nos introduzem na família do seu Reino: regenera os que estão mortos nos seus delitos e pecados; justifica os que estão condenados diante de um Deus santo; e adota os filhos do inimigo. Embora estes atos ocorram simultaneamente na vida que crê, é possível examiná-los separadamente. A regeneração é a ação decisiva e instantânea do Espírito Santo, mediante a qual Ele cria de novo a natureza interior. O substantivo grego (*palingenesia*) traduzido por ‘regeneração’ aparece apenas duas vezes no Novo Testamento. Mateus 19.28 emprega-o com referência a novos tempos do fim. Somente em Tito 3.5 se refere à regeneração do indivíduo. [...] O Novo Testamento apresenta a figura do ser criado

de novo (2 Co 5.17) e da renovação (Tt 3.5), porém a mais comum é a de ‘nascer’ (gr. *gennáo*, ‘gerar’ ou ‘dar à luz’). Jesus disse: ‘Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus’ (Jo 3.3). Pedro declara que Deus, em sua grande misericórdia, ‘nos gerou de novo para uma viva esperança’ (1 Pe 1.3). É uma obra que somente Deus realiza. ‘Nascer de novo’ diz respeito a uma transformação radical. Mas ainda se faz mister um processo de amadurecimento” (HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, pp.371-72).

II – A NATUREZA ESPIRITUAL DA REGENERAÇÃO

1. Uma transformação interior.

Nicodemos revelou incompreensão espiritual ao questionar Jesus: “Como pode um homem nascer, sendo velho?” (Jo 3.4). A pergunta reflete sua visão limitada ao plano natural (1 Co 2.14). O principal entre os judeus interpretou o “nascer de novo” como se fosse algo físico (da carne). Esse fato evidencia que a mente religiosa, espiritualmente morta, e presa à lógica humana, é incapaz de compreender que a justiça de Deus não advém das obras (Rm 10.3). Ele estava apegado à ideia de mérito para entrar no Reino de Deus, mas Jesus exigiu algo totalmente novo: uma transformação interior operada pelo Espírito, não um mero aperfeiçoamento de conduta ou aprimoramento moral,

mas um Novo Nascimento, operado de dentro para fora, como obra do Espírito Santo (Jo 3.5).

2. Uma obra soberana do Espírito.

Jesus ensina a Nicodemos que, para entrar no Reino de Deus, é necessário nascer “da água e do Espírito” (Jo 3.5). Isso significa uma transformação espiritual completa: ser purificado dos pecados e receber renovação interior pelo poder do Espírito (Ef 3.16; 5.26). Essa mudança não pode ser produzida pela carne, mas somente pelo Espírito. Cristo assegura que “o vento assopra onde quer” (Jo 3.8). Assim como o vento é livre, o Espírito opera de modo soberano na salvação, sem ser controlado por nenhum esquema humano (1 Co 2.11-12). É somente por essa ação divina que o pecador nasce espiritualmente e passa a ter uma nova vida (2 Co 5.17). Assim, um cristão regenerado é aquele que teve o coração transformado e passou a viver segundo essa nova natureza espiritual (Ez 36.26,27).

3. Uma nova vida e nova conduta.

Cristo deixou bem claro que “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3.6). Essa distinção mostra que nada da carne pode produzir vida espiritual. A carne gera concupiscência e aprisiona (Gl 5.19-21); somente o Espírito gera nova vida com fruto espiritual (Gl 5.22). O que é nascido da carne permanece dominado pela natureza pecaminosa (Rm 8.5). Mas, ao nascer do Espírito, o crente passa a viver sob uma nova condição espiritual: tornando-se um novo homem, com uma nova mentalidade: “e vos renoveis no espírito do vosso sentido” (Ef 4.23). Essa nova vida se evidencia na prática da justiça, no amor fraternal, no desejo pela Palavra e na obediência a Cristo — marcas da regeneração genuína (Rm 6.4; 1 Jo 3.9).

SINOPSE II

A Regeneração é uma transformação interior operada pelo Espírito, purificando e renovando o pecador para viver em novidade de vida.

AUXÍLIO TEOLÓGICO

“PURIFICANDO O CRENTE. A obra do Espírito não cessa quando a pessoa reconhece sua culpa diante de Deus, mas vai crescendo a cada etapa subsequente. A segunda etapa na santificação pelo Espírito Santo na vida do indivíduo é a conversão. Esta é uma experiência instantânea. Inclui a santificação pelo Espírito, ou, em linguagem bíblicamente mais correta, o processo da santificação pelo Espírito inclui a conversão. Podemos facilmente demonstrar esse fato pelas Escrituras. Considere as palavras de Paulo: ‘Mas devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé da verdade’ (2 Ts 2.13). Note que a palavra ‘salvação’ é qualificada por duas frases preposicionais, que descrevem como foram salvos os crentes de Tessalônica. A segunda frase: ‘fé na verdade’ descreve o papel do crente na salvação: ter fé no evangelho de Jesus Cristo (v. 14). A

primeira frase: ‘em santificação do Espírito’, é mais importante para o presente estudo. Descreve o papel do Espírito na salvação: santificar o crente” (HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, pp.423-24).

III – SINAIS DO NOVO NASCIMENTO EM CRISTO

1. A Justificação pela Fé. Pela fé em Cristo, o pecador é justificado, recebendo uma nova posição diante de Deus, não por mérito pessoal, mas pela obra redentora do Calvário (Rm 3.24,28). O crente não é apenas perdoado, mas é declarado justo diante de Deus, isto é, absolvido da culpa, da punição e da condenação do pecado (Rm 4.7,8). Essa dádiva é recebida somente por meio da fé, como resposta à graça de Deus revelada em Cristo (Rm 3.22). A justificação, portanto, não acontece à parte da fé, mas após a pessoa crer em Cristo como Salvador (Gl 2.16). Esse é o resultado da ação do Espírito Santo que leva o pecador à fé e, consequentemente, à justificação (Jo 16.8). Os efeitos da justificação pela fé incluem a paz com Deus (Rm 5.1) e a adoção como filhos amados do Pai (Jo 1.12).

2. A vida de Santificação. Na obra da Redenção, o pecador é imediata e simultaneamente salvo, regenerado, justificado e adotado como filho de Deus (At 13.39; Jo 5.24; Rm 8.15). A partir daí, inicia-se o processo contínuo de santificação, ou seja, uma vida separada do pecado e consagrada à obediência, até a sua glorificação final no dia de Cristo (2 Co 3.18). O crente

passa a viver segundo o Espírito e não mais como escravo da carne (1 Ts 4.3,4). Conforme abordado na lição anterior, a santificação apresenta aspectos posicionais e progressivos, à medida que o crente avança em maturidade espiritual e se torna mais semelhante a Cristo (1 Pe 1.15,16). Essa nova vida recebida na regeneração se manifesta pela renúncia ao pecado e pela prática contínua da justiça e santidade (Rm 6.11; Ef 4.24).

3. O Fruto do Espírito. Um importante efeito visível da regeneração é o fruto do Espírito: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gl 5.22,23). Não se trata de dons espirituais, mas de virtudes que o Espírito Santo produz no caráter do regenerado como expressão de sua nova vida (Ef 2.10). Antes, era dominado pelas paixões carnis, mas agora manifesta a presença do Espírito em suas atitudes diárias (Rm 8.5). Portanto, o Fruto do Espírito é a evidência prática da Regeneração (Mt 7.16). Quem nasceu de novo passa a refletir, ainda que imperfeitamente, o caráter de Cristo em suas palavras, ações e reações (Lc 6.40). Tal postura não pode ser esporádica, mas uma marca contínua da nova vida recebida em Cristo (Mt 5.16).

SINOPSE III

Os sinais do novo nascimento incluem a justificação pela fé, a vida de santificação e a manifestação contínua do Fruto do Espírito.

CONCLUSÃO

A regeneração é uma obra trinitária operada pelo Espírito Santo. Não é um esforço humano, mas uma transformação espiritual profunda. Como regenerador, o Espírito concede nova

vida, uma nova natureza e uma nova direção ao ser humano. É necessário nascer do alto para ver e entrar no Reino. Que cada crente se deixe conduzir pelo Espírito e reflita, dia a dia, a natureza divina recebida no Novo Nascimento.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. De acordo com o diálogo entre Jesus e Nicodemos, o que significa a expressão “nascer de novo”?

Significa nascer do alto, uma transformação espiritual operada pelo Espírito Santo (Jo 3.3-5).

2. Como é possível constatar a ação do Espírito na vida do pecador regenerado?

Pela mudança interior e pela manifestação do fruto do Espírito na vida diária (Gl 5.22-23).

3. O que a incompreensão espiritual de Nicodemos evidencia sobre o novo nascimento?

Que a mente natural não pode compreender as coisas espirituais sem a ação do Espírito (1 Co 2.14).

4. O que significa a expressão “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3.6)?

Que a carne gera apenas o que é carnal, mas o Espírito produz vida espiritual verdadeira (Jo 3.6).

5. Em linhas gerais, o que é o Fruto do Espírito?

O fruto do Espírito são virtudes cristãs que evidenciam a nova vida em Cristo (Gl 5.22,23).

LIÇÃO 10

8 de Março de 2026

ESPÍRITO SANTO — O CAPACITADOR

TEXTO ÁUREO

*“E há de ser que, depois
derramarei o meu Espírito
sobre toda a carne.”
(Jl 2.28a)*

VERDADE PRÁTICA

*O derramamento do Espírito
Santo é uma promessa
universal que capacita a
Igreja com poder para pregar
o Evangelho.*

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Jl 2.28,29

A promessa do derramamento
do Espírito alcança todo tipo de
pessoas do Reino

Terça – At 2.1-4

O Espírito Santo desceu com
poder e línguas no Pentecostes

Quarta – At 2.38,39

A promessa do batismo no Espírito
é para todos os que creem

Quinta – 1 Co 12.4-7

Os dons espirituais são diversos,
mas vêm do mesmo Espírito

Sexta – 1 Co 14.12,26

Os dons espirituais são para a
edificação da Igreja

Sábado – Gl 5.22,23

O fruto do Espírito é a evidência
contínua de uma vida de plenitude
do Espírito.

Joel 2.28,29; Atos 2.1-4; 8.14-17; 1 Coríntios 12.4-7

Joel 2

28 – E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões.

29 – E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito.

Atos 2

1 – Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar;
2 – e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.

3 – E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.

4 – E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

Atos 8

14 – Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebere a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João,

15 – os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo.

16 – (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.)

17 – Então, lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo.

1 Coríntios 12

4 – Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.

5 – E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo.

6 – E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.

7 – Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil.



Hinos Sugeridos: 24, 349, 358 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A promessa do derramamento do Espírito Santo cumpriu-se no Pentecostes e continua vigente para todos os que creem. O Espírito não apenas regenera, mas capacita o crente para servir com poder, ousadia e santidade. Ele distribui dons, fortalece a unidade da Igreja e sustenta o testemunho cristão diante do mundo. Nesta lição, estudaremos a promes-

sa, o cumprimento e a continuidade do derramamento do Espírito.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Mostrar que o derramamento do Espírito Santo é uma promessa universal e atual; II) Explicar que o Espírito Santo concede poder para testemunhar de Cristo; III) Destacar que o Espírito distri-

bui dons espirituais com propósito e para edificação da Igreja.

B) Motivação: O Pentecostes não foi apenas um evento histórico, mas a inauguração de uma experiência que permanece disponível a todo crente. O mesmo Espírito que desceu sobre os primeiros discípulos continua revestindo a Igreja hoje. Essa realidade deve nos motivar a buscar continuamente a plenitude do Espírito, permitindo que Ele nos use com poder e santidade.

C) Sugestão de Método: No início da aula, pergunte aos alunos: “O que o Espírito Santo representa para você em sua vida cristã?” Anote no quadro algumas respostas curtas que surgirem. Em seguida, destaque três palavras-chaves: Promessa, Poder e Dons. Explique, brevemente, como cada uma aparece na Bíblia: a promessa universal (Jl 2.28), o poder para testemunhar (At 1.8) e os dons para edificação (1 Co 12.7). Finalize mostrando que a plenitude do Espírito Santo envolve essas três dimensões, e incentive os alunos a vivê-las em sua vida cristã.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: O Espírito Santo é o capacitador do crente em todas as gerações. Ele nos equipa com dons e poder para cumprir a missão de pregar o Evangelho. A vida cristã deve ser vivida na dependência da plenitude do Espírito.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.41, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “Recebereis a Virtude”, localizado depois do primeiro tópico, aponta para a reflexão a respeito do sentido da promessa do derramamento do Espírito; 2) O texto “O propósito do Batismo no Espírito Santo”, ao final do segundo tópico, aprofunda o tema sobre poder para testemunhar.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A promessa do derramamento do Espírito Santo cumpriu-se no Pentecostes e permanece válida para todos os que creem. A atuação do Espírito Santo vai além da obra de Regeneração. Ele também é o capacitador do crente para o serviço no Reino de Deus. Nesta lição, veremos que o



Espírito distribui dons e conduz a Igreja com manifestações sobrenaturais, promovendo unidade, santidade e testemunho eficaz no mundo.

I – A PROMESSA DO DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO

1. Uma promessa de abrangência universal. Na Antiga Aliança,

o Espírito atuava de modo pontual sobre pessoas específicas e para tarefas determinadas (1 Sm 19.20; 2 Cr 15.1; Ez 37.1). Porém, cerca de 800 anos antes de Cristo, Joel profetizou uma nova dispensação: “E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne” (Jl 2.28a). Na Nova Aliança, essa promessa foi registrada em todos os Evangelhos (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.32,33). Na profecia, a expressão “sobre toda a carne” aponta para a abrangência universal do Espírito — não a todos de modo indiscriminado, mas a todos que invocam o nome do Senhor (Jl 2.32). Essa linguagem quebra paradigmas, e, assim a ação do Espírito ultrapassa fronteiras e alcança jovens e velhos, homens e mulheres, livres e servos (Jl 2.28,29).

2. Uma promessa com ação sobre-natural. O derramamento do Espírito vem acompanhado de manifestações visíveis e sobrenaturais: “vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões” (Jl 2.28b). As profecias (1 Co 14.3), sonhos (Mt 1.20) e visões (At 16.9) revelam a atuação do Deus vivo entre o seu povo. São experiências extraordinárias que servem de edificação espiritual (1 Co 14.26). Elas indicam que a vida cheia do Espírito é ativa, dinâmica e sensível à voz de Deus (Rm 8.14). Onde o Espírito Santo é bem-vindo, o agir de Deus se manifesta com propósito e poder (2 Co 3.17). Todo crente deve cultivar uma vida de comunhão e santidade, a fim de ser um canal sensível para as manifestações dos dons do Espírito (1 Co 12.4-7).

3. Uma promessa para os últimos dias. A palavra profética aponta para um tempo específico: “naqueles dias, derramarei o meu Espírito” (Jl 2.29b).

Na terminologia da Antiga Aliança, tais expressões referem-se à chegada do Messias e ao início dos eventos escatológicos (Is 2.2; Mq 4.1). Pedro identifica o Pentecostes como o cumprimento inicial desses “últimos dias” (At 2.17). Eles começaram com a vinda do Messias, que, juntamente com o Pai, enviou o Espírito Santo (Jo 15.26). A descida do Espírito inaugurou a Igreja e prossegue sua atuação contínua na vida do crente até o arrebatamento dos salvos (Ef 1.13). A profecia de Joel não se esgotou no Pentecostes, permanecendo vigente durante toda a dispensação da graça. A promessa é válida para todos os que crerem em todos os tempos (At 2.39).

SINOPSE I

A promessa do Espírito Santo é universal, atual e se cumpre em todos os que invocam o nome do Senhor.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

“RECEBEREIS A VIRTUDE. Este é o versículo essencial do livro de Atos. O principal propósito do batismo no Espírito é o de receber poder para testemunhar e para o serviço cristão. Esse poder tem como objetivo o de que aqueles que não têm um relacionamento pessoal com Deus possam receber o seu perdão, aprendam a seguir Jesus e

cumpram o seu propósito para as suas vidas. O resultado final é que mais pessoas venham a conhecer, amar e honrar a Jesus como Senhor – o Líder e a autoridade em suas vidas (Mt 28.18-20; Lc 24.49; Jo 5.23; 15.26-27). “Virtude” (gr. *dynamis*): quer dizer mais que força ou habilidade; a palavra indica poder em ação. Lucas (em seu Evangelho e no livro de Atos) enfatiza que o poder (ou virtude) do Espírito Santo inclui autoridade para expulsar espíritos malignos (isto é, ordenar que os espíritos deixassem de controlar as vidas das pessoas) e a unção (isto é, a capacitação e comissão) para curar os enfermos” (**Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.1921).

II – O CUMPRIMENTO: PODER PARA TESTEMUNHAR

1. O Espírito Santo veio com o poder do Alto. O Espírito Santo é a terceira Pessoa da Trindade, e seu derramamento no Pentecostes cumpre a promessa do Pai e a mediação do Filho. Antes de sua ascensão, Jesus assegurou aos discípulos que eles seriam revestidos de poder: “eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc 24.49). Esse “revestimento” (gr. *endýō*) significa “vestir-se como uma armadura” e aponta para uma capacitação sobrenatural e indispensável para testemunhar de Cristo (At 1.8). Esse poder (gr. *dýnamis*) não é apenas força para resistir ao pecado (Rm 8.13),

mas também ousadia para proclamar o Evangelho (At 4.31), autoridade para operar milagres (At 6.8) e sabedoria para edificar a Igreja (1 Co 12.7).

2. Os sinais da descida do Espírito Santo. Atos registra dois sinais sobrenaturais que marcaram o advento do Espírito Santo: o “som, como de um vento veemente e impetuoso” (At 2.2) e as “línguas repartidas, como que de fogo” (At 2.3). O “vento” e o “fogo” enfatizam a grandeza da ocasião e são sinais audíveis e visíveis da chegada do Espírito. O som, como de um vento, simboliza a presença criadora de Deus (Ez 37.9). As línguas, como que de fogo, são sinal de purificação e consagração (Êx 19.18; Mt 3.11). Esses sinais particulares não se repetiram posteriormente nos batismos no Espírito Santo subsequentes, pois se tratava de um evento solene e único. Ali, no Pentecostes, a Igreja, revelada como Corpo de Cristo (Ef 1.22-23; 3.2-5), foi inaugurada e marcada com esses sinais de forma visível e poderosa (At 2.1-4).

3. A evidência do revestimento de poder. O revestimento de poder veio com um sinal específico: “falar em outras línguas” (At 2.4). Em Atos, o falar em línguas está explícito em três registros (At 2.1-4; 10.46; 19.6) e implícito em outras duas ocasiões (At 8.14-17; 9.17-18). Dessa forma, biblicamente, o falar em outras línguas é sempre a evidência física inicial do batismo no Espírito Santo. Essa evidência difere do dom espiritual de “variedades de línguas”. Este último dom requer interpretação para a edificação da Igreja, porém, o “falar línguas” como batismo ou renovação não requer interpretação (1 Co 14.27,28). Na experiência da salvação em Cristo, todo crente é “selado” com o Espírito (Ef 1.13,14); porém, no

batismo no Espírito Santo, todo crente é “revestido” de poder (At 2.2-4).

SINOPSE II

No Pentecostes, o Espírito Santo desceu com poder, capacitando os crentes para testemunhar com ousadia.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

O PROPÓSITO DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

“O propósito principal do batismo no Espírito Santo é trazer coragem e poder para testemunhar de Jesus e vida de piedade pessoal. Quando o Espírito Santo é derramado, Ele vem como o poder de Deus a fim de que o crente possa viver uma vida cristã de forma vitoriosa e possa realizar obras de Deus com eficácia. Jesus enfatizou que o resultado essencial do batismo no Espírito Santo é a transmissão da sua mensagem de forma poderosa, com ousadia e com sinais eficazes que a confirmam (veja At 1.8; 2.14-41; 4.31,33; 6.8; 10.38; 19.6; Rm 15.19; 1 Co 2.4). O Espírito Santo dá testemunho de Jesus, de seu poder de dores dos pecados e da salvação (Jo 15.26; 16.8,14; At 5.32)” (Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.1919).

III – A CONTINUIDADE DO DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO

1. A extensão da promessa do Espírito. Pedro exorta seus ouvintes ao arrependimento, ao batismo nas águas e lhes assegura: “recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2.38). Essa frase precisa ser entendida à luz do seu contexto. O “dom do Espírito” refere-se ao cumprimento da profecia de Joel e à promessa de Jesus a respeito do revestimento de poder (Jl 2.28; Lc 24.49). Esse dom não ficou restrito ao Pentecostes, mas é estendido aos crentes de todas as épocas: “a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe” (At 2.39). Na casa de Cornélio, a regeneração ocorreu pela fé em Cristo, e o batismo no Espírito Santo precedeu o batismo em águas (At 10.44-46). Em Samaria e Éfeso, foi derramado após a conversão (At 8.15,16; 19.2,6). Esse revestimento de poder é algo distinto do novo nascimento.

2. O Espírito opera com diversidade e unidade. Paulo ensina que “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1 Co 12.4). O termo “diversidade” (gr. *diaíresis*) aponta para a variedade de dons, operações e ministérios. A Trindade inteira participa: o Espírito distribui os dons (1 Co 12.4), o Filho dirige os ministérios (1 Co 12.5) e o Pai opera os resultados (1 Co 12.6). Essa pluralidade indica a riqueza da Igreja. Os salvos recebem dons específicos visando à edificação dos crentes (Rm 12.4-18). De modo que o falar em línguas é a evidência inicial do batismo no Espírito, e o “fruto do Espírito” com “os dons espirituais” é sua evidência contínua (Gl 5.22; 1 Co 12.8-10). Tudo resulta em uma igreja cheia de poder e unidade, ligada a Cristo, o cabeça da Igreja (Ef 1.22,23).

3. O Espírito distribui dons com propósito. Os dons (gr. *charísmata*) não são para ostentação pessoal, mas para o serviço do Reino (1 Pe 4.10), edificação da Igreja (1 Co 14.12) e glorificação de Cristo (1 Co 12.3). O Espírito os distribui com propósito: “para o que for útil” (1 Co 12.7); e os reparte soberanamente: “a cada um como quer” (1 Co 12.11). Os dons são “graças espirituais” concedidas e controladas pelo Espírito (Rm 12.6–8). A finalidade específica dos dons nos protege de dois perigos espirituais: a soberba, que transforma o dom em motivo de vanglória (Fp 2.3), e a negligência, que enterra o dom e impede seu uso (Mt 25.25). Portanto, cada crente é chamado a exercitar o dom que recebeu com humildade, e disponibilidade para servir com amor, zelo e temor ao Senhor (Rm 12.3; Cl 3.23,24).

SINOPSE III

O Espírito distribui dons espirituais com propósito, visando a edificação da Igreja e a glorificação de Cristo.

CONCLUSÃO

O Espírito Santo é o capacitador divino prometido aos que creem. Ele atua em cada geração com poder, dons espirituais e direção. Desde o Pentecostes, sua presença é real e contínua. O crente pentecostal vive não apenas no Espírito, mas pelo Espírito, como testemunha viva do poder de Deus no mundo. Portanto, cada cristão regenerado é chamado a viver na plenitude do Espírito.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. O que significa a expressão “sobre toda a carne” ao referir-se à profecia do derramamento do Espírito?

Significa que a promessa é para todos os que invocarem o nome do Senhor (Jl 2.28,32).

2. O que a palavra profética aponta nestes últimos dias?

Para o tempo messiânico e escatológico, inaugurado no Pentecostes (At 2.17).

3. Quais são os sinais da descida do Espírito e o que significam?

O vento simboliza a presença de Deus e o fogo aponta para purificação e consagração (At 2.2,3).

4. Ao que se refere a expressão “dom do Espírito” na profecia de Joel?

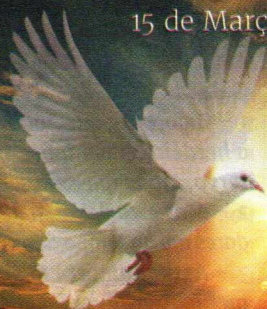
Ao dom do Espírito Santo como revestimento de poder, cumprindo a promessa de Joel (At 2.38).

5. Qual a importância de compreender a finalidade específica dos dons distribuídos pelo Espírito?

Para evitar a soberba e a negligência, entendendo que os dons são para servir e edificar (1 Co 12.7; 1 Pe 4.10).

LIÇÃO 11

15 de Março de 2026



O PAI E O ESPÍRITO SANTO

TEXTO ÁUREO

*“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.”
(Rm 8.14)*

VERDADE PRÁTICA

O Espírito Santo nos liberta da escravidão do pecado, confirma nossa filiação em Cristo e nos conduz à herança eterna planejada pelo Pai.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Rm 8.15

O Espírito nos livra do temor e nos torna filhos por adoção

Terça – Jo 1.12

Os que creem em Cristo recebem o direito de serem feitos filhos de Deus

Quarta – Gl 4.6

Deus envia o Espírito de seu Filho ao coração dos regenerados

Quinta – Ef 1.13,14

O Espírito Santo é o penhor da nossa herança eterna

Sexta – Rm 8.17

Somos herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo

Sábado – 1 Pe 1.3,4

A herança do crente é incorruptível e guardada nos céus

Romanos 8.12-17; Gálatas 4.1-6

Romanos 8

12 – De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne,

13 – porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis.

14 – Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.

15 – Porque não recebestes o espírito de escravidão, para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.

16 – O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

17 – E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.

Gálatas 4

1 – Digo, pois, que, todo o tempo em que o herdeiro é menino, em nada difere do servo, ainda que seja senhor de tudo.

2 – Mas está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai.

3 – Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo;

4 – mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,

5 – para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.

6 – E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.



Hinos Sugeridos: 18, 46, 126 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A relação entre o Pai e o Espírito Santo na obra da salvação nos mostra como a Trindade atua em favor do crente. O Espírito Santo não apenas nos livra da escravidão do pecado, mas confirma nossa identidade como filhos adotivos de Deus e nos conduz à herança eterna que o Pai preparou. Estudar essa ação conjunta é compreender que a vida cristã é marcada por libertação, filiação, direção e promessa eterna.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Mostrar que o Espírito Santo nos liberta da escravidão do pecado e confirma nossa filiação em Cristo; II) Explicar que o Espírito Santo guia o crente na vontade do Pai; III) Destacar que a Trindade nos conduz à herança eterna.

B) Motivação: Na caminhada cristã, podemos enfrentar dúvidas sobre identidade e futuro. A Palavra, porém, nos assegura que somos filhos adotivos de Deus, guiados pelo

Espírito e herdeiros da glória eterna em Cristo. Essa certeza deve encher nosso coração de confiança e esperança.

C) Sugestão de Método: Divida a classe em duplas. Cada dupla receberá uma das passagens-chave da lição (Rm 8.14-17; Gl 4.4-6; Ef 1.13,14). Eles devem ler juntos, identificar a principal promessa do texto e compartilhar em poucas palavras como essa verdade se aplica na vida cristã hoje. Depois, cada dupla apresenta resumidamente sua conclusão. O professor organiza as respostas no quadro em três colunas: *Libertação – Filiação – Herança*. Finalize mostrando que o Pai e o Espírito Santo agem em perfeita harmonia para que o crente viva essas três realidades.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: O Espírito Santo é a dádiva do Pai, que nos torna filhos, confirma nossa identidade, guia nossa vida e nos garante a herança

eterna em Cristo. A Igreja deve viver na plena consciência dessa filiação, confiando que não somos mais escravos, mas herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão.

Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.42, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “O Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai”, localizando depois do primeiro tópico, aponta para a reflexão a respeito do Espírito e das dádivas de Deus; 2) O texto “Guiados pelo Espírito de Deus”, ao final do segundo tópico, aprofunda o tema do papel do Espírito em nos guiar na vontade do Pai.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A ação do Espírito Santo na vida do crente é um dom do Pai e do Filho. Ele nos tira da escravidão do pecado, confirma nossa filiação em Cristo e nos assegura a herança prometida. Essa é uma obra trinitária que nos transforma por completo: da condenação à comunhão, e da carne à glória eterna. Nessa lição, veremos como o Pai e o Espírito agem conjuntamente para

garantir nossa adoção como filhos e herdeiros de Deus.



I – O ESPÍRITO E AS DÁDIVAS DO PAI

1. Da escravidão à filiação. A Escritura revela que o salvo não vive sob o domínio do “espírito de escravidão” (Rm 8.15a). Essa expressão (gr. *pneûma douleía*) aponta para o estado de servidão ao pecado e ao medo da punição que

caracterizava a vida antes da conversão (Gl 3.10; 4.3). A Lei, embora santa, não pôde produzir liberdade (Rm 7.12,13), ela revela o pecado, mas não concede poder para vencê-lo (Rm 3.20). Entretanto, sob a graça divina, o crente recebe o “Espírito de adoção” (Rm 8.15b). Essa frase (gr. *pneûma huiothesia*) aponta para a nova identidade em Cristo, um vínculo de afeto e de perdão (Gl 4.4-5). Não somos mais escravos, mas filhos (1 Jo 3.1). Essa filiação nos livra do medo e do poder do pecado, e nos convida à comunhão com o Pai (Gl 5.1; 1 Jo 5.18).

2. Da rebeldia a filho legítimo. Antes da regeneração, éramos espiritualmente rebeldes (1 Co 12.2). Mas, por meio da graça, fomos transformados, e assim: “O Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.16). Essa declaração refere-se a uma nova posição espiritual e jurídica (Jo 1.12). O Espírito opera a adoção e confirma interiormente essa verdade, dando testemunho direto ao coração do crente (2 Co 1.12). Os privilégios dessa dádiva incluem: o direito de chamar a Deus de Pai: “pelo qual clamamos: Aba, Pai” (Rm 8.15c), em que o aramaico *Abba* é a forma carinhosa para “papai”, e indica que em Cristo temos íntimo e livre acesso ao Deus Todo-Poderoso (Ef 2.18). Outro benefício do filho tornado legítimo é que ele se torna herdeiro de toda a riqueza do seu Pai adotivo (Ef 1.11).

3. Das trevas à plenitude do Espírito. Noutro tempo, vivíamos em trevas espirituais (Ef 5.8). As “trevas” simbolizam pecado e separação de Deus (Cl 1.13). A transição das trevas para a luz é um ato gracioso do Pai (1 Pe 2.9). O sinal dessa nova vida é a presença do Espírito: “porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai” (Gl 4.6). O envio do Espírito é a prova da adoção do crente como filho legítimo

(Rm 8.9,14-16). A expressão “Espírito de seu Filho” aponta para a missão do Espírito em continuar a obra de Cristo (Jo 15.26; 16.14; Fp 1.19). E, assim como Jesus orava “Aba, Pai” (Mc 14.36), o crente é capacitado a ter comunhão com Deus. Aquele que andava em trevas e ignorância espiritual, agora vive em plena luz, guiado pelo Espírito (Rm 8.14).

SINOPSE I

O Espírito Santo nos liberta da escravidão e confirma nossa filiação em Cristo.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

“O ESPÍRITO DE SEU FILHO, QUE CLAMA: ABA, PAI. Como os seguidores de Cristo são agora filhos de Deus, eles têm um novo ‘tutor’ (v. 2) — isto é, não a lei ou a iniciativa humana, mas o Espírito de Deus (cf. Rm 8.9). Uma das tarefas do Espírito Santo é criar nos filhos de Deus um sentimento de amor filial (isto é, relativo aos pais ou à família), que os leva a conhecer a Deus como seu Pai. (1) A palavra ‘Aba’ é aramaica (*Abba*) e significa ‘Pai’. Era a palavra usada por Jesus quando se referia ao seu Pai celestial. A combinação da palavra aramaica ‘Aba’ com a palavra grega para ‘pai’ (*patēr*) expressa a profundidade da intimidade, a emoção intensa, o

calor e a confiança com que o Espírito Santo nos ajuda a nos relacionar com Deus e a clamar a Ele (cf. Mc 14.36; Rm 8.15,26,27). Dois sinais seguros da obra do Espírito em nós são: o clamor espontâneo e voluntário a Deus como ‘Pai’, e a obediência natural e de bom grado a Jesus como “Senhor”. (2) Embora todos os fiéis seguidores de Cristo tenham o Espírito Santo habitando dentro de si (Rm 8.9-11; 1Co 6.15-20; 2Co 3.3; Ef 1.13; Hb 6.4; 1Jo 3.24; 4.13), nesta passagem Paulo também pode estar se referindo ao batismo no Espírito Santo e à bênção de ser continuamente cheio dEle (cf. At 1.5; 2.4; Ef 5.18). Afinal, Deus faz do nosso relacionamento com Ele, como filhos, a razão para o envio do Espírito. Como já somos filhos pela fé em Cristo, Deus envia o Espírito aos nossos corações” (**Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.2161).

II – O ESPÍRITO NOS GUIA NA VONTADE DO PAI

1. Os filhos são guiados pelo Espírito. Paulo explica que a marca de um filho de Deus não é a filiação nominal, mas uma vida conduzida pelo Espírito: “porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus” (Rm 8.14). O verbo “guiados” (gr. *ágontai*) está no tempo presente passivo, indicando que os crentes são continuamente orientados pelo Espírito, como alguém que é levado pela mão (1 Jo 2.27). Isso significa que são instruídos pelo Espírito, no caminho do Pai, em todo o curso da vida (Jo 16.13). Essa



O Espírito opera a adoção e confirma interiormente essa verdade, dando testemunho direto ao coração do crente.”

direção do Espírito se opõe à inclinação da carne (Gl 5.16). Tal orientação não é forçada, mas fruto da habitação do Espírito no coração regenerado (Rm 8.9). Como filhos, não fomos deixados órfãos (Jo 14.18); o Espírito aponta a direção e anda conosco no caminho (1 Co 6.19).

2. O Espírito opera a mortificação da carne. A Bíblia apresenta a mortificação da carne como um princípio da vida cristã: “se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis” (Rm 8.13b). O termo “mortificardes” (gr. *thanatôō*) significa fazer morrer, sufocar algo até que perca sua força. Diz respeito a necessidade de o crente subjugar os desejos pecaminosos. O texto afirma que é “pelo Espírito” que essa obra é realizada. Ele é o agente divino que capacita o salvo a vencer a carne. Porém, o papel do crente não é ser passivo. Devemos andar em Espírito (Gl 5.16), despir-se do velho homem (Ef 4.22), crucificar a carne (Gl 5.24), e nos santificar diariamente (Cl 3.5; 1 Ts 4.3). A ação do Espírito não apenas mostra o erro, mas transforma a vontade e fortalece o crente contra o pecado (Rm 6.14).

3. O Espírito age conforme o plano do Pai. O plano da redenção é uma obra trinitária: “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho [...] para remir os que estavam debaixo da lei [...] a fim de recebermos a adoção de filhos. [...] Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai” (Gl 4.4-6). Esse texto enfatiza que o Pai enviou o Filho “na plenitude dos tempos”, isto é, no tempo por Deus escolhido (Gl 4.4a); o Filho foi enviado para o resgate dos pecadores (Lc 19.10); e o Espírito para nos transformar em filhos legítimos (Rm 8.16). Desse modo, o Pai é o autor do plano de salvação (1 Jo 4.14); o Filho é o executor da redenção (Hb 9.12); e o Espírito é o aplicador da adoção (Ef 1.5). Essa verdade revela a perfeita harmonia na Santíssima Trindade.

SINOPSE II

Os filhos de Deus são guiados pelo Espírito na vontade do Pai.

AUXÍLIO BIBLIOLÓGICO

“GUIADOS PELO ESPÍRITO DE DEUS. O Espírito Santo vive dentro de um verdadeiro filho de Deus e seguidor de Cristo para ajudá-lo a pensar, falar e agir em conformidade com os mandamentos, princípios, instruções, diretrizes, padrões, normas e exemplos da Palavra de

Deus. (1) Ele guia, basicamente, por impulsos internos — isto é, desejos, motivações e inspirações dentro do espírito de uma pessoa — que têm o propósito de orientar o cristão em sua vida diária. Esses impulsos internos do Espírito Santo (a) nos ajudam a seguir e realizar os propósitos de Deus e superar e vencer as tendências pecaminosas da nossa natureza humana (v. 13; Fp 2.13; Tt 2.11-12) [...]. Quando seguimos a orientação do Espírito Santo e permanecemos em um relacionamento correto com Jesus, o Espírito nos dá a confiança de que somos filhos de Deus (v. 15). Ele nos torna conscientes de que Jesus continua a nos amar e de que é o nosso constante mediador no céu (cf. Hb 7.25). O Espírito também nos mostra que Deus Pai nos ama como seus filhos adotivos, não menos do que ama o seu Filho Unigênito (Jo 14.21,23; 17.23)” (Bíblia de Estudo Pentecostal — Edição Global. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p.2039)

III – A TRINDADE NOS CONDUZ À HERANÇA ETERNA

1. Herdeiros de Deus por adoção. A doutrina da herança é inseparável da adoção. Paulo apresenta um dos benefícios da filiação: “se nós somos filhos, somos, logo herdeiros [...] herdeiros de Deus” (Rm 8.17a). O termo “herdeiro” (gr. *klēronómos*) é utilizado no contexto legal para indicar que os adotados passam a ter pleno direito sobre os bens do Pai. Essa herança não é mérito, mas é recebida por adoção graciosa (Ef 1.5).



O Pai é o autor do plano de salvação; o Filho é o executor da redenção; e o Espírito é o aplicador da adoção.”

É uma obra trinitária perfeita: O Pai planeja e garante a herança (Ef 1.11), o Filho a conquista na cruz (1 Pe 1.18,19); e o Espírito é a garantia dessa herança (Ef 1.13-14). A herança inclui as bênçãos já recebidas, entre elas, a salvação e a justificação (Rm 5.1; Ef 2.8); e, também as promessas futuras, tais como a vida eterna e a glorificação (Rm 6.23; 8.30).

2. Coerdeiros de Cristo por filiação.

A filiação nos associa ao Filho Primogênito como “coerdeiros de Cristo” (Rm 8.17b). Essa frase significa que compartilhamos com Ele a mesma herança. O Filho reparte com seus irmãos redimidos aquilo que recebeu como herança eterna (Ap 3.21). Essa herança não é de posses materiais, mas é gloriosa, incorruptível e incontaminável (Jo 17.24; 1 Pe 1.4). Porém, ser coerdeiro de Cristo, não significa apenas desfrutar da glória, mas também participar de seus sofrimentos (2 Tm 2.12). Isso confirma que a vida revela que essas aflições têm propósito eterno (Rm 8.18). A glória futura é certa, mas a cruz precede a coroa. Nosso chamado não é apenas para ser salvo, mas para ser moldado conforme o Filho, e isso inclui as marcas da cruz (Gl 6.17).

3. O Pai administra o tempo da herança. Paulo descreve a condição espiritual do homem antes da plena revelação de Cristo: “todo o tempo que o herdeiro é menino [...] está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai” (Gl 4.1,2). Essa metáfora ilustra o período da Antiga Aliança, em que Israel, apesar das promessas, ainda não havia recebido a herança (Gl 4.3). Indica que o Pai celestial é quem administra o momento do acesso à posse da herança (Gl 4.4). Ele tem o controle do tempo oportuno e exato (gr. *kairós*) não só para o advento do Messias, mas também para a outorga das promessas e da herança eterna na vida de cada crente (Ec 3.1). Portanto, o crente deve confiar que Deus sabe o tempo certo para conceder cada porção da sua promessa a cada um de seus filhos (Rm 8.28).

SINOPSE III

A Trindade nos conduz à herança incorruptível e eterna.

CONCLUSÃO

O Espírito Santo é a dádiva do Pai celestial e de seu Filho Jesus Cristo. O Espírito nos torna filhos por adoção, herdeiros com Cristo, habita em nós, orienta e santifica o crente. A Igreja deve viver sob essa consciência: pertencemos ao Pai, guiados pelo Espírito, glorificando ao Filho.

REVISANDO O CONTEÚDO

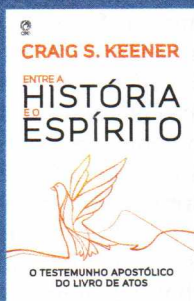
1. O que significa a expressão “Aba, Pai” e o que ela indica?
O aramaico Abba é a forma carinhosa para “papai”, e indica que em Cristo temos íntimo e livre acesso ao Deus Todo-Poderoso (Ef 2.18).
2. Como a ação do Espírito opera a mortificação das obras da carne?
Diz respeito a necessidade de o crente subjugar os desejos pecaminosos.
3. Explique o papel de cada Pessoa da Trindade no Plano de redenção.
O Pai é o autor do plano de salvação (1 Jo 4.14); o Filho é o executor da redenção (Hb 9.12); e o Espírito é o aplicador da adoção (Ef 1.5).
4. O que significa o termo “herdeiro” no contexto da filiação espiritual?
O termo “herdeiro” (gr. *klêronómos*) é utilizado no contexto legal para indicar que os adotados passam a ter pleno direito sobre os bens do Pai.
5. Quais são as consequências de ser coerdeiro com Cristo?
Compartilhamos com Ele a mesma herança; recebemos do Filho a herança eterna; essa herança é gloriosa incorruptível e incontaminável (Jo 17.24; 1 Pe 1.4).

LEITURAS PARA APROFUNDAR



Missões na Era do Espírito Santo

O autor, missionário e acadêmico John York com 25 anos de experiência na África, declara: a Bíblia tem que ser lida do ponto de vista de missões. Para York, a obra missionária ainda não está completa e deveria ter prioridade na Igreja. Qual contribuição que os pentecostais podem dar para compreender e realizar essa obra?



Entre a História e o Espírito

Esta obra apresenta os principais ensaios de Keener, uma das maiores autoridades sobre Lucas-Atos da atualidade. Dividida em três partes, cada uma foca nas questões históricas, contextuais e na ação do Espírito Santo. Keener une história, exegese e teologia para revelar o testemunho apostólico do livro de Atos ao leitor dos dias atuais.

LIÇÃO 12

22 de Março de 2026



O FILHO E O ESPÍRITO

TEXTO ÁUREO

“E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.”
(Lc 1.35)

VERDADE PRÁTICA

O Filho de Deus cumpriu seu ministério em plena dependência do Espírito, revelando que a Obra redentora é trinitária: o Pai envia, o Filho obedece e o Espírito capacita.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Lc 1.35

A concepção de Jesus foi obra sobrenatural do Espírito

Terça – Jo 1.14

O Filho Eterno se encarnou em perfeita submissão ao plano trinitário

Quarta – Jo 16.14

O Espírito não busca glória própria, mas revela e exalta o Filho

Quinta – Mt 12.28

Os milagres de Jesus foram realizados no poder do Espírito

Sexta – At 10.38

O Espírito capacitou Jesus em toda a sua missão terrena

Sábado – Lc 1.38

Maria é modelo de fé e submissão à vontade de Deus

Lucas 1.26-38

26 - E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré,

27 - a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.

28 - E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres.

29 - E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta.

30 - Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus,

31 - E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.

32 - Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai,

33 - e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim.

34 - E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão?

35 - E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.

36 - E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril.

37 - Porque para Deus nada é impossível.

38 - Disse, então, Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela.



Hinos Sugeridos: 25, 154, 401 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

Desde a concepção milagrosa do Filho até a sua glorificação, o Espírito está presente, revelando que a obra redentora é trinitária. Nesta lição, veremos como o Espírito Santo agiu na concepção, capacitação e missão de Jesus, e como essa verdade se aplica à nossa vida cristã.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Mostrar que a concepção de Jesus foi obra sobrenatural do Espírito Santo; II) Explicar que Jesus viveu e realizou

seu ministério em plena dependência do Espírito; III) Destacar que a obra da salvação é trinitária e exige do crente fé e submissão.

B) Motivação: Se até o Filho de Deus escolheu viver em dependência do Espírito Santo, quanto mais nós precisamos dessa mesma capacitação em nossa caminhada cristã.

C) Sugestão de Método: Inicie a aula escrevendo no quadro três expressões: Concepção - Capacitação - Cooperação. Peça que os alunos digam rapidamente o que cada palavra lhes

faz lembrar na vida de Jesus. Depois explique que essas três palavras resumem a relação entre o Filho e o Espírito: 1) *Concepção*: o Espírito foi o agente da encarnação (Lc 1.35); 2) *Capacitação*: Jesus realizou milagres e ensinou pelo poder do Espírito (Mt 12.28); 3) *Cooperação*: a Trindade age unida na salvação — o Pai envia, o Filho obedece e o Espírito capacita. Finalize incentivando os alunos a dependerem do Espírito em todas as áreas da vida cristã.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: Jesus viveu em perfeita obediência ao Pai e na dependência do Espírito. Isso nos ensina que a vida cristã não se apoia apenas em esforço humano, mas no agir do Espírito Santo.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão.

Essa revista traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.42, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “Concepção e Batismo”, localizado depois do primeiro tópico, aponta para a reflexão a respeito do papel do Espírito Santo na concepção virginal de Jesus Cristo; 2) O texto “Jesus e a Obra do Espírito”, ao final do segundo tópico, aprofunda o tema do relacionamento de Jesus com o Espírito Santo.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

O plano da salvação é uma ação coordenada pela Santíssima Trindade. Desde a concepção do Filho, sua obra redentora no Calvário e a ressurreição dentre os mortos, o Pai, o Filho e o Espírito atuam em perfeita unidade. Essa lição revela como o Espírito Santo participa ativamente da encarnação, capacitação e exaltação do Filho, e mostra a resposta esperada do crente à obra de Redenção.

Palavra-Chave
Dependência

I – O ESPÍRITO E A CONCEPÇÃO DO FILHO

1. O anúncio do nascimento de Jesus.

Lucas registra que o anjo Gabriel foi

enviado por Deus à cidade de Nazaré, na Galileia (Lc 1.26). O mensageiro visita uma jovem chamada Maria (Lc 1.27) e lhe faz uma revelação surpreendente: “E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho” (Lc 1.31a). E, ainda, lhe diz o nome da criança: “pôr-lhe-ás o nome de Jesus” (Lc 1.31b). Gabriel, também declara que o menino “será chamado Filho do Altíssimo” (Lc 1.32). Maria demonstra perplexidade, não entende como isso poderia acontecer, uma vez que era virgem (Lc 1.34). A esse respeito o anjo lhe assegura: “para Deus nada é impossível” (Lc 1.37). Na sequência, o texto afirma que ela creu e, na mais completa confiança e submissão declarou: “Eis aqui a serva

do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1.38).

2. O Espírito como agente da concepção. A explicação que o anjo faz a Maria, de como seria a concepção, é singular e miraculosa: “descerá sobre ti o Espírito Santo” (Lc 1.35a). A resposta é expressa por meio de uma figura de linguagem, em que a segunda linha repete a ideia da primeira. Assim, o “Espírito Santo” está vinculado à “virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” (Lc 1.35b). Como já estudado, a sombra refere-se à presença de Deus (Êx 40.35), reporta-se à nuvem da presença divina na transfiguração (Lc 9.34), e sinaliza o poder criativo do Espírito de Deus (Gn 1.2; Sl 104.30). Logo, reitera-se que a sombra do Espírito é protetiva e criadora. Desse modo, elucida o anjo, a concepção será obra do Espírito Santo pelo poder do Altíssimo, e por isso, “será chamado Filho de Deus” (Lc 1.35d).

3. A pureza e a santidade do Filho. O anjo afirma que o Filho que nasceria de Maria seria “Santo” (Lc 1.35c). A palavra “santo” (gr. *hágios*) indica separação do pecado e consagração ao serviço divino. No

caso de Jesus, designa um atributo divino (Sl 99.9). Ele já nasceu santo, assumiu a carne, mas não o pecado (Hb 4.15). Ele é o segundo Adão, obediente e justo (Rm 5.19). O Espírito também O consagrou para ser o Cordeiro sem defeito e imaculado (1 Pe 1.19). A santidade do Filho é a base de nossa redenção, justificação e santificação. Somente Ele foi capaz de cumprir a Lei (Mt 5.17); e de oferecer-se como sacrifício perfeito (Hb 10.10). Assim como Jesus foi concebido pelo Espírito, os crentes também nascem espiritualmente pelo mesmo Espírito, que nos santifica à imagem do Filho (Rm 8.29).

SINOPSE I

A concepção de Jesus foi sobrenatural, realizada pelo Espírito Santo, revelando a santidade do Filho.

AMPLIANDO O CONHECIMENTO



O ESPÍRITO OPEROU NO NASCIMENTO DE JESUS

“Tanto Mateus quanto Lucas declaram, claramente e de forma inequívoca, que Jesus entrou neste mundo como resultado de um ato miraculoso de Deus. Ele foi concebido pelo Espírito Santo (ou seja, sem que tenha havido uma união sexual entre um homem e uma mulher), e nasceu de uma virgem, chamada Maria (Mt 1.18,23; Lc 1.27).” Amplie mais o seu conhecimento, lendo a obra **Bíblia de Estudo Pentecostal: Edição Global**, editada pela CPAD.

CONCEPÇÃO E BATISMO

“Jesus está em profundo relacionamento com a terceira Pessoa da Trindade. Já de início, o Espírito Santo leva a efeito a concepção de Jesus no ventre de Maria (Lc 1.34,35).

O Espírito Santo veio sobre Jesus no seu batismo (Lc 3.21,22). Nessa ocasião, o relacionamento entre ambos assume um novo aspecto, que somente pela encarnação seria possível. Lucas 4.1 deixa claro que esse revestimento do Espírito Santo preparou Jesus para enfrentar Satanás no deserto e para a inauguração de seu ministério terrestre.

O batismo de Jesus tem desempenhado um papel crucial na cristologia, e devemos examiná-lo com profundidade. James Dunn argumenta que Jesus foi adotado como o Filho de Deus no seu batismo. Por isso, para Dunn, o significado de Lucas 3.22 é a iniciação de Jesus na filiação divina” (HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, pp.332-33).

II – O FILHO E A SUA RELAÇÃO COM O ESPÍRITO

1. O Filho é o Verbo feito carne. Ao assegurar que o Verbo se fez carne, a Escritura revela o mistério do Filho (Jo 1.14). Porém, o Verbo não começou a existir em Maria, pois Ele é Eterno, anterior à criação, coigual com o Pai e o Espírito (Jo 1.1-3). Isso indica que, na plenitude dos tempos, o Verbo assumiu a natureza humana sem deixar de ser Deus (Gl 4.4). Ele submeteu-se, voluntariamente às limitações

humanas, mas manteve a sua essência divina. Enquanto homem, Jesus não usou plenamente seus atributos divinos, exceto quando o Pai o permitia pelo Espírito (Lc 4.18,19; Jo 5.19; At 10.38). Dessa forma, a obra foi operada pelo Espírito Santo (Mt 1.20; Lc 1.35), demonstrando a perfeita harmonia entre o Filho e o Espírito na execução do plano redentor do Pai.

2. O Espírito capacita o Filho. Embora sendo Deus, em seu ministério terreno, Jesus agia como homem cheio do Espírito. Cada palavra proferida (Jo 3.34), cada milagre realizado (Lc 5.17), cada demônio expulso (Lc 11.20) e cada perdão ministrado (Lc 5.24) eram o resultado de uma vida conduzida pelo Espírito Santo (Mt 12.28). Sua ação salvadora era guiada e sustentada pelo Espírito (Lc 4.18). Ele não veio com ostentação, mas em humildade, movido por compaixão divina (Fp 2.5-7). O Espírito lhe capacitava com sabedoria, inteligência, poder e direção (Is 11.2). Esse padrão mostra que até mesmo o Verbo encarnado escolheu depender do Espírito de Deus (Mt 4.1). É também um modelo para todo o verdadeiro cristão. Toda obra espiritual deve ser realizada no poder e na direção do Espírito (At 1.8).

3. O Filho e o poder do Espírito. Como observado, o ministério de Jesus foi marcado pela dependência do Espírito. Isso não nega sua divindade, mas exalta sua humildade na encarnação. Seu batismo foi confirmado pelo Espírito e pela voz do Pai, como manifestação da Trindade (Lc 3.22). No deserto, pelo Espírito, venceu a tentação como o novo Adão (Mt 4.1; 1 Co 15.45). A unção do Espírito sustentou seu ministério (Mt 12.18-21). Seus milagres operados em comunhão com o Espírito revelaram o Reino de Deus (Mt 12.28). Em sua humanidade, submeteu-se ao Pai e agiu no poder do Espírito (Jo 6.38). A

entrega na cruz e a vitória sobre a morte foram realizadas em cooperação com o Espírito (Rm 8.11; Hb 9.14). Assim, mesmo sendo Deus, viveu em plena obediência ao Pai e capacitado pelo Espírito.

SINOPSE II

Durante toda a sua vida terrena, Jesus viveu em plena dependência do Espírito Santo.

AUXÍLIO TEOLÓGICO

JESUS E A OBRA DO ESPÍRITO

“Jesus é a figura chave no derramamento do Espírito Santo. Depois de levar a efeito a redenção mediante a cruz e a ressurreição, Jesus subiu ao Céu. De lá, juntamente com o Pai, Ele derramou e continua derramando o Espírito Santo em cumprimento à promessa profética de Joel 2.28,29 (cf. At 2.23). Essa é uma das maneiras mais importantes de hoje conhecermos Jesus: na sua qualidade de Doador do Espírito.

A força cumulativa do Novo Testamento é bastante relevante. A cristologia não é apenas uma doutrina para o passado. E a obra sumo-sacerdotal de Jesus não é único aspecto da sua realidade presente. O ministério de Jesus, e de ninguém mais, é propagado pelo Espírito Santo no tempo presente” (HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma**

Perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, pp.333-34).

III – A TRINDADE E A MISSÃO REDENTORA

1. O Pai envia o Filho e o Espírito.

A salvação é iniciativa do Pai. Ele é a fonte de todo propósito redentor (Jo 3.16). O Pai envia o Filho ao mundo, não apenas como mensageiro, mas como oferta viva (Gl 4.4,5). O Filho, o Verbo Eterno, assume a carne para cumprir perfeitamente a Lei e tomar sobre Si a condenação do pecado (2 Co 5.21). O Espírito, por sua vez, não é agente passivo, mas ativo desde o princípio: Ele concebe o Filho no ventre de Maria (Lc 1.35), acompanha-O em cada passo do seu ministério (At 10.38), e aplica os méritos da redenção nos corações dos crentes (1 Co 2.10). Essa cooperação revela a atuação da Trindade no plano da salvação: o Pai decreta, o Filho executa e o Espírito aplica (1 Pe 1.2). A redenção é, portanto, uma expressão do amor trinitário em missão (1 Jo 4.9).

2. O Espírito revela e exalta o Filho.

João explica que a missão do Espírito não é atrair atenção para si, mas revelar e exaltar o Filho. Jesus Cristo afirmou: “Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo 16.14). Esclarece-se que o Espírito não busca glória própria, mas dá testemunho do Filho (Jo 15.26). A direção do Espírito está, portanto, ligada principalmente à revelação do mistério da salvação, do Cristo crucificado e ressuscitado, que um dia voltará para buscar sua Igreja (1 Co 2.10). Assim, toda obra genuína do Espírito é profundamente cristocêntrica. Portanto, como Igreja, devemos discernir

as manifestações espirituais à luz da Bíblia (1 Jo 4.1,2). Tudo o que não aponta para Cristo não procede do Espírito. Cristo é o centro da obra do Espírito (Jo 16.13).

3. A fé e a submissão do crente. O plano da redenção, embora concebido e executado pela Trindade, requer uma resposta humana (Ef 2.8). Não somos agentes da redenção, mas somos seus recipientes e participantes (2 Co 5.18). Maria, ao ouvir a mensagem do anjo sobre a concepção milagrosa, mesmo sem entender plenamente, submeteu-se com fé (Lc 1.38). Sua resposta é um exemplo profundo da postura que todo crente deve assumir diante da obra trinitária, isto é, confiar com humildade e entrega total (Sl 37.5). Assim como o Filho se submeteu ao Pai e foi ungido pelo Espírito, também o crente é chamado a se colocar nas mãos de Deus, crendo que Ele é poderoso para fazer o impossível (Lc 1.37). A resposta que Ele espera de nós é fé (Hb 11.6), arrependimento (At 17.30) e obediência (Tg 1.22).

SINOPSE III

A obra da redenção é trinitária: o Pai envia, o Filho obedece e o Espírito capacita.

CONCLUSÃO

Reiteramos que a Redenção é uma obra trinitária que revela a perfeita unidade e cooperação entre as Pessoas divinas. O Filho, embora sendo Deus, submeteu-se ao Pai e agiu no poder do Espírito. Ao contemplarmos essa harmonia divina, somos convidados a uma resposta de fé genuína em Cristo, submissão voluntária à vontade do Pai, e obediência perseverante à direção do Espírito Santo em nosso viver diário.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. De acordo com a lição, o que significa a palavra “santo”?

A palavra “santo” significa separação do pecado e consagração a Deus.

2. Qual é a base de nossa redenção, justificação e santificação?

A santidade de Cristo é a base da nossa redenção, justificação e santificação.

3. O Verbo encarnado escolheu depender do Espírito de Deus que lhe capacitava com o quê?

O Verbo encarnado escolheu depender do Espírito, que lhe concedia sabedoria, poder e direção.

4. Qual é a missão do Espírito, que João explica, conforme Jesus afirmou em João 16.14?

A missão do Espírito é glorificar e exaltar o Filho.

5. Quando nos colocamos nas mãos de Deus, crendo que Ele é poderoso para fazer o impossível, qual é a resposta que Ele espera de nós?

Deus espera de nós fé, arrependimento e obediência.

LIÇÃO 13

29 de Março de 2026

A TRINDADE SANTA E A IGREJA DE CRISTO

TEXTO ÁUREO

“Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Sant.” (Mt 28.19)

VERDADE PRÁTICA

A redenção da Igreja é uma obra conjunta da Trindade: o Pai elege, o Filho redime e o Espírito santifica, sustentando a fé e a missão da Igreja no mundo.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – 1 Pe 1.2

A salvação é fruto do plano eterno do Pai por meio de sua presciência

Terça – Ef 1.4

Deus nos escolheu em Cristo desde a eternidade com o propósito de uma vida santa

Quarta – 1 Jo 1.7

A comunhão com Cristo e entre os crentes é sustentada pelo sangue purificador de Jesus

Quinta – 2 Ts 2.13

A obra do Espírito é essencial para a salvação e perseverança na fé

Sexta – Jo 15.4

A comunhão contínua com Cristo é indispensável para uma vida frutífera

Sábado – 2 Co 13.13

A Trindade atua em favor da Igreja com graça, amor e comunhão permanente

2 Coríntios 13.11-13; 1 Pedro 1.2,3

2 Coríntios 13

11 Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco.

12 Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. Todos os santos vos saúdam.

13 A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos. Amém!

1 Pedro 1

2 eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: graça e paz vos sejam multiplicadas.

3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos,



Hinos Sugeridos: 124, 243, 313 da Harpa Cristã

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A Trindade é a base da fé cristã e o fundamento da vida e missão da Igreja. Pai, Filho e Espírito Santo atuam em perfeita unidade na eleição, redenção, santificação e envio da Igreja ao mundo. Nesta lição, veremos como a Igreja nasce, cresce e cumpre sua missão pela comunhão com o Deus Triúno.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Mostrar a atuação do Pai, do Filho e do Espírito no Plano Redentor; II) Explicar que a comunhão da Igreja só é possível pela ação trinitária; III) Destacar que a missão da Igreja é fruto do envio e capacitação da Trindade.

B) Motivação: O Pai nos amou, o Filho nos redimiu e o Espírito nos santifica e envia. Se a Igreja é trinitária em sua origem e essência, nós,

como membros do corpo de Cristo, devemos viver em comunhão com o Pai, permanecer em Cristo e andar no Espírito. Isso motiva cada aluno a reconhecer a graça de ser parte de um povo trinitário e a assumir com alegria a missão que nos foi confiada.

C) Sugestão de Método: No início da aula, escreva no quadro três palavras: Eleição – Redenção – Santificação. Pergunte aos alunos quem realiza cada uma dessas obras. Depois mostre que todas pertencem à Trindade: o Pai elege, o Filho redime e o Espírito santifica. Em seguida, acrescente outra tríade: Amor – Graça – Comunhão (2 Co 13.13). Explique que a vida cristã é sustentada pelo amor do Pai, pela graça de Cristo e pela comunhão do Espírito. Finalize incentivando os alunos a viverem diariamente nessa realidade trinitária.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: A Igreja não é fruto do acaso, mas do plano eterno do Pai, realizado pelo Filho e aplicado pelo Espírito. Isso nos ensina que a vida cristã não é possível sem comunhão com o Deus Triúno. Assim como fomos chamados, santificados e enviados pela Trindade, devemos viver em unidade e cumprir nossa missão com dependência do Espírito, amor ao Pai e fidelidade a Cristo.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista

que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à *Lições Bíblicas Adultos*. Na edição 104, p.42, você encontrará um subsídio especial para esta lição.

B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “O Papel do Espírito na Trindade Redentora”, localizado depois do primeiro tópico, aprofunda o tema do plano redentor operado pela Trindade Santa; 2) O texto “A Missão da Igreja”, ao final do terceiro tópico, aprofunda o tema do comissionamento da Igreja pela Santíssima Trindade.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A Trindade é uma doutrina fundamental da fé cristã e, também, a base da existência e da missão da Igreja. Ela revela o agir cooperativo do Pai, do Filho e do Espírito, de forma harmoniosa na criação, redenção, santificação e na comunhão da Igreja. Essa lição visa mostrar como a Trindade sustenta, guia e envia a Igreja para o cumprimento do seu papel no mundo. Compreender essa verdade fortalece nossa identidade como povo de Deus.

Palavra-Chave
Trindade

eternidade (Ef 1.4). Esse plano precede a nossa existência, pois fomos “eleitos segundo a presciência de Deus Pai” (1 Pe 1.2a). O termo “presciência” (gr. *proginōskō*) significa “conhecer de antemão” (Rm 11.2, NVT). Aponta para o conhecimento prévio de Deus, que sabe de todas as coisas antes de elas acontecerem. Assim, Deus elegeu de antemão aqueles que Ele soube que iriam crer e perseverar em Cristo (Rm 8.29).

2. Redimidos pelo sangue de Cristo. A Igreja é o resultado direto da obra redentora do Filho. Nela, os crentes são chamados por Deus e reconhecidos como “eleitos segundo a presciência de Deus Pai [...] e aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1 Pe 1.2). Nesse enunciado, temos a atuação do Pai, que elege, e do

I – A TRINDADE E O PLANO REDENTOR

1. Eleitos segundo a presciência do Pai. Deus elegeu a Igreja desde a

O PAPEL DO ESPÍRITO NA TRINDADE REDENTORA

“A salvação somente começa quando o indivíduo estiver convencido do pecado pessoal. Entendemos que essa “convicção” significa que a pessoa reconhece ter feito o mal e constar como culpada diante de Deus. E é o Espírito Santo quem produz tal convicção, que é a primeira etapa na santificação do indivíduo e a única que não requer o seu consentimento. Jesus referiu-se a este ministério do Espírito quando disse: “E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais; e do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado” (Jo 16.8-11).

Note que Jesus disse que o Espírito convencerá “o mundo”. Em outras palavras, o Espírito Santo tem um ministério de convicção entre os inconversos. Ele convence os mundanos de três coisas: (1) que seus pecados, especialmente o pecado da descrença no Filho de Deus, os fez culpados diante de Deus, (2) que a justiça é possível e desejável e (3) que os que não quiserem escutar a voz do Espírito serão julgados por Deus.

A tentativa do Espírito em produzir a convicção pode ser resistida (At 7.51), conforme muitas vezes acontece. Há inclusive uma rejeição direta, que é dos réprobos (1 Tm 4.2)” (HORTON, Stanley M. (Ed.). **Teologia Sistemática: Uma Pers-**

Filho, que redime com seu sangue. A frase “aspersão de sangue” remete ao ritual do Antigo Testamento, em que o sangue do sacrifício estabelecia uma aliança, e a aspersão concedia benefícios aos adoradores (Êx 24.8). Do mesmo modo, Cristo estabelece uma Nova Aliança com seu próprio sangue, para a remissão dos pecados (Hb 9.13-15). Ele amou a Igreja e voluntariamente morreu por ela e no lugar dela (Ef 5.25). Esse ato é substitutivo, único, definitivo e eficaz, cujo efeito reconcilia o homem com Deus (2 Co 5.18,19) e purifica o pecador (1 Jo 1.7).

3. Santificados pelo Espírito Santo. A obra do Espírito é igualmente indispensável à identidade da Igreja de Cristo: “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito [...] e aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1 Pe 1.2). O conjunto desse versículo revela a cooperação trinitária na salvação: o Pai elege, o Filho redime, e o Espírito santifica. O termo “santificação” (gr. *hagiasmós*) indica separação do pecado e consagração ao serviço do Reino. Sem a ação do Espírito, a Igreja não passa de uma instituição humana. É o Espírito que a vivifica, purifica e conduz em conformidade com Cristo (2 Ts 2.13).

SINOPSE I

O Pai elege, o Filho redime e o Espírito santifica: a salvação é uma obra trinitária.

II – A IGREJA E A COMUNHÃO COM A TRINDADE

1. Comunhão com o Pai. O amor demonstrado por Deus tornou possível nosso relacionamento com Ele (Jo 3.16). Acerca disso, ensina a Escritura: “conservai a vós mesmos no amor de Deus” (Jd 1.21a). O verbo “conservar” (gr. *phyláxate*) ressalta urgência e significa “manter; preservar, guardar, permanecer” (Jo 8.51-55). A Escritura admoesta os crentes a zelar pelo amor que Deus tem por nós, o amor que temos por Ele, e o amor que devemos aos irmãos (1 Jo 4.10-12). Estar no amor de Deus implica caminhar na sua vontade e guardar os seus mandamentos (Jo 14.21). Permanecer neste amor denota verdadeira comunhão, que se manifesta em uma vida de temor ao Senhor (Fp 2.12). O amor de Deus é, portanto, a fonte e o sustento da comunhão com o Pai e da perseverança da vida cristã (Rm 8.35-39).

2. Comunhão com o Filho. João revela que é por meio de Cristo que temos acesso ao Pai, à verdade e à vida (Jo 14.6). Do mesmo modo, Judas exorta os salvos a manterem a esperança gerada pela “misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna” (Jd 1.21b). Assim, a vida eterna não é apenas uma realidade futura, pois “estar em Cristo” hoje é requisito essencial para essa dádiva (1 Jo 5.11). Desse modo, é impossível possuir vida eterna sem ter comunhão com Cristo (1 Jo 5.12).

3. Comunhão com o Espírito. A comunhão com o Espírito é um aspecto vital para a fé cristã. Judas adverte os

crentes a serem edificados “sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo” (Jd 1.20). O versículo evidencia que a vida espiritual genuína não é possível sem a ação constante do Espírito (Gl 5.25). A oração no Espírito não se resume a palavras, mas expressa intimidade ativa e dependente da direção divina (Rm 8.26,27). O Espírito é quem promove a unidade no Corpo de Cristo (Ef 4.3). A comunhão com Ele nos insere na dimensão espiritual onde há reconciliação, perdão e cooperação (Ef 4.30-32; Fp 2.1,2). Assim, a verdadeira unidade cristã não ocorre por meio de celebrações, mas é preservada pelo Espírito, quando os crentes vivem em comunhão e amor sacrificial (Ef 5.1-3).

SINOPSE II

A Igreja é sustentada pelo amor do Pai, pela graça do Filho e pela comunhão do Espírito.

III – A IGREJA É ENVIADA PELA TRINDADE

1. A missão dada pelo Pai. A Trindade age de forma cooperativa no envio da Igreja ao mundo. A missão é uma extensão da comunhão trinitária para alcançar a humanidade com o Evangelho. A origem está no coração do Pai, cujo desejo é que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade (1 Tm 2.4). Desde o Antigo Testamento vemos Deus chamando e enviando seu povo para

ser luz entre as nações (Is 49.6). No Novo Testamento esse chamado ganha novo vigor por meio da Igreja, instrumento do Pai para proclamar a sua graça (2 Co 5.18-20). A missão não é uma ideia tardia, mas um plano eterno do Pai (Ef 1.4,11). O envio do Filho é o ápice desse propósito, e a Igreja é chamada a participar dessa missão como corpo de Cristo no mundo (Jo 17.18).

2. O Filho comissiona seus discípulos. O Filho, enviado pelo Pai, agora envia a sua Igreja. Após sua ressurreição, Cristo ordenou: “Portanto, ide, ensinais todas as nações [...] ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado” (Mt 28.19,20). A tarefa da Grande Comissão é uma ordenança proclamadora e um mandato educacional. É responsabilidade da Igreja evangelizar e ensinar a Palavra de Deus (2 Tm 4.2). Essa ordenança é uma expressão da graça salvadora, levando a mensagem do Reino a todas as pessoas, e “batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19b). O batismo é realizado na autoridade do nome de Jesus (At 2.38), mas a fórmula batismal é trinitária — em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Não é apenas uma liturgia, mas também uma confissão pública da fé na obra redentora da Trindade (Ef 4.4-6).

3. O Espírito capacita e envia. A missão da Igreja não pode ser realizada sem a capacitação do Espírito (Lc 24.49). Ele é quem dá poder e ousadia para testemunhar de Cristo (At 1.8). Em Atos, vemos o Espírito separando e enviando missionários para o serviço cristão (At 13.2). Ele não apenas acompanha, mas orienta e dirige a tarefa evangelizadora da Igreja (At 16.6,7). É o Espírito quem concede dons espirituais para o exercício eficaz do ministério (1 Co 12.4-7).

SINOPSE III

A missão da Igreja é trinitária: o Pai envia, o Filho comissiona e o Espírito capacita.

AUXÍLIO DOUTRINÁRIO

A MISSÃO DA IGREJA

“Entendemos que a função primordial da Igreja é glorificar a Deus: ‘quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus’ (1 Co 10.31). Isso é feito por meio da adoração, da evangelização, da edificação de seus membros e do trabalho social. A Igreja foi eleita para a adoração e louvor da glória de Deus, recebendo, também, a missão de proclamar o evangelho da salvação ao mundo todo, anunciando que Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e que em breve voltará. O evangelho é proclamado a homens e mulheres, sem fazer distinção de raça, língua, cultura ou classe social, pois ‘o campo é o mundo’ (Mt 13.38). Jesus disse: ‘Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações’ (Mt 28.19 – ARA), ‘e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra’ (At 1.8). [...] Ensina-mos que, para a consecução da sua missão, o Espírito Santo foi derra-

mado sobre a Igreja no dia de Pentecostes, e Cristo concedeu líderes para servir à Igreja: 'Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo' (Ef 4.12)" (**Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, pp.122-23).

CONCLUSÃO

A Trindade está presente em toda a história da salvação: desde a nossa eleição, formação, santificação e envio. Por isso, como instituição trinitária, a Igreja é chamada a cumprir seu papel no mundo com poder e fidelidade. Essa Igreja vive, persevera e cumpre sua missão mediante a comunhão com o Deus Triúno. Essa doutrina não é abstrata, mas prática, viva e transformadora.

REVISANDO O CONTEÚDO

1. Pela atuação do Espírito Santo, a Igreja é chamada a quê?

A obediência e a purificação contínua.

2. Qual é a fonte e o sustento da comunhão com o Pai e da perseverança da vida cristã?

O amor de Deus.

3. A verdadeira unidade cristã é preservada por quem?

Pelo Espírito Santo.

4. No Novo Testamento, qual é o instrumento do Pai para proclamar a sua graça e cumprir a responsabilidade de evangelizar e ensinar a Palavra de Deus?

A Igreja, corpo de Cristo.

5. Além de ser uma liturgia, o que o batismo nas águas é?

Uma confissão pública da fé na obra redentora da Trindade.

UMA EDUCAÇÃO QUE VAI ALÉM DA DIDÁTICA PEDAGÓGICA

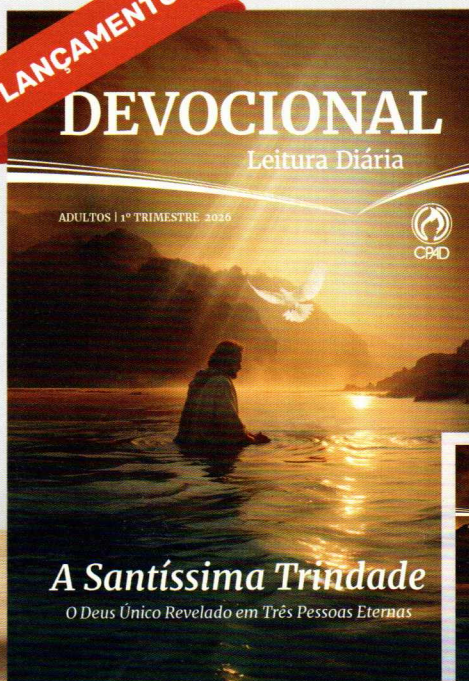
A sociedade pós-moderna impõe desafios inéditos às igrejas e aos cristãos. Em meio a crises sanitárias, morais, sociais e tecnológicas, a Educação Cristã precisa ser mais do que uma transmissão de conhecimento – deve ser um instrumento de transformação.



DEVOCIONAL DO TRIMESTRE

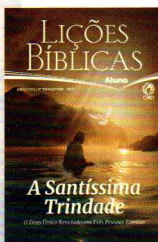
APROFUNDE, DIA A DIA, A LEITURA BÍBLICA DE SUA LIÇÃO

LANÇAMENTO



A Palavra de Deus é a fonte de inspiração e conduta para professores e alunos que frequentam a Escola Dominical. É dela que os assuntos estudados são extraídos, trazendo edificação e ensino para os leitores. Entendendo que espiritualidade e ensino fazem parte do nosso crescimento espiritual, este devocional inédito, inspirado na própria leitura diária indicada nas *Lições Bíblicas Adultos CPAD*, apresenta um auxílio para acompanhar a sua leitura semanal de trechos da Bíblia atrelados à lição de cada semana. São textos meditativos e devocionais, que ajudarão você a compreender a importância da aplicação da leitura dos versículos das Lições Bíblicas no seu dia a dia.

Em cada página,
um convite à reflexão,
à comunhão e
à prática da Palavra.



Formato: 13 x 18 cm | Páginas: 96 | Acabamento: brochura



Semeia
a Palavra



ISSN 2358-811X

7 908234 021118



CPAD/video

editoraCPAD

editora_cp

EditoraCPAD



cpad.com.br